

Gramática  
do Crioulo  
da ilha de Santiago  
(Cabo Verde)

elaborada por

Jürgen Lang

com a colaboração de

Liliana Inverno  
André dos Reis Santos e  
Andreas Blum

© Jürgen Lang

## Aviso importante

A publicação desta *Gramática do Crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)* em formato eletrónico é uma obra em curso. Existe, desde 2002, uma versão manuscrita completa em alemão que vai sendo revista e traduzida para português. Assim, a sua publicação na internet avançará ao ritmo a que avançarem a revisão e tradução para português do texto original em alemão.

O leitor dispõe, desde já, de um *Índice Geral*, pormenorizado para as partes publicadas e reduzido aos títulos para os capítulos que aguardam publicação. Para maior clareza, as partes publicadas aparecerão sempre, no *Índice Geral*, sobre fundo cinzento. O leitor dispõe também desde já de uma *Introdução*, onde informamos sobre a finalidade, as características, as fontes, as bases teóricas e os predecessores desta obra. E dispõe também de listas de abreviaturas para fontes, línguas e termos gramaticais. A bibliografia crescerá juntamente com a gramática, em função das novas entregas.

É inevitável que a paginação da obra sofra algumas modificações ao longo da publicação. Assim, aos que quiserem citar ou mencionar alguma passagem desta gramática recomenda-se, que remetam não para páginas mas para parágrafos, tal como faz o seu autor nas suas remissões internas.

## Prefácio

Quase um decênio depois do lançamento de *Dicionário do Crioulo de Santiago (Cabo Verde) com equivalências de tradução em alemão e português, elaborado por Martina Brüser e André dos Reis Santos, com a contribuição de Ekkehard Dengler e Andreas Blum, sob a direção de Jürgen Lang* (Tübingen: Narr 2002), iniciamos hoje, em versão eletrônica, a publicação da gramática deste crioulo anunciada desde o prefácio do Dicionário.

Motivos vários nos obrigaram a adiar o início da publicação de um manuscrito que, à época, estava já quase concluído. O principal motivo foi ter-se revelado infrutífera a busca por uma pessoa de língua materna portuguesa com uma boa formação linguística, capaz e disposta a levar a cabo a revisão do português. Encontrámo-la finalmente na recém-doutorada linguista da universidade de Coimbra, Liliana Inverno, que já nos tinha dado provas dos seus excelentes dotes noutra ocasião. Sabendo por experiência que uma revisora de tais dotes não pode senão descobrir inúmeros erros e incoerências no nosso texto, contribuindo desta forma poderosamente para a melhoria do mesmo, consideramo-la não apenas revisora, mas colaboradora. Tal título convém ainda a duas outras pessoas: ao nosso colaborador alemão de longos anos, Andreas Blum, que leu boa parte do manuscrito alemão, chamando a nossa atenção para tudo o que lhe parecia ambíguo e duvidoso, e ao nosso colaborador caboverdiano, André dos Reis Santos, que forneceu milhares de frases exemplificativas para o nosso Dicionário, as quais aproveitamos de novo nesta gramática. André dos Reis Santos serviu-nos sempre de informante, a tal ponto que se pode dizer que é antes de mais o seu crioulo que nesta gramática se descreve.

Esta gramática é, pois, o resultado de uma cooperação germano-caboverdiano-portuguesa. Que todas as pessoas mencionadas e as inúmeras outras que contribuíram de forma mais indireta para tornar esta obra possível, e entre as quais mencionamos apenas a nossa companheira Beate Gresser, encontrem aqui a expressão da nossa mais profunda gratidão.

# Índice geral

## 0. Introdução

### 0.1 Finalidade

### 0.2 Características

- 0.2.1 Estado atual da língua
- 0.2.2 Que variedade do crioulo de Santiago?
- 0.2.3 Fontes de informação
- 0.2.4 Uma gramática abrangente
- 0.2.5 Bases teóricas

### 0.3 Predecessores

- 0.3.1 Francisco Adolfo Coelho (1880-1886)
- 0.3.2 Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte (1886)
- 0.3.3 António de Paula Brito (1887)
- 0.3.4 Armando Napoleão Rodrigues Fernandes (anterior a 1938)
- 0.3.5 Baltasar Lopes da Silva (1957) e Maria Dulce de Oliveira Almada (1961)
- 0.3.6 José G. Herculano de Carvalho e Mary Louise Nunes (1962)
- 0.3.7 Donaldo Pereira Macedo (1979)
- 0.3.8 Izione S. Silva (1985)
- 0.3.9 Os nossos contemporâneos

### 0.4 Abreviaturas

- 0.4.1 Abreviaturas das fontes
- 0.4.2 Abreviaturas das classes de palavras
- 0.4.3 Outras abreviaturas
- 0.4.4 Símbolos

### 0.5 Bibliografia

## I. SONS E ESCRITA

### 1. Fonética e fonologia

#### 1.1. Unidades fónicas

- 1.1.0 Observações preliminares
- 1.1.1 Frase
- 1.1.2 Palavra fónica
- 1.1.3 Grupo tónico ('pé')
- 1.1.4 Sílaba
- 1.1.5 Fonema
- 1.1.6 Texto exemplificativo com transcrição

## 1.2 Fonemas

- 1.2.0 Observação preliminar a respeito da nasalidade
- 1.2.1 Fonemas vocálicos
  - 1.2.1.1 Inventário
  - 1.2.1.2 Traços distintivos
  - 1.2.1.3 Pares mínimos
    - 1.2.1.4 Emprego das oposições semiaberto/aberto para diferenciar categorias gramaticais
  - 1.2.1.5 Traços não distintivos
    - 1.2.1.5.1 Lábios
    - 1.2.1.5.2 Cordas vocais
    - 1.2.1.5.3 Altura
    - 1.2.1.5.4 Duração
    - 1.2.1.5.5 Tipos de nasalidade
    - 1.2.1.5.6 Texto exemplificativo com transcrição
  - 1.2.1.6 Neutralizações
    - 1.2.1.6.1 Neutralizações do grau de abertura
    - 1.2.1.6.2 Neutralizações da oposição oral / nasal
  - 1.2.1.7 Realização dos (arqui)fonemas
    - 1.2.1.7.1 Nas sílabas livres
    - 1.2.1.7.2 Nas sílabas travadas
  - 1.2.1.8 Combinatória dos fonemas vocálicos
    - 1.2.1.8.1 Hiatos
    - 1.2.1.8.2 Ditongos
- 1.2.2 Fonemas consonânticos
  - 1.2.2.1 Inventário
    - 1.2.2.1.1 O fonema /ŋ/
    - 1.2.2.1.2 Os fonemas consonânticos nasalizados
      - 1.2.2.1.3 O estatuto de /v/, /z/, /ʒ/, /ʎ/ (/ṽ/, /z̃/, /ʒ̃/, /ʎ̃/)
  - 1.2.2.2 Traços distintivos
  - 1.2.2.3 Pares mínimos
  - 1.2.2.4 Realizações
    - 1.2.2.4.1 Ponto de articulação
    - 1.2.2.4.2 /c/ e /j/
    - 1.2.2.4.3 /s/, /z/, /ʒ/ e /ʃ/
    - 1.2.2.4.4 /r/
    - 1.2.2.4.5 Nasalidade
  - 1.2.2.5 Neutralizações
  - 1.2.2.6 Combinatória
    - 1.2.2.6.1 Generalidades
    - 1.2.2.6.2 Final da palavra
    - 1.2.2.6.3 Início da palavra
    - 1.2.2.6.4 Interior da palavra
  - 1.2.2.7 Mudança fônica no domínio consonântico
    - 1.2.2.7.1 Queda do /b/ intervocálico
    - 1.2.2.7.2 Vocalização do /l/ diante de consoante
  - 1.2.2.8 A fala de Nhu Lobu

## **1.3 Fenómenos fônicos suprasegmentais**

- 1.3.1 Estrutura fônica da sílaba
- 1.3.2 Estrutura fônica da palavra
  - 1.3.2.1 Estrutura mais usual
  - 1.3.2.2 Tonicidade
    - 1.3.2.2.1 Natureza do acento fônico
    - 1.3.2.2.2 Palavras tônicas e átonas
    - 1.3.2.2.3 Lugar da sílaba tônica dentro da palavra
- 1.3.3 Grupo tônico
  - 1.3.3.1 Próclise e ênclise
  - 1.3.3.2 Elisões
- 1.3.4 Entoação

## **2. Escrita**

### **II. ANÁLISE DO DISCURSO**

#### **3. Conversa, texto, frase, sintagma, palavra**

### **III. ESPÉCIES DE PALAVRAS: PALAVRAS LEXEMÁTICAS**

#### **4. Sintagma verbal e verbo**

#### **5. Sintagma adverbial e advérbio**

#### **6. Sintagma substantival e substantivo**

#### **7. Sintagma adjetival e adjetivo**

### **IV. ESPÉCIES DE PALAVRAS: PALAVRAS CATEGOREMÁTICAS**

#### **8. Quantificadores**

#### **9. Seletores**

#### **10. Situadores**

### **V. ESPÉCIES DE PALAVRAS: PALAVRAS MORFEMÁTICAS**

12. Subordinadores de orações

13. Conjunções coordenativas

14. Preposições

15. Conjunções subordinativas

VI. ESPÉCIES DE PALAVRAS: INTERJEIÇÕES

16. Interjeições

VII. SINTAXE

17. Negação e palavras de negação

18. Interrogação e palavras interrogativas

19. Ordem dos elementos da frase

VIII. FORMAÇÃO DE PALAVRAS

20. Formação de palavras

## **0. Introdução**

### **0.1 Finalidade**

À semelhança do nosso *Dicionário do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)* (Brüser et al. 2002), esta gramática visa dois grupos de destinatários.

Visa, por um lado, os próprios caboverdianos, especialmente os habitantes da ilha de Santiago, que, nos âmbitos da literatura, dos meios de comunicação, da administração e da educação, lidam diariamente com o crioulo. Esperamos, por exemplo, que esta gramática possa servir de ponto de partida à elaboração de materiais didáticos para o ensino da e na língua materna.

Por outro lado, esta gramática visa também os linguistas que, um pouco por todo o mundo, se ocupam das línguas que devem a sua existência a um processo de criouliização, com destaque para aqueles que estudam os crioulos de base portuguesa.

Ambos os grupos necessitam de uma informação abrangente e fidedigna. No entanto, têm conhecimentos e dúvidas específicas e precisam, por conseguinte, de informações em parte diferentes. Pedimos ao utilizador da gramática que tome este aspeto em consideração, caso se impaciente ao ver-se confrontado com informações aparentemente supérfluas.

### **0.2 Características**

#### 0.2.1 Estado atual da língua

O autor desta gramática interessa-se vivamente pela criouliização do português em Santiago e pela história do crioulo santiaguense. Contudo, o que aqui propõe é uma gramática estritamente sincrónica do estado atual do crioulo de Santiago, ignorando propositadamente a sua história. A razão para este facto é a seguinte: uma interpretação do funcionamento atual da língua a partir da sua história facilmente nos levaria a deixarmos passar despercebidos factos do crioulo atual e/ou



não facilmente explicáveis a partir desses antecedentes históricos. Tais omissões mutilariam a própria história que se pretende honrar, pelo que é melhor seguir a ordem contrária: um bom conhecimento do funcionamento atual da língua, não distorcido por preconceitos inspirados pela história, é uma das condições prévias para, no futuro, se poder enfrentar com possibilidade de êxito a reconstrução da história da língua. Apenas falaremos de formas modernas e formas mais antigas de uma expressão, quando a sua convivência no crioulo santiaguense atual o justificar.

### 0.2.2 Que variedade do crioulo de Santiago?

A ilha de Santiago tem apenas 55 Km de comprimento, 29 Km de largura, e uma superfície de 991 km<sup>2</sup>. Apesar disso, apresenta uma considerável variação linguística interna. Tivemos, pois, de escolher uma variedade particularmente representativa. Tentámos fazer das fraquezas forças, ao escolher como ponto de referência o crioulo de André dos Reis Santos, que durante seis anos colaborou, em Erlangen, na elaboração do nosso *Dicionário*. Tudo aquilo que lhe era familiar foi aceite sem reserva; o que lhe era pouco familiar ou desconhecia por completo apenas foi aceite após confirmação por um número suficiente de outras fontes.

Nascido em 1964 em João Teves dos Órgãos (Concelho de Santa Cruz), André dos Reis Santos viveu nessa localidade até à idade de treze anos. Em 1977 entrou para o seminário, na Praia, cidade onde também frequentou o liceu. Mais tarde, obteve na *Escola de Formação de Professores* uma licenciatura em Estudos Caboverdianos e Portugueses, apadrinhada pela Universidade de Lisboa, antes de se juntar, em fevereiro de 1994, ao grupo de trabalho de Erlangen (Alemanha), cidade onde atualmente continua a residir.

A localidade de João Teves está situada junto à estrada principal que atravessa a ilha da extremidade sudeste, onde está a capital, Praia, até à extremidade noroeste, onde se encontra a estação balnear do Tarrafal. Se começarmos na Praia a viagem pela ilha montanhosa, chegamos a João Teves após cerca

de 25 Km. Aproximadamente 15 Km mais adiante encontramos a Assomada, uma importante vila comercial no planalto central da ilha. Contando com, sensivelmente, dois mil habitantes, João Teves, embora nitidamente rural, não é de forma alguma remota ou provinciana. Em consequência, o crioulo que André dos Reis Santos fala é um crioulo que não chamará a atenção nem na capital, nem no interior da ilha. Há povoações mais remotas (por exemplo, no Concelho de Santa Catarina) onde se fala um crioulo muito mais "fundo", arcaico e regionalmente circunscrito, enquanto que na Praia existe uma burguesia urbana que fala um crioulo "leve", muito mais influenciado pelo português da vida pública. Entre estes dois extremos, o crioulo de André dos Reis Santos ocupa uma posição intermédia, neutra.

### 0.2.3 Fontes de informação

As fontes de informação nas quais se baseia esta gramática continuam a ser as utilizadas na elaboração do nosso *Dicionário*, complementadas por algumas publicações mais recentes. De facto, nenhum falante conhece toda a sua língua. Esta afirmação vale não só em relação ao conjunto das variedades da língua histórica que fala, mas até mesmo relativamente à variedade dessa língua que mais usa. Para além disso, nenhum informante consegue, mesmo sendo bom linguista, sentar-se simplesmente a uma mesa e descrever a própria língua. Como tal, foi forçoso compilar um *corpus* linguístico tematicamente diferenciado e completá-lo, posteriormente, com a ajuda de André dos Reis Santos.

As fontes que foram sistematicamente analisadas pertencem, sem exceção, ao discurso oral e dividem-se em três tipos: gravações (31 entrevistas efetuadas pelo autor e colaboradores desta gramática, nomeadamente André dos Reis Santos e Maria do Carmo Massoni), transcrições levadas a cabo por André dos Reis Santos (44 das anedotas de Nastási Lópi disponíveis em cassette), e material já transcrito e publicado por outros autores (os mais de 100 contos tradicionais transcritos na sua maioria por professores e editados por Tomé Varela da Silva sob o título *Na bóka noti, Vulumi-I*, Sigundu Idison, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Praia 2004, e os contos de *Un bes tinha Nhu Lobu ku Xibinhu...* e de *Karlus Magnu di Pasaji pa Kabu Verdi*, organizados e coordenados por Humberto Lima e

publicados, nos anos 2000 e 2005 respetivamente, pelo Instituto Nacional de Investigação Cultural, na Praia, que em 2005 tinha passado a Instituto da Investigação e Património Culturais). Apenas esporadicamente foram consultadas outras fontes. É o caso de quatro longos contos populares assentes por Luzia Semedo e de alguns textos literários, como por exemplo as mais de duzentas páginas do romance *Odju d'agu*, de Manuel Veiga (2a edição, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro 2009, primeira ed. de 1986), os contos de *Natal y kontus*, de Tomé Varela da Silva (Praia: Instituto Caboverdiano do Livro 1986) e os de *Lagoa Gémia*, de Danny Spínola, publicados pela primeira vez em 2004.

Cientes de que, no seu estado atual, esta gramática está ainda longe de responder a todas as perguntas que lhe podem dirigir os intelectuais caboverdianos e os crioulistas do mundo, convidamos todos os falantes e investigadores do crioulo de Santiago a contribuírem para o seu aperfeiçoamento advertindo-nos sobre possíveis erros ou lacunas. Esforçar-nos-emos por levar em conta tais advertências numa eventual revisão.

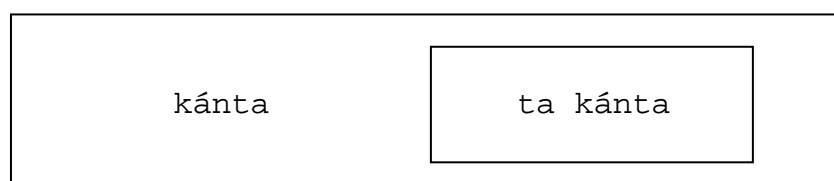
#### 0.2.4 Uma gramática abrangente

Como já dissemos no prefácio ao nosso *Dicionário*, no que diz respeito à extensão do seu vocabulário e da sua gramática, não há "línguas pequenas". Como tal, não é correto continuar a tratar as línguas que são "pequenas" em termos do número de falantes, como é o caso da generalidade das línguas crioulas, como sendo línguas inferiores em termos lexicográficos ou gramaticais. Eis uma das razões pela qual desejámos que esta gramática fosse muito mais abrangente que qualquer das suas antecessoras. Outro aspecto que a distingue destas é a vasta quantidade de frases exemplificativas (fornecidas, sem exceção, por falantes de crioulo) das afirmações que contém. A reflexão que nos levou a proceder desta forma foi a seguinte: por vezes, os exemplos, quando suficientemente numerosos, podem compensar, até certo ponto, lacunas ou deficiências na descrição.

### 0.2.5 Bases teóricas

As bases teóricas subjacentes à nossa gramática são, além, evidentemente, da multissecular tradição gramatográfica ocidental, um estruturalismo esclarecido de cunho europeu e a recente corrente de pragmática linguística, que inclui a teoria dos atos de fala.

Quanto ao estruturalismo, isto significa, em primeiro lugar, elevar a função comunicativa a critério para a distinção entre o que são meras variantes (por ex. alofones, alomorfes, etc.) daquilo que são unidades linguísticas (por ex. fonemas, morfemas) distintas. Significa também admitir que as unidades linguísticas formam oposições diretas ou indiretas e que as diretas são muitas vezes de carácter inclusivo, isto é, opõem um membro marcado a outro não marcado que pode, em determinadas circunstâncias, aparecer em lugar do marcado. Assim, por exemplo, não nos surpreenderá observar que, em muitos dos contextos onde a 'imperfetividade' do processo não interessa ou resulta claramente do contexto, a partícula verbal *ta* do santiaguense, que indica precisamente 'imperfectividade', não apareça (cf. 4.3.3). De facto, a oposição entre *kánta* e *ta kánta* não é entre 'perfetividade' e 'imperfetividade', mas uma oposição inclusiva entre uma forma verbal morfológica e semanticamente não marcada e outra marcada para a 'imperfetividade'. A 'perfetividade' não é mais do que a leitura à revelia da forma não marcada:



A oposição inclusiva faz parte daqueles princípios económicos da organização linguística que nos permitem, em muitos casos, não especificar mais do que estritamente necessário.

Em conformidade com a nossa opção teórica, a perspectiva adotada será geralmente semasiológica e não onomasiológica. Quer dizer que partiremos dos morfemas gramaticais da língua, aclarando qual a sua função (o seu 'significado'), quais os

seus usos mais comuns e os correspondentes 'efeitos de sentido'. A razão que nos leva a proceder desta forma é que o número destes morfemas e os limites entre os seus significados variam de uma língua para outra, pelo que adotar a perspectiva inversa, a onomasiológica, implicaria partir não de significados lingüísticos, mas de efeitos semânticos contextuais. Ora bem, o número destes efeitos contextuais é, em princípio, infinito.

Na secção 4.3.3, diremos, por exemplo, que a partícula verbal *ta* significa ou marca 'imperfetividade' e que tal significado a habilita para a designação de processos futuros, presentes e passados, processos em progresso, processos habituais e hipotéticos, etc., segundo os contextos linguísticos e situacionais onde o verbo precedido da marca *ta* se insira. Isto é, *ta* não apresenta um caso de homonímia. 'Futuro', 'progressividade', 'habitualidade' etc. são apenas efeitos semânticos contextuais das formas verbais imperfetivadas.

Se, pelo contrário, incluíssemos um capítulo intitulado 'futuro' para nele dizer que o futuro se forma antepondo a partícula *ta* ao verbo, daríamos azo a uma dupla confusão. O leitor poderia pensar que o crioulo de Santiago tem um futuro morfológico à imagem das línguas europeias, sendo precisamente a ausência de tal futuro uma das características mais notáveis do crioulo santiaguense. Para além disso, o leitor ficaria desorientado quando noutro capítulo, intitulado *Habitualis*, aprendesse que o *habitualis* se forma do mesmo modo que o 'futuro'. Outro exemplo: ajuda realmente aprender que o santiaguense oferece quatro possibilidades para 'realizar' o 'condicional': *ta* + verbo, verbo + *ba*, *ta* + verbo + *ba* e *ál* + verbo + *ba* (cf. Thiele 1991: 62)? Se não ajuda, será porque no santiaguense não há condicional e os seus falantes não 'formam o condicional'. Regra geral, a inutilidade didática de uma descrição do funcionamento sincrónico de uma língua é indício da sua desadequação teórica.

A nossa posição não exclui a possibilidade de dois ou até mais significados diferentes corresponderem a um significante, isto é, não nega que existam casos de homonímia. À forma proclítica do pronome pessoal átono da terceira pessoa do singular e à forma não marcada do verbo cópula, por exemplo, cor-

responde em santiaguense o mesmo significante e e não há motivos para pensar que, na realidade, se trata de uma forma com um único significado. O mesmo vale para o significante *kántu* ao qual correspondem dois significados completamente diferentes, aproximadamente 'quando' e 'quaqnto', etc. Mas no caso de *ta* não há motivos para supor a existência de dois *ta*, um *ta* de 'futuro' e outro de 'habitual', pois é evidente que o que ainda não começou, *a fortiori* ainda não acabou, sendo, portanto, 'imperfeito' no sentido etimológico da palavra. E é evidente que o que se faz habitualmente ainda não acabou de se fazer, sob pena de ter deixado de ser hábito. Resulta, pois, que, no crioulo de Santiago, 'futuro' e 'habitualis' são apenas leituras da 'imperfetividade' em contextos onde se fala do futuro ou do que é habitual. Sem tal contexto, *E ta kánta* expressa 'imperfetividade' sem precisar se se trata de uma ação futura ou habitual.

Quem defende que os significados dos instrumentos gramaticais de uma língua são imprecisos ou que é o número dos seus significados que é infinito, e não o número dos seus possíveis efeitos de sentido, terá de nos explicar como os locutores conseguem desambiguar as suas mensagens usando tais significados.

Por sua vez, a pragmática ensina-nos, por exemplo, que as frases servem para realizar atos de fala e que elas próprias constituem textos (que, muitas vezes, fazem parte de outros textos mais vastos). Ao construir frases não atendemos pois apenas à sua função descritiva (dando-lhes uma 'estrutura representativa'), mas também à sua função interpessoal e textual (dando-lhes uma 'estrutura modal', que aponta para o ato de fala que pretendemos realizar, e uma 'estrututa temática' ou 'textual', destinada a facilitar a sua receção pelo interlocutor). Isto faz com que tenhamos de contar, numa frase, não só com os elementos conhecidos da gramática tradicional, isto é, com expressões nominais (os chamados 'complementos actanciais') que designam as 'coisas' implicadas, com uma expressão que designa o comportamento destas 'coisas' ou a relação entre elas (o chamado 'sintagma verbal') e com expressões que situam todo o estado de coisas no espaço, no tempo e em relação às modalidades para ele concebíveis (os chamados 'complementos

circunstancias'). Temos de contar ainda com estratégias (inversões, deslocações, etc.) e expressões (partículas, palavras, grupos de palavras) que precisam o tipo de ato que pretendemos executar (pergunta, pedido, ordem, suposição, afirmação, juramento, oferta, etc.), o seu tema ou tópico e a sua relação com os atos precedentes (objeção, rectificação, resumo, etc.) ou subseqüentes (introdução, antecipação, etc.).

Não desvalorizamos fatos descobertos por defensores da chamada gramática gerativa, mas rejeitamos as bases teóricas dessa corrente por considerá-las inadequadas ao objeto da linguística. Contamos, evidentemente, como os defensores dessa corrente, com a existência de princípios universais de estruturação do discurso, mas os nossos não são os da gramática gerativa. Alguns exemplos ajudarão a compreender a nossa posição.

No decurso de uma palestra a que assistimos sobre aquisição de primeira língua por crianças, a conferencista confrontou os ouvintes com a gravação de um texto numa língua exótica que ninguém dos presentes dominava, pedindo-lhes que tentassem acertar no número de frases contido pelo texto. Após várias audições, uns disseram três, outros quatro. A ninguém ocorrera perguntar se os textos da língua em questão continham ou não frases. Ora bem, os linguistas continuam a procurar uma definição universalmente aceite do conceito de 'frase' e muitas vezes nem concordam na delimitação de frases em textos concretos. Apesar disto, não podemos imaginar um falar numa língua qualquer que não consistisse, pelo menos em parte, em tomadas de posição ante 'proposições', isto é, em afirmar, negar, exigir, prometer, pôr em dúvida, etc. a existência de determinados estados, eventos, ações. E sabemos que esta necessidade tem qualquer coisa que ver com o conceito intuitivo de 'frase'. A frase, no sentido que acabamos de precisar é, pois, um universal linguístico.

É ainda um universal linguístico o que nos permite atribuir a uma frase do tipo *O João pinta a mulher diante da janela* pelo menos três significados, segundo os contextos em que ocorrer. De facto, o que se situa diante da janela pode ser o João, a mulher ou o estado de coisas 'O João pinta a mulher'. Isto porque o homem comum sabe de forma intuitiva que um sin-

tagma com possibilidade de situar algo pode situar, pelo menos, uma das várias 'coisas' (aqui pessoas) que participam no 'estado de coisas' ou todo o 'estado de coisas'.

O nosso saber linguístico universal é pois fundamental para o funcionamento das línguas: se não procurássemos frases no que ouvimos, não poderíamos identificar os atos de fala que o falante pretende executar. E se não soubéssemos que existem as referidas alternativas de interpretação, não seríamos capaz de escolher a que concorda com o respetivo contexto situacional e/ou linguístico. Seríamos, portanto, incapazes de entender.

Pelo contrário, não há, por exemplo, nenhuma necessidade de admitir que todas as línguas tenham de ser basicamente 'pro-drop' ou não. Porque não usaria uma língua pronomes de sujeito átonos nuns contextos e noutros não? E porque se trataria de um 'dropping' nos contextos onde não usa os pronomes? Trata-se de duas generalizações gratuitas: primeiro porque eleva indevidamente a protótipos das restantes as línguas que os usam quase sempre ou as línguas que quase nunca os usam.; segundo porque postula um 'dropping' onde não há necessidade de o fazer. Quanta bibliografia sobre a questão de saber por que razão esta ou aquela língua neste ou naquele momento da sua história não se encaixa perfeitamente num dos dois protótipos ou passa, supostamente, de um a para o outro! Isto não equivale a negar que muitos destes trabalhos têm o mérito de enumerarem de forma bastante exaustiva os casos onde aparece o pronome sujeito e os casos onde este não aparece.

### **0.3 Predecessores**

Não queremos encerrar esta introdução sem passar revista às descrições mais ou menos abrangentes do crioulo de Santiago que apareceram durante os primeiros cem anos desde o trabalho pioneiro de Fransisco Adolfo Coelho (1880). Temos dois motivos para o fazer. Por um lado, todos estes trabalhos contribuíram para uma crescente valorização do crioulo caboverdiano (cf. Veiga 2006) sem a qual a nossa gramática não encontraria leitores. Por outro lado, não teremos mais ocasião, salvo contadas exceções, de voltar a estas obras meritórias porque a qua-



lidade da informação que fornecem costuma ser inferior à das obras que apareceram depois de 1980.

Na nossa sucinta história da gramatografia do santiaguense, notaremos a incidência dos grandes movimentos intelectuais, sociais e políticos que marcaram aqueles cem anos, movimentos para os quais as obras em questão contribuíram elas mesmas, ainda que modestamente: sonhos de imperialismo colonial, tomada de consciência de uma individualidade cabo-verdiana, descolonização, independência. Mencionemos de passagem que as mais antigas destas obras fornecem por vezes informações sobre estados de língua ultrapassados, possibilitando desta forma uma reconstrução pelo menos parcial da história do santiaguense, e que noutros casos, descobertas mais recentes reabilitam observações dos nossos predecessores que tiveram de resultar mais ou menos incompreensíveis aos seus contemporâneos.

#### 0.3.1 Francisco Adolfo Coelho (1880)

Com o seu ensaio *Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América*, publicado no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, em volume que corresponde ao ano de 1880, Francisco Adolfo Coelho (1847-1919) abriu, para Portugal, um decénio de intenso estudo de variedades coloniais e crioulos românicos, com destaque para os crioulos de base portuguesa. Ao ensaio de 1880 seguir-se-ão ainda, na mesma revista, umas *Notas Complementares e Novas Notas Complementares*, em volumes que correspondem aos anos de 1882 e de 1886. Na introdução ao ensaio de 1880, Coelho menciona um "estudo que publicamos" do dialecto crioulo de Santo Antão, baseado em materiais fornecidos por um falante nativo daquela ilha, Cesár Augusto de Sá Nogueira, e anuncia uma "Gramática e vocabulário do indo-português", baseada em materiais fornecidos pelo seu amigo, o rev. R. H. Moreton (cf. 1880, 1967: 3/4). Não conseguimos obter mais informações respeitantes a estes dois trabalhos.

É sabido que arrancam do ano de 1881 as publicações de Hugo Schuchardt sobre os crioulos, e precisamente com uma resenha, na *Zeitschrift für romanische Philologie*, da *Étude sur le patois créole mauricien* de C. Baissac e dos *Dialectos Români-*

cos ou Neo-Latinos de Coelho. Coelho, que dominava o alemão, trocou cartas com Schuchardt e leu artigos do linguista de Graz. As motivações dos dois linguistas para se debruçarem sobre os crioulos não foram, porém, exatamente as mesmas. Não há dúvida de que Coelho estava vivamente interessado nos possíveis contributos dos estudos crioulos para a linguística geral. As suas *Considerações Gerais* no final do ensaio de 1880 dão ampla prova dessas preocupações (cf. 1880, 1967: 94-108 e Andrade/Kihm 1997). Mas se tal foi o interesse quase exclusivo de Schuchardt, o mesmo não vale para Coelho.

Convém lembrar que foi no decénio dos anos oitenta do século XIX que os sonhos coloniais de Portugal de compensar a perda do Brasil com novas aquisições na Ásia e na África atingiram o seu apogeu - para logo cair em ruínas com o *ultimatum* inglês de 1890. Coelho queria contribuir, como linguista, para a realização destes sonhos. Em 1887 assinou, junto com outros, um projecto de *Curso Colonial Português*, reeditado em 1890, junto com o projeto ainda mais ambicioso para a criação de um *Instituto Oriental e Ultramarino Português* de Guilherme de Vasconcelos-Abreu (cf. Morais-Barbosa 1967: XIII-XVII). Estes projetos previam o ensino de línguas faladas nas colónias portuguesas, nas respetivas instituições, e o segundo até o dos crioulos portugueses falados na África e na Índia. Coelho contava certamente com a possibilidade de um dia ensinar numa instituição deste tipo. Parece sintomática a sua insistência, em 1887/1888, ao apresentar os trabalhos de Botelho da Costa/Duarte e de Paula Brito no *Boletim*, no seu papel de pioneiro no domínio dos estudos crioulos. E não nos parece menos sintomática a sua desistência destes estudos a partir de 1890.

Os complementos de 1882 e 1886 não ampliam as importantes informações acerca do crioulo de Santiago que abrem o artigo de 1880. Naquele artigo, Coelho dá primeiro três cartas redigidas por "pessoas instruídas que falam bem o português, mas conhecem bem o crioulo rachado" (1880/1967: 5). Seguem *Frases diversas* (que terminam também com recortes de cartas), *Adivinhações*, *Observações fonéticas*, *Observações morfológicas*, *Observações lexicológicas*, uma lista de *Nomes hipocorísticos ou nomes de casa* e, finalmente, outra carta, ditada "por uma negra de Santiago" (1880/1967: 32).

Não sabemos até que ponto os três tipos de *Observações* são efetivamente da autoria de Coelho, pois ele mesmo fala do "paradigma [verbal] que nos enviou o nosso informador" (1880,1967: 15). Este paradigma (cf. 1880, 1967: 18/19) está cheio de erros. Cf. por ex.

Perfeito composto

Eu ten sido	Eu tenho sido
Bu ten sido	Tu tens sido
Êl, ê ten sido	Ele tem sido
Nos, nu ten sido	Nós temos sido
Ês tên sido	Eles têm sido

em vez de

In ten sido (ou: Mi in ten sido)

Bu ten sido (ou: Bo bu ten sido)

Ê ten sido (ou: Êl ê ten sido)

etc.

... tudo isto admitindo que formas em *ten sido* fossem efetivamente crioulas. As *Observações* não servem, pois, para uma descrição fidedigna do crioulo de Santiago atual, e nem sequer para uma do estado em que se encontrava este crioulo cerca de 1880. Devidamente interpretadas, as frases soltas e os textos fornecidos por Coelho podem, pelo contrário, ser aproveitados, em combinação com as informações de Paula Brito, para a reconstrução de traços linguísticos ultrapassados do santiaguense.

0.3.2 Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte (1886)

No mesmo ano 1886 do *Boletim* em cujo nº 12 apareceriam as *Novas Notas Complementares* de Coelho, aparecera anteriormente, no nº 6, *O Crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt*, da autoria de Joaquim Vieira Botelho da Costa (1824-1898) e Custódio José Duarte (1841-1893). Uma versão manuscrita destes estudos já chegara às mãos de Schuchardt no mês de

Julho de 1884 (cf. Schuchardt 1887: 134), o qual só depois da impressão dos *Breves estudos* se decidiu a publicar a sua rese-  
nha no *Literaturblatt für germanische und romanische Philolo-  
gie* 8 (1887), 131-142. Ambos os autores eram nativos de Portu-  
gal, mas morreriam em São Vicente, Cabo Verde, depois de longa  
estadia no arquipélago, o primeiro como director da alfândega  
e como médico-poeta o segundo. Podemos considerá-los cabo-ver-  
dianos por opção. Ambos eram homens de pluma. Botelho de Costa  
escreveu relatórios ao que parece altamente apreciados pelos  
seus superiores e publicara já um ensaio intitulado *A ilha do  
Fogo de Cabo Verde e o seu Vulcão*. Duarte, além de poesias pu-  
blicara já um tratado sobre a *Responsabilidade Médico-Cirúrgi-  
ca* (1865). As suas funções terão levado os dois homens a co-  
nhecer muitas das ilhas habitadas do arquipélago. Botelho da  
Costa vivera alguns anos no Fogo, terra natal da sua mulher,  
Ana Barbosa. É muito provável que Botelho da Costa e Duarte  
sejam aqueles amigos de António de Paula Brito, a quem, segun-  
do Brito, Schuchardt e outros tinham pedido elementos para a  
composição de uma gramática do crioulo (ver mais adiante).

Pode ter sido um pedido de Schuchardt, que já dispunha de  
bastantes informações sobre a variedade de Santiago, que levou  
os dois autores a quererem abarcar simultaneamente as varieda-  
des de todas as ilhas, para satisfazer a curiosidade do lin-  
guista de Graz. Isto apesar de terem consciência das "diferen-  
ças que se notam - embora o tronco seja comum - nos dialectos  
de cada uma delas" (1886/1967: 237). Convém, porém, lembrar  
que o trabalho de Botelho da Costa e de Duarte é anterior à  
toma de consciência do público em geral (e de muitos linguis-  
tas) do facto que não só os significantes, mas também os  
significados variam de um idioma para outro, razão pela qual o  
tratamento dos elementos de variedades diferentes no mesmo  
apartado, como se fossem equivalentes, leva necessariamente a  
confusão. Coelho intuía-o e, conseqüentemente, informara se-  
paradamente sobre as diferentes variedades insulares nos seus  
*Dialectos Românicos ou Neo-Latinos* e elogiaria depois Paula  
Brito por se ter concentrado na variedade de Santiago. De fac-  
to, a infeliz decisão dos dois cidadãos do Mindelo torna o seu  
trabalho muito problemático.

O sistema adotado para tratar simultaneamente de todas as

variedades foi o seguinte: "Para facilitar este estudo, e evitar repetições enfadonhas, usaremos, a fim de designar o grupo, ou as ilhas a que pertencem os exemplos apresentados, das seguintes abreviaturas: Grupo de Sotavento ... Sot., Grupo de Barlavento ... Barl., Ilha de Santiago ... St., Ilha do Fogo ... F., Ilha Brava ... B., Ilha de Santo Antão ... S.A., Ilha de S. Nicolau ... S.N., Ilha da Boa Vista ... B.V. Os exemplos onde as mesmas não figuram são gerais a todo o arquipélago" (1886/1967: 239). Uma primeira sondagem limitada aos exemplos atribuídos ao Fogo e a Santiago nos leva a supor que estes refletem bastante fielmente as características das variedades daquelas ilhas na época em questão.

Interessantíssima, para nós, a seguinte observação justificativa da ausência de quatro ilhas habitadas, da lista de abreviaturas: "Nas ilhas do Maio, S. Vicente, Santa Lucia e Sal não há crioulo próprio. Na primeira fala-se, com ligeiras alterações, o da ilha de Santiago; na segunda o de todas as ilhas; na terceira o de S. Nicolau, na quarta e última o da Boa Vista" (1886/1967: 239). Não temos motivos para duvidar de que, tendencialmente, fosse efetivamente assim, naquela época.

Note-se que os dois autores, ao contrário do que acontece com Francisco Adolfo Coelho, estão realmente familiarizados com o uso das formas. Será suficiente, para o demonstrar, a contraposição do que dizem este e aqueles sobre o uso de *tên* e *tênê*:

Coelho 1880/1967: 20: "Ten (ter). No presente de indicativo *tên* para todas as pessoas no paradigma escrito pelo nosso informador; mas nas cartas 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> há *tênê* como forma fundamental, ...". Botelho da Costa/Duarte 1886/1967: 272: "O verbo *ter*, quando se refere a coisa alheia, ou que esteja em lugar determinado, diz-se *tênê* e não *tên*; exemplos: *El é qui tênê brinco di nha ... 'ela é que tem os seus brincos'*, *El tênê dinhêro rib'al meza (F.) 'ele tem o dinheiro em cima da mesa.'*" É provável que informações tiradas de outras fontes venham a aumentar a nossa admiração pelo acervo de informações corretas reunido pelos dois portugueses naturalizados cabo-verdianos.

O trabalho de Botelho da Costa e Duarte termina com uma coleção de textos: a inclusão das utilíssimas versões da *Parábola do filho pródigo* em todas as variedades insulares tidas

em conta responde a um pedido explícito de Schuchardt (cf. Schuchardt 1887: 134); as listas de *Diversos anexins usados em Cabo Verde* e de *Idiotismos* são menos úteis para o linguista por ficar sem indicação da sua proveniência geográfica.

### 0.3.3 António de Paula Brito (1887)

No mesmo decénio apareceram ainda, também no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, em volume que corresponde ao ano de 1887, mas que apenas saiu em 1888, os *Apontamentos para a Gramática do Crioulo que se Fala na Ilha de Santiago de Cabo Verde*, de António de Paula Brito. No seu *Prefácio* a esta obra, Coelho apresenta-nos o seu autor como sendo falante deste crioulo desde a sua infância (1887/1967: 333). Em 1890, Paula Brito, naquela altura 'director do correio e recebedor particular do Concelho da Praia', publicou ainda uns *Subsídios para a corografia da Ilha de São Tiago de Cabo Verde* (Lisboa: Imprensa Nacional), nos quais se mostra cabo-verdiano muito comprometido com o progresso da colónia e anuncia um *Album cabo-verdiano*, de características similares às dos *Subsídios*, que devia abranger todo o arquipélago, mas que nunca apareceu.

Em missão de serviço em Lisboa, Paula Brito ainda introduziu, na sua gramática, importantes modificações que lhe foram sugeridas por dois dos mais afamados linguistas portugueses do momento, Francisco Adolfo Coelho e A. R. Gonçalves Viana. Entretanto, Brito tinha também tomado conhecimento das contribuições publicadas por Coelho (em 1880 e 1882) e por Botelo da Costa e Duarte (em 1886) no *Boletim*. Parece que estas modificações consistissem fundamentalmente no acréscimo de um conjunto de textos sob o título de *Variedades crioulas* ao final da gramática e de notas de rodapé que a acompanham. Concorda com esta observação o facto de os comentários às *Variedades Crioulas* e todas as notas acrescentadas ao pé das páginas terem ficado sem versão crioula (cf. os parágrafos seguintes).

O crioulo de Santiago não fica reduzido, nesta gramática, ao papel de língua descrita, funciona ainda como língua de descrição, pois a gramática propriamente dita (com exceção das

notas e dos comentários às *Variedades Crioulas* redigidos exclusivamente em português) aparece em versão bilingue, crioula na coluna da esquerda e portuguesa na da direita.

Falta, nesta gramática, uma parte sintáctica que o autor se propunha acrescentar depois de recolher textos de falantes monolíngues do crioulo em diferentes pontos da ilha. Por outro lado, fornece, além da gramática propriamente dita, as mencionadas *Variedades Crioulas* que consistem numa lista de nomes de casa, uma coleção de ditos populares, uma poesia de E.A. Vidal e outra de Bruno de Seabra em versão original e com tradução para o crioulo feita por Paula Brito, alguns fragmentos de textos de batuque, uma coleção de adivinhações, uma centena de frases soltas, e um vocabulário de algumas páginas. Parece provável que parte destas rubricas se inspire n'Os *dialectos Românicos ...* de Francisco Adolfo Coelho, que, como já vimos, também trazem *Frases diversas, Adivinhações e Nomes hiporísticos ou nomes de casa* de Santiago.

Ficam por extrair informações muito valiosas dessa primeira gramática do crioulo de Santiago, apesar das incoerências do texto e apesar do estudo que já lhe consagrou Nicolas Quint (Quint 2008). Derivam, em primeiro lugar, da originalíssima escrita que Paula Brito inventou para o seu crioulo. Refletindo uma ótima intuição fonológica, não deturpada por preconceitos teóricos à moda, fornece argumentos de peso para as controvérsias acerca da fonologia do crioulo de Santiago. Invocá-la-emos com este fim em 10.1.3.2. Em segundo lugar, encontramos no crioulo escrito e/ou descrito por Paula Brito desvios sistemáticos em relação ao santiaguense atual que informam sobre o estado deste crioulo há quase século e meio (cf. 1.2.2.7.1).

#### 0.3.4 Armando Napoleão Rodrigues Fernandes (anterior a 1938)

Depois dos trabalhos pioneiros dos anos oitenta do século XIX, tanto internacionais (Francisco Adolfo Coelho, Hugo Schuchardt, Lucien Adam, etc.) como cabo-verdianos (Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte, António de Paula Brito), as publicações sobre os crioulos passaram a escassear

à escala mundial e cessaram quase por completo em relação ao santiaguense até depois da Segunda Guerra Mundial. Mas falta de publicações não equivale a falta de interesse. Pelo menos um cabo-verdiano, Armando Napoleão Rodrigues Fernandes, nascido na Brava, cuja vida decorreu precisamente nesta época (1889-1969), passou boa parte do seu tempo livre (trabalhou - como Botelo da Costa - na alfândega) a reunir materiais para um dicionário e uma gramática do cabo-verdiano. Quem escreve conhece relativamente bem o seu *Léxico do dialecto crioulo do Arquipélago de Cabo Verde*, publicada pela filha Ivone Aida Lopes Rodrigues Fernandes Ramos (Gráfica do Mindelo, s.a., mas em 1971), mas deve todas as informações a respeito da vida e da gramática (até hoje sem publicar) de Napoleão Fernandes a uma contribuição, também sem publicar, de Dominika Swolkien (cf. Bibliografia).

Segundo as informações fornecidas por Dominika Swolkien, o manuscrito da *Gramática* de Armando Fernandes consiste em 105 páginas redigidas e retocadas pelo próprio autor até 1938. O manuscrito está dividido em três partes: fonologia (1-11), morfologia (12-78) e sintaxe (79-105). Se, como afirma Dominika Swolkien, a maior parte das informações desta gramática diz respeito à variedade de Santiago, Armando Fernandes poderia ser o último autor a testemunhar, para esta variedade, a acentuação dos verbos na última sílaba (por exemplo: *m brincâ cheu*, na p. 68). As grafias *arguem*, *farso*, etc., em vez das expectáveis *alguem*, *falso*, etc. sugerem, porém, que se poderia tratar da variedade do Fogo, onde tal acentuação se conserva até hoje. De qualquer forma, esta *Gramática* merece um estudo pormenorizado, tanto pelas informações que nos pode fornecer como pelo seu alto valor simbólico.

#### 0.3.5 Baltasar Lopes da Silva (1957) e Maria Dulce de Oliveira Almada (1961)

Os títulos das obras em muitos aspetos gémeas destes dois autores, *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde* de Baltasar Lopes da Silva e *Cabo Verde. Contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago*, de Maria Dulce de Oliveira Almada,



poderiam levar a pensar que constituem, entre outras coisas, importantes achegas ao conhecimento da gramática do crioulo de Santiago. Limitamo-nos aqui a explicar, para quem nunca as consultou, porque não é assim.

Apesar de ambos os títulos se referirem a todo o arquipélago e ambas as obras mencionarem frequentemente particularidades das variedades do Sotavento e de Santiago, devido às biografias de seus autores, ambas partem de variedades do Barlavento. Trata-se da variedade de São Nicolau, no caso de Baltasar Lopes da Silva (cf. 1957/1984: 37) e da variedade de São Vicente, no de Maria Dulce de Oliveira Almada (cf. 1961: 12 e 14).

Além disso, não se trata de descrições sincrônicas. Ambos os autores, aluno de Rodrigo de Sá Nogueira na Universidade de Lisboa o primeiro e de Manuel de Paiva Boléo na de Coimbra a segunda, esforçam-se sobretudo por derivar as palavras e formas crioulas de palavras e formas do português. Em ambas as obras há milhares de ocorrências do símbolo < usado em linguística histórica para indicar a relação de um som ou de uma forma com o seu antecessor num estado anterior da mesma língua ou numa 'língua mãe' desta. Trata-se pois de gramáticas históricas do cabo-verdiano. Mas como tais são forçosamente muito incompletas, precisamente por quererem abarcar também, mesmo que só de forma secundária, as variedades de todas as outras ilhas.

É impossível, nestas circunstâncias, formar-se uma ideia clara, a partir destas obras, sobre o funcionamento de um setor da gramática do crioulo de Santiago. Baste um exemplo para aclarar o que queremos dizer: nos dois parágrafos consagrados aos pronomes pessoais Baltasar Lopes da Silva distingue entre 'pronomes sujeito' (§ 203) e 'pronomes complementos' (§ 204), mas não entre pronomes tónicos e átonos, nem, para os átonos, entre proclíticos e enclíticos. Não menciona, para Santiago ou Sotavento a série tónica com o a- anteposto (*ami*, *abo*, ...) e apresenta, supomos que por simples erro, as formas *nho* e *nha* do Sotavento, junto com *nhos* e *nhas*, como formas de plural.

Maria Dulce Almada estava consciente de que, pelos dois motivos mencionados, a sua obra não podia aspirar ao título de 'gramática': "Longe de nós a pretensão de fazer uma gramática

do crioulo, como a subdivisão acima referida [em três partes: *Fonética, Morfologia e Sintaxe*, J.L.] poderá fazer pensar. Quisemos apenas render uma modesta homenagem às ilhas que são nossa terra natal ..." (1961: 29). Mas não há dúvida de que, sob outros pontos de vista, a redação e publicação destas duas obras, num momento em que praticamente todas as colônias europeias salvo as portuguesas iam aceder à independência, foi altamente significativa.

#### 0.3.6 José G. Herculano de Carvalho e Mary Louise Nunes (1961-1963)

Entre 1961 e 1963 apareceram três artigos de temática e orientação teórica afins. Trata-se, por um lado, de uma 'honours thesis' apresentada em 1961 no Radcliffe College and Harvard University e reproduzida sob o título de *The phonologies of Cape Verdean dialects of Portuguese* (1962/1963), da autoria de Mary Louise Nunes, de descendência cabo-verdiana, e, por outro lado, de dois ensaios intitutados, respetivamente, *Sincronia e diacronia nos sistemas vocálicos do crioulo caboverdiano* (1962) e *Le vocalisme atone des parlers créoles du Cap Vert* (1961), redigidos por um dos melhores linguistas portugueses do momento, José G. Herculano de Carvalho, da Universidade de Coimbra.

O trabalho de Mary Louise Nunes surgiu em parte por insatisfação com a obra de Baltasar Lopes: "I found, however, that Mr. da Silva's lack of training in modern descriptive methods constituted an obstacle to his achieving the aim of a scientific description of these dialects. His system of transcribing phonetic features was extremely complex, and, from the point of view of a phonematic analysis, could have been simplified considerably. In addition, his presentation of the data would have been more efficient had it been organized as a series of parallel studies indicating the individual speech characteristics of each dialect" (1962/1963: 5).

Consequentemente, a autora limitou-se a uma descrição rigorosamente sincrónica e separada da fonologia de apenas quatro variedades: a de Santo Antão, a da Boa Vista, a do Fogo e

a da Brava. Nas suas descrições, que se baseiam em entrevistas gravadas com falantes nativos, segue um plano rigoroso, que inclui informações sobre o papel fonológico do acento, a estrutura silábica e a distribuição dos fonemas (inclusive uma enumeração dos grupos consonânticos e vocálicos encontrados). Nem todas as quatro descrições parecem ter a mesma qualidade, mas lamentamos muito que falte uma da variedade santiaguense porque visto o rigor metodológico da autora poderia ter sido facilmente melhorada caso apresentasse alguns erros de pormenor. O trabalho de Mary Luise Nunes tem sido injustamente criticado, desde uma posição generativista, por Donaldo Pereira Macedo como "not extensive enough to provide a global view of Capeverdean phonological structures and the rules that govern them" (cf. Macedo 1979: 87 e abaixo secção 0.3.7).

José G. Herculano de Carvalho aproveita os trabalhos de Baltasar Lopes da Silva e Maria Dulce de Oliveira Almada e dispõe de dois informantes de Santo Antão que estudavam naquela altura na Universidade de Coimbra. Ao contrário de Mary Luise Nunes, trata apenas do vocalismo, mas fá-lo em ambos os aspetos, sincrónico e diacrónico. Pretende descrever a filiação dos sistemas vocálicos do Sotavento, São Nicolau e São Vicente/Santo Antão. Apesar de todas as suas fontes informarem melhor sobre as variedades do Barlavento, para o Sotavento chega ao mesmo sistema de fonemas vocálicos tónicos orais que propomos para Santiago (ver mais adiante 1.2.1.1). Apresenta-o sob a forma seguinte (cf. Carvalho 1962a: 46):

é	á	ó
ê	ê	ô
í		ú

A salientar a disposição retangular do sistema segundo a qual os |ɛ| e |ɔ| abertos ostentam o mesmo grau de abertura que o |a| aberto, e os |e| e |o| fechados o mesmo que o |ɐ| fechado. Quanto à oposição a/ɐ afirma: "O fonema /é/ aparece apenas na terminação dos verbos correspondentes à primeira conjugação portuguesa - /saRbé/ 'salvar', /çamé/ 'chamar'.

etc." (1962a: 46). Esta afirmação não deve ser interpretada como indício de que a sílaba tónica dos verbos em -a fosse ainda a última, em Santiago, nos tempos de Herculano de Carvalho. Mostra, pelo contrário, que as suas informações em relação ao Sotavento provêm de facto, não de Santiago (onde 'salvar' e 'chamar' se dizem |'salbɐ| e |'comɐ|, mas das outras ilhas do Sotavento onde tal padrão de acentuação se mantém até hoje. Quanto a fonemas vocálicos nasais, o linguista de Coimbra só admite a sua existência em posição final absoluta de palavra (cf. mais adiante 1.2.0). No interior das palavras interpreta toda a vogal foneticamente nasal a nível fonológico como uma sequência de vogal oral seguida de um arquifonema consonântico nasal homossilábico ou de um fonema consonântico heterossilábico (cf. 1962a: 45). A primeira parte desta interpretação teria muito sucesso. Os que a adotaram estenderam-na aliás às vogais foneticamente nasais em final de palavra (cf. de novo mais adiante 1.2.0).

Em relação ao vocalismo das sílabas átonas será suficiente reproduzir a seguinte passagem: "Dans les syllabes atones le nombre des unités phonémiques se trouve assez réduit. Dans toutes les positions, la finale exceptée, on ne trouve que cinq phonèmes /I e a o u/, /e/ et /o/ étant réalisés comme des voyelles fermés [ɛ ɔ], /a/ comme la voyelle centrale fermée [ɐ] à São Nicolau, mais, comme nous verrons ensuite, comportant diverses réalisations dans le parler de Santo Antão. Dans la finale, le nombre des phonèmes vocaliques est encore réduit à trois /i a u/ dans les îles dites de Sotavento (Santiago, surtout), où /i u/ ont à ce qu'il paraît une réalisation généralement assourdie" (1962b: 4). Apesar da referência a São Nicolau e a Santo Antão, tudo o que se diz aqui vale para Santiago. De facto, não se pode resumir melhor a fonologia do vocalismo átono da variedade de Santiago. Contentar-nos-emos mais adiante em matizar ligeiramente a afirmação de Carvalho relativamente ao ensurdecimento dos [-i] e [-u] finais (cf. 1.2.1.5.2).

### 0.3.7 Donaldo Pereira Macedo (1979)

Em 1979, Donaldo Pereira Macedo obteve um doutoramento na Boston University School of Education apresentando uma tese intitulada *A linguistic approach to the Capeverdean language*, reproduzida, em 1980, em Ann Arbor pela University Microfilms International. Depois de uma introdução teórica sobre a gênese dos crioulos, dedica a maior parte do seu trabalho à análise fonológica da 'língua caboverdeana'. Termina reproduzindo quatro textos crioulos.

Baltasar Lopes da Silva, Maria Dulce de Oliveira Almada e Mary Louise Nunes haviam considerado o crioulo de Cabo Verde como um dialeto ou conjunto de dialetos do português. Pelo contrário, Donaldo Macedo, que escreve numa altura em que Cabo Verde acabava de aceder à independência, insiste sobretudo no estatuto de língua independente. Talvez fosse também a ideia de unidade nacional que levou o nosso autor a cometer novamente a imprudência de querer abranger todo o cabo-verdiano numa só descrição (distinguindo apenas nalgumas partes da sua obra entre Barlavento e Sotavento).

Começa o parágrafo 2.2.1 *Vowels* com estas palavras: "There are a total of six basic oral vowels and a series of allophonic variations in the Capeverdean language. All of these vowels have a nasal counterpart" (88). Se a primeira destas afirmações fosse correta, a variedade de Santiago não faria parte do caboverdiano, pois tem oito 'basic oral vowels', das quais só três podem ser tendencialmente equiparadas com os /i/, /u/ e /a/ de Macedo. É certo que o autor tenta, até certo ponto, levar em conta a variação dentro do arquipélago, opondo, especialmente no capítulo *Phonological Rules*, Barlavento a Sotavento. O capítulo trata de regras do tipo: "/kume/ 'to eat' in Sotavento is realized as /kme/ in Barlavento" (1979: 130).

Não vamos entrar na problemática de tais regras. Bastará dizer que Macedo, nascido na ilha de Brava mas cedo levado para Boston pelos pais, não tinha uma ideia clara da variação entre ilhas. Chega a apresentar um texto em crioulo de Santo Antão, extraído de *Negrume*, de Luís Romano, como representativo do crioulo de São Vicente (cf. 1979: 183). Esta falta de

clareza em Macedo talvez provenha do facto de as diferenças entre as diferentes variedades insulares tenderem a perder-se na comunidade cabo-verdiana de Boston. Em caso de dúvida, Macedo terá optado pelo seu próprio crioulo (cf. p. 88: "Being, myself, dominant in the Capeverdean language, I used my speech as a sample, as well.").

O mesmo autor publicaria ainda em 1989 *Aspects of Capeverdean phonology*. Aqui se tratava simplesmente de mostrar que, apesar do seu título abrangente, o trabalho de 1979 não serve como fonte de informação para a nossa gramática do crioulo de Santiago.

#### 0.3.8 Izione S. Silva (1985)

Encerramos este resumo de 100 anos de gramatografia referente ao crioulo de Santiago aludindo brevemente a um autor cujas contribuições já não entram no marco temporal que tínhamos traçado. Seis anos depois de Donaldo Pereira Macedo, outro cabo-verdiano residente nos Estados Unidos obtém um doutoramento pela Georgetown University. A sua dissertação intitula-se *Variation and change in the verbal system of Capeverdean crioulo*. Dispomos apenas de um resumo deste trabalho que inclui o seu índice de matérias (cf. *Dissertation abstracts international*, 1986, 47 (1): 168A). O resumo não indica o lugar de nascimento do autor, mas poderia ser também da Brava. Aproveita fontes de informação semelhantes às de Donaldo Pereira Macedo: 40 falantes nativos "now living in Massachusetts and Rhode Island", os contos contidos em *Folk-lore from the Cape Verdean Islands* de Elsie Clews Parsons, e "my native speakers intuition". Tal como Donaldo Pereira Macedo mostra-se influenciado por Derek Bickerton ("Capeverdeans Crioulo's tense/aspect system is described in terms of Bickerton's paradigm") e distingue apenas entre dois "major regional dialects", Barlavento e Sotavento. Porém, interessa-se mais pela variação (cf. o título da sua dissertação), tanto entre ilhas, como intra-ilhas (considerando diferentes faixas etárias) e diacrónica (comparando com textos recolhidos nos primeiros decénios do século). Estuda com particular atenção a concorrência de for-

mas de passado dos verbos *ten* e *tene* (*tenba, teneba, tinha, tenha, tive, teve*). Explica a variação encontrada basicamente como refletindo diferentes graus de descrioulização.

Em 1990, Izione S. Silva publicaria ainda um interessante artigo intitulado *Tense and aspect in Capeverdean Crioulo*, na coletânea *Pidgin and creole tense-mood-aspect systems*, editada por John Victor Singler.

### 0.3.9 Os nossos contemporâneos

Acabamos de passar revista às obras mais importantes que, entre 1880 e 1980, aproximadamente, tentaram fornecer descrições completas ou parciais da variedade do caboverdiano falada na ilha de Santiago. Fizemo-lo, repetimos, porque todas contribuíram para o valorizar e porque não teremos muitas ocasiões de voltar a falar delas nesta gramática.

Pelo contrário, não poderemos descurar nesta publicação as obras mais recentes, publicadas por autores nossos contemporâneos, todos cientes de que a descrição de uma variedade insular (se não mesmo de uma variedade particular dentro de uma ilha) deve forçosamente preceder a sua comparação com outras variedades. Aliás, falamos de obras cujos autores perseveraram atualmente nos seus esforços por contribuir para a descrição da variedade santiaguense. Tê-las-emos em conta, principalmente nos casos onde a nossa descrição ou interpretação difere das suas. Trata-se, fundamentalmente, de obras publicadas por Petra Thiele (sobretudo 1991), Manuel Veiga (sobretudo 1982 e 1996), Nicolas Quint (nomeadamente 2000), Malyse Baptista (sobretudo 2002) e Fernanda Pratas (sobretudo 2004) (cf. Bibliografia).

## 0.4 Abreviaturas

### 0.4.1 Abreviaturas das fontes

- (231/25) = página 231, linha 25; quando os números não vêm precedidos de nenhuma abreviatura referem-se invariavelmente a Tomé Varela da Silva (ed.), *Na bóka noti, Volumi I, Un libru di stórias tradicional organizádu y prizentádu pa T.V. da S.*, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro 2004.
- BB = Badiu Branco, *Kunba*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco 1993.
- inf. = exemplo/informação fornecidos por informantes caboverdianos
- LS = transcrição de quatro contos populares feita por Luzia Semedo, manuscrito.
- NL = transcrição feita por André dos Reis Santos de 44 anedotas em cassete, de Nastási Lópi, manuscrito.
- NyK = Tomé Varela da Silva, *Natal y kontus*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro 1986.
- Oda = Manuel Veiga, *Odju d'agu*, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro 2009.
- RS = exemplo/informação fornecidos por André dos Reis Santos.
- Spínola = Danny Spínola, *Lagoa Gémia*, Kontus 2004.



#### 0.4.2 Abreviaturas das classes de palavras

adj.	adjetivo
adv.	advérbio, adverbial
art. def.	artigo definido
art. indef.	artigo indefinido
conj.	conjunção
conj. coord.	conjunção coordenativa
conj. subord.	conjunção subordinativa
interj.	interjeição
loc.	locução
loc. adv.	locução adverbial
loc. conj.	locução conjuntiva
loc. prep.	locução prepositiva
num.	numeral
part.	partícula
prep.	preposição, prepositivo
pron.	pronome
pron. dem.	pronome demonstrativo
pron. indef.	pronome indefinido
pron. interr.	pronome interrogativo
pron. pess.	pronome pessoal
pron. poss.	pronome possessivo
pron. rel.	pronome relativo
s.	substantivo
v.	verbo, verbal

### 0.4.3 Outras abreviaturas

abrev.	abreviatura, abreviado
ACBLPE	Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola
al.	alemão
ant.	antigo, antiquado
antón.	antónimo
aum.	aumentativo
bras.	brasileiro
cf.	confer (lat.), confronto
cr.	crioulo
cr. f.	crioulo fundo
cr. l.	crioulo leve
deriv.	derivação
dim.	diminutivo
ed.	edição, editado, editor
eds.	editores
esp.	espanhol
et al.	et alii (lat.) 'e outros autores'
expr.	expressão
expr. idiom.	expressão idiomática
fam.	familiar
fig.	figurado
fr.	francês
gram.	gramatical
ib.	ibidem (lat.) 'no mesmo lugar'
idiom.	idiomático
ingl.	inglês
ital.	italiano
lat.	latim
onom.	onomatopaico
ort.	ortográfico
p.	página
pej.	pejorativo
p. ex.	por exemplo
p. ext.	por extensão
pg.	português
pl.	plural
prov.	provérbio
s.v.	sub verbo (lat.) 'no artigo'
sin.	sinónimo
sg.	singular
SPCL	Society of Pidgin and Creole Linguistics
tb.	também
var.	variante, variedade

#### 0.4.4 Símbolos

/.../	transcrição fonológica
[...]	transcrição fonética
	nos exemplos e nas citações: omissão ou comentário explicativo
♀	forma específica para seres do sexo feminino
♂	forma específica para seres do sexo masculino
#	introduz um exemplo
... > ...	... converte-se em ...
... < ...	... provém de ...

#### 0.5 Bibliografia

- Almada, Maria Dulce de Oliveira (1961), *Cabo Verde. Contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago*, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Andrade, Ernesto d'; Kihm, Alain (1997), "O Coelho crioulista", em: Castro, Ivo (ed.), *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. 2, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, p. 385-392.
- Badiu Branco (1993), *Kunba*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco.
- Baptista, Marlyse (2002), *The syntaxe of Cape Verdean creole. The Sotavento varieties*, Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.
- Barrena, Nicté-Ha Itzel Salas (2006), "Another look at the problem of the copula in the Santiago variety of Cape Verdian creole", *PAPIA* (Brasília) 16, 32-52.
- Bickerton, Derek (1981), *Roots of language*, Ann Arbor: Karoma.
- Brito, António de Paula Brito (1887, 1967), "Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde. Revistos por Adolfo Coelho", *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 7º série, n.º 10, 1887, 611-669. Reimpressos em: Morais-Barbosa (1967), p. 329-404.
- Brüser, Martina et al. (2002), *Dicionário do Crioulo de Santiago (Cabo Verde) com equivalências de tradução em alemão e português, elaborado por Martina Brüser e André dos Reis Santos (Cabo Verde), com a contribuição de Ekkehard Dengler e Andreas Blum, sob a direcção de Jürgen Lang*, Tübingen: Narr.
- Carvalho, José G. Herculano de (1961), "Le vocalisme atone des parlars créoles du Cap Vert", *Boletim de filologia* 20, 3-12.
- Carvalho, José G. Herculano de (1962), "Sincronia e diacronia nos sistemas vocálicos do crioulo caboverdiano", em: Catalán Menéndez-Pidal, Diego (ed.), *Miscelânea homenaje a*

- André Martinet. *Estruturalismo e historia*, vol. 3, La Laguna, p. 43-67.
- Coelho, Adolfo Francisco (1880, 1967; 1882, 1967; 1886, 1967), "Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América" (1880), "Notas complementares" (1882), "Novas notas suplementares" (1886). Reimpressos em: Morais-Barbosa (1967), p. 1-234.
- Coseriu, Eugenio (1977), "Inhaltliche Wortbildungslehre (am Beispiel des Typs 'coupe-papier')", em: Herbert E. Brekle e Dieter Kastovsky (eds.), *Perspektiven der Wortbildungsforschung*, Bonn: Bouvier, p.48-61.
- Costa, Joaquim Vieira Botelho da; Duarte, Custódio José (1886, 1967), "O crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt" (1886). Reimpresso em: Morais-Barbosa (1967), p. 235-328.
- Couto, Hildo Honório do; Souza, Ulisdete Rodrigues de (2006), "As consoantes pré-nasalizadas no crioulo caboverdiano: por uma interpretação bifonemática", em: Lang et al., p. 133-146.
- Creissels, Denis (1994), *Aperçu sur les structures phonologiques des langues négro-africaines*, 2ª edição, Grenoble: ELLUG.
- Fernandes, Armando Napoleão Rodrigues (anterior a 1938), *Gramática do Crioulo de Cabo Verde* (ms.).
- Fernandes, Armando Napoleão Rodrigues, *Léxico do dialecto crioulo do arquipélago de Cabo Verde* (Título original do manuscrito: *O dialecto crioulo do arquipélago de Cabo Verde (Léxico)*), ed. por Ivone Aida Lopes Rodrigues Fernandes Ramos, Mindelo: Gráfica do Mindelo, s.a., mas 1971.
- Ferreira, Manuel (ed.)(1986), *Claridade. Revista de arte e letras*, Linda-a-Velha: A.L.A.C.
- Fox, Anthony (2000), *Prosodic features and prosodic structure. A phonology of suprasegmentals*, Oxford: Oxford University Press.
- Ladefoged, Peter; Maddieson, Ian (1996), *The sounds of the world's languages*, Malsen USA, etc.: Blackwell.
- Lang, Jürgen (1999), "O pronome pessoal átono da primeira pessoa do singular e a nasalidade no crioulo de Santiago (Cabo Verde)", em: Zimmermann, Klaus (ed.), *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*, Frankfurt am M. - Madrid, p. 17-23.
- Lang, Jürgen (2007), "O problema da nasalidade no crioulo de Santiago (Cabo Verde): Uma resposta", em: Schrader-Kniffki, Martina; Morgenthaler García, Laura (eds.), *La Romania en interacción: Entre historia, contacto y política*, Frankfurt a. Main - Madrid: Vervuert - Iberoamerica, p. 515-535.

- Lang, Jürgen (2011), *A filiação dos pronomes pessoais do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)*, <http://unicvkriolus.wordpress.com/5-peskiza-sientifiku>.
- Lang, Jürgen; Holm, John; Rougé, Jean-Louis; Soares, Maria João (eds.) (2006), *Cabo Verde. Origens da sua sociedade e do seu crioulo*, Tübingen: Narr.
- Lima, Humberto (ed.)(2000), *Un bes tinha Nhu Lobu ku Xibinhuh...*, Praia: Instituto de Promoção Cultural.
- Lima, Humberto (ed.)(2005), *Karlus Magnu di pasaji pa Kabu Verdi*, Praia: Instituto de Investigação e do Património Culturais.
- Macedo, Donaldo Pereira (1980), *A linguistic approach to the Capeverdean language*, Ann Arbor: Univ. Microfilms International.
- Macedo, Donaldo Pereira (1989), *Aspects of Capeverdean phonology*, Ann Arbor: Univ. Microfilms International.
- Morais-Barbosa, Jorge (ed.) (1967), *Estudos linguísticos crioulos: reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.
- Neumann-Holzschuh, Ingrid + Schneider, Edgar W. (ed.) (2000), *Degrees of restructuring in creole languages*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Nunes, Mary Louise (1962/1963), "The phonologies of Cape Verdean dialects of Portuguese", *Boletim de Filologia* 21, 1-56.
- Parsons, Elsie Clews (1921), "Folk-Lore from the Cape Verde Islanders", *The journal of American folklore (Champaign, Illinois)* 34 (131), 89-109.
- Prata, Fernanda (2004), *O sistema pronominal do Caboverdiano*, Lisboa: Colibri.
- Quint(-Abrial), Nicolas (1996), *Lexique créole de Santiago - français, Léxico crioulo santiaguense - francês, Lésiku badiu - fransés*, Praia: ed. do autor.
- Quint, Nicolas (1997), *Dictionnaire français - cap-verdien, Dicionário francês - caboverdiano, Disionári fransés - berdiánu (Créole de Santiago - Crioulo santiaguense - Badiu)*, Paris: L'Harmattan.
- Quint, Nicolas (1998), *Dicionário caboverdiano - português. Variante de Santiago*, s.l.: Verbalis.
- Quint, Nicolas (1999), *Dictionnaire cap-verdien - français. Créoles de Santiago et de Maio*, Paris: L'Harmattan.
- Quint, Nicolas (2000), *Grammaire de la langue cap-verdienne. Étude descriptive et compréhensive du créole afro-portugais des Îles du Cap-Vert*, Paris: L'Harmattan.
- Quint, Nicolas (2001), "Vowels as a morphological tool in Santiago Creole Portuguese (Cape Verde)", *Journal of African languages and linguistics (JALL)* 22, 1, 69-80.
- Quint, Nicolas (2006), "Un bref aperçu des racines africaines de la langue capverdienne", em: Lang, Jürgen; Holm, John; Rougé, Jean-Louis; Soares, Maria-João (eds.), *Cabo Verde*.

- Origens da sua sociedade e do seu crioulo*, Tübingen: Narr, p. 75-90.
- Quint, Nicolas (2008), "Les Apontamentos de António de Paula Brito (1887) ou la naissance d'une tradition grammaticale autochtone", *Histoire Épistémologie Langage* 30/1, 127-153.
- Romano, Luis (1973), *Negrume (Lzimparin)*, Rio de Janeiro: Ed. Leitura.
- Rougé, Jean-Louis (1988), *Petit dictionnaire étymologique du Kriol de Guinée-Bissau et Casamance*, Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa.
- Rougé, Jean-Louis (1999), "Apontamentos sobre o léxico de origem africana dos crioulos da Guiné e de Cabo Verde (Santiago)", em: Klaus Zimmermann (ed.), *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*, Frankfurt/Main: Vervuert, p. 49-65.
- Santos, Rosine (1979), "Comparaison entre le créole du Cap-Vert et les langues africaines. Paper presented at the 'Primeiro colóquio linguístico sobre o crioulo de Cabo Verde'", *Réalités Africaines et Langue Française* 11, 55-102.
- Schuchardt, Hugo (1881), Resenha de C. Baissac, *Étude sur le patois mauricien* e de F. A. Coelho, *Os dialectos românicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America*, *Zeitschrift für romanische Philologie* 7, 580/581.
- Schuchardt, Hugo (1887), Resenha de J. Vieira Botelho da Costa e C. Duarte, *O creôlo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o creôlo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao dr. Hugo Schuchardt*, *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie* 8, 132-141.
- Schuchardt, Hugo (1888), "Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch, I. Allgemeines über das Negerportugiesische", *Zeitschrift für romanische Philologie* 12, 242-254.
- Schuchardt, Hugo (1888), "Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch, II. Zum Negerportugiesischen Senegambiens, III. Zum Negerportugiesischen der Kapverden", *Zeitschrift für romanische Philologie* 12, 301-322.
- Schuchardt, Hugo (1889), Resenha de A. de Paula Brito, *Apontamentos para a grammatica do crioulo que se falla na ilha de S. Thiago de Cabo Verde*, *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie* 10, 452-458.
- Schuchardt, Hugo (1909), "Die Lingua franca", *Zeitschrift für romanische Philologie* 33, 441-461.
- Silva, Baltasar Lopes da (1984), *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda (primeira ed. de 1957).
- Silva, Izione Santos (1985), *Variation and change in the verbal system of Capeverdean crioulo*, DPh Dissertation, Georgetown University, Washington, D.C.
- Silva, Izione Santos (1990), "Tense and aspect in Capeverdean crioulo", em: Singler, John Victor (ed.), *Pidgin and*

- creole tense-mood-aspect systems*, Amsterdam: Benjamins, p. 143-168.
- Silva, Tomé Varela da (1986), *Natal y kontus*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro 1986.
- Silva, Tomé Varela da (ed.) (2004), *Na bóka noti, Vulumi-I, Un libru di stórias tradisional organizadu y prizentadu pa T.V. da Silva*, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (primeira ed. de 1987).
- Spínola, Danny (2004), *Lagoa Gémia*, Kontus 2004.
- Swolkien, Dominika (2009), "Gramática do crioulo de Cabo Verde by Armando Napoleão Rodrigues Fernandes", contribuição ao encontro anual da Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBLPE), 11-15 Agosto 2009, em Colónia (Alemanha).
- Thiele, Petra (1991), *Kabuverdianu: Elementaria seiner TMA-Morphosyntax im lusokreolischen Vergleich*, Bochum: Brockmeyer.
- Veiga, Manuel (1982), *Diskrison strutural di lingua kabuverdianu*, Praia: Institutu Kabuverdianu di Livru.
- Veiga, Manuel (1996), *O crioulo de Cabo Verde. Introdução à Gramática*, 2a ed., Mindelo, São Vicente: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco/Instituto Nacional da Cultura.
- Veiga, Manuel (2006), "O crioulo de Cabo Verde: Afirmação e visão prospectiva", em: Lang et al., p. 27-41.
- Veiga, Manuel (2009), *Odju d'agu*, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (primeira ed. de 1987).
- Wright, Roger (1989), *Latín tardío y romance temprano en España y la Francia carolingia, versión española de Rosa Llor*, Madrid: Gredos (original inglês 1982).

I.

**SONS E ESCRITA**



# 1. Fonética e fonologia

## 1.1 Unidades fónicas

### 1.1.0 Observações preliminares

Diferentes critérios permitem distinguir, na intervenção de um interlocutor (ingl. 'turn') diferentes tipos de unidades fónicas que serão sempre, ao mesmo tempo, unidades funcionais. Estes tipos de unidades formam uma hierarquia. Começando pelas unidades do mais alto nível, temos, em linha descendente, pelo menos, os seguintes tipos de unidades: frases (cf. 1.1.1), palavras fónicas (cf. 1.1.2), grupos tónicos ou 'pés' (cf. 1.1.3), sílabas (cf. 1.1.4) e fonemas (cf. 1.1.5). Na secção 1.1.6 ilustramos cada uma destas unidades através de um curto texto.

Uma unidade de determinado nível abrange uma ou várias unidades do nível imediatamente inferior. Uma unidade de um determinado nível pode, assim, funcionar, por si só, como uma unidade do nível imediatamente superior. Segundo este princípio, podem dar-se casos em que uma unidade do mais alto nível, isto é, toda a intervenção de um interlocutor, consta de uma só unidade do nível mais baixo, isto é, de um só fonema: cf. pg. *É!* como resposta a uma pergunta do tipo *É verdade que o João e a Maria se separaram?*

### 1.1.1 Frase

A frase é um ato de fala mínimo, mas nem todo o ato de fala mínimo é uma frase, pois qualquer sequência fónica mínima proferida com a intenção reconhecível de atuar sobre o interlocutor constitui já um ato de fala mínimo.

Assim, existem pelo menos dois outros tipos de atos de fala mínimos, além das frases: a exclamação (por ex. *Avé!* 'Cre-do!')<sup>a</sup> e o vocativo (por ex. *Nhu Rumáldu!* 'Senhor Rumáldu!').

---

<sup>a</sup> Neste capítulo de fonética e fonologia indicamos para cada expressão crioula apenas um dos seus significados contextuais.

Por meio das exclamações, que constam de uma interjeição ou de uma locução interjetiva, os falantes

- manifestam sentimentos, como a alegria, a surpresa, o horror, etc. (cf. *Avé!* 'Credo!', *Oi nha mai!* 'Meu Deus!', etc.),
- incitam a ações (cf. *Xó!* 'Xô!', *Paxénxa!* 'Paciência!'),  
ou
- imitam ruídos (cf. *Póu!* 'Zás!', *Flupu!* 'Chape!')

sem descreverem tais sentimentos, ações ou ruídos.

Através dos vocativos (cf. *Nhu Rumáldu!* 'Senhor Rumáldu!'), os falantes visam atrair a atenção de outros para si e, de forma indireta, para aquilo que lhes querem dizer, mostrar, etc.

São frases os atos de fala mínimos onde um falante se refere a um estado de coisas ou a uma relação entre estados de coisas para os afirmar, para exigir a sua existência, para perguntar pela sua existência, etc. (cf. *Bu átxa livro* 'Encontraste o livro', *Átxa livro!* 'Encontra o livro!', *Bu átxa livro?* 'Encontraste o livro?', etc.). Tais atos de fala mínimos chamam-se também atos ilocutórios. A nível fônico, confia-se a um determinado contorno entoacional a tarefa de garantir a unidade da frase.

Uma frase pode ser muito longa e apresentar uma estrutura interna complexa. Impõe-se, portanto, distinguir nela unidades de nível inferior.

### 1.1.2 Palavra fónica

Por analogia com os textos escritos, onde as palavras surgem separadas por espaços, chamamos palavra fónica (fr. mot phonétique) a qualquer sequência fónica contínua que, na fala pausada, pode ficar entre duas pausas. Também a uma palavra fónica corresponde um contorno entoacional próprio. E por ser a palavra fónica a unidade mais pequena que dispõe de um contorno entoacional próprio, há autores que preferem chamá-la de

---

'unidade entoacional' (ingl. intonation unit, cf. Fox 2000: 338). Quando uma frase contém várias palavras fónicas, os seus contornos entoacionais subordinam-se ao contorno entoacional da frase que as engloba.

Entre as entidades que costumam constituir palavras fónicas próprias mencionaremos apenas, a título de exemplo, as parentéticas, os 'tópicos' ou 'temas' deslocados à esquerda ou à direita, as orações relativas explicativas, as aposições e os aditamentos que determinam o ato de fala enquanto tal (cf. 3.3.1.3). Eis um exemplo para cada um destes cinco casos:

Parentética:

..., kuáundu el txiga la kel kánpu (**ainda boi k'odja-l**), dj'el odjâ boi la lonji ta kumê (233/22) '..., quando chegou àquele campo (o boi ainda não o avistara), já viu o boi lá longe a comer.'

Tópico deslocado:

Abô, rapasinho?!... E'fla-l: - **Amí**, nha mai dexe-m pa N po panéla riba, agóra fós dja perde-m, ... (147/4). 'Você [aqui], rapaz? - [O rapaz] Respondeu: Eu, a minha mãe permitiu-me que começasse a cozinhar, só que já perdi os fósforos, ... .'

Oração relativa explicativa:

Pasarinha, **ki ê ávi más bunitu di Káuberdi**, ten biku burmedju ku ása azul. 'A passarinha, que é a ave mais bonita de Cabo Verde, tem o bico vermelho e as asas azuis.'

Aposição:

Pasarinha, **ávi más bunitu di Káuberdi**, ten biku burmedju ku ása azul. 'A passarinha, a ave mais bonita de Cabo Verde, tem o bico vermelho e as asas azuis.'

Aditamentos que determinam o acto de fala enquanto tal:

**Na fundu**, bu disizon foi dretu. (RS) 'Na verdade, a tua decisão foi acertada.'

Pela presença de tais elementos, muitas frases constam de várias palavras fónicas.

### 1.1.3 Grupo tónico ('pé')

O critério utilizado para delimitar os grupos tónicos, que em poética recebem o nome de 'pés', é o acento fónico. Quando falamos, destacamos determinadas sílabas por meio da intensidade ('acento dinâmico'), da altura ('acento musical') ou da duração ('acento quantitativo'). Regra geral, estas sílabas acentuadas ou 'tónicas' reúnem todas estas qualidades, embora uma delas seja normalmente predominante (em francês predomina a altura, no crioulo de Santiago a intensidade).

Um grupo tónico é constituído por uma sílaba acentuada e por todas as sílabas não acentuadas ou 'átonas' que eventualmente a acompanhem. Pode, portanto, ser constituído por uma ou várias sílabas.

As palavras plurissilábicas costumam apresentar apenas uma sílaba tónica (cf. cs. *dispénsa* 'despensa', *kontribuisson* 'contribuição', *bóbra* 'abóbora', etc.), pelo que constituem um só grupo tónico. São exceções a esta regra, no português e no crioulo de Santiago, alguns compostos (cf. por ex. pg. *quebra-cabeça*, cs. *kebra-kabésa*) e os advérbios terminados em *-mente*, *-menti* (cf. pg. *directamente*, cs. *dirétamenti*, etc.).

As palavras átonas, isto é, as palavras desprovidas de acento fónico próprio, apoiam-se sempre em alguma palavra tónica subsequente ou precedente. Todas as palavras átonas que se apoiam na mesma palavra tónica formam com ela um só grupo tónico. As que se encostam a uma palavra tónica subsequente encontram-se em posição 'proclítica' ou em 'próclise'; as que se apoiam numa palavra tónica precedente estão em posição 'enclítica' ou em 'ênclise'. Uma palavra fónica pode ser constituída por um ou vários grupos tónicos consecutivos.

O número de grupos tónicos numa palavra fónica corresponde ao número de sílabas acentuadas que a compõem. Contudo, nem sempre é fácil identificar com precisão os limites de cada um dos grupos tónicos. Por isso, dispensamo-nos de o fazer nas transcrições do texto exemplificativo sob 1.1.6 O problema é

que, muitas vezes, faltam critérios fônicos infalíveis para se decidir se uma determinada palavra átona deve ser considerada enclítica relativamente a uma palavra tônica precedente ou proclítica relativamente a uma palavra tônica subsequente. Os linguistas socorrem-se nestes casos de critérios sintáticos, agrupando a palavra átona em questão com a palavra tônica que ela determina. Se aplicarmos este critério a uma das palavras fônicas do parágrafo anterior, podemos segmentá-la da seguinte forma:

..., ki ê ávi | **más** | bunitu | di **Káu** | **berdi**, ...

Na verdade, podem obter-se limites ligeiramente diferentes dependendo de se a segmentação se faz apoiando-se em critérios fonéticos ou em critérios fonológicos (cf. 1.1.4).

#### 1.1.4 Sílaba

Sob 1.1.3 já falámos das sílabas. O critério para a contagem de sílabas numa unidade fônica de nível superior é dado pelas alternâncias do grau de sonoridade ou percetibilidade na fala. O termo 'percetibilidade' indica que não se trata de um valor objetivamente mensurável. São os ouvintes (e os falantes são, geralmente, ao mesmo tempo também ouvintes) que percebem a cadeia fônica como sendo uma sequência de picos e vales de percetibilidade. Fatores vários contribuem para esta perceção. Além das variações da intensidade, trata-se sobretudo de variações ao nível dos obstáculos que a corrente de ar tem de ultrapassar durante o seu percurso desde a laringe até ao exterior. Assim, são mais percetíveis os sons sonoros do que os surdos, os sons fricativos mais do que os oclusivos, as vogais abertas mais do que as fechadas, e, sobretudo, as vogais mais do que as consoantes (pelas razões indicadas a em 1.1.5).

Cada pico de percetibilidade constitui o centro de uma sílaba. Consequentemente, contam-se num grupo tónico e numa palavra fônica tantas sílabas quantos picos de percetibilidade for possível distinguir neles. Cada uma destas sílabas estende-se de um ponto mais baixo de percetibilidade até ao próximo. Chama-se parte explosiva de uma sílaba à parte em que a percetibilidade vai em crescendo e parte implosiva àquele em

que vai diminuindo. Como as vogais são, por definição, mais perceptíveis do que as consoantes, pode dizer-se que o centro de uma sílaba é sempre mais vocálico, ao passo que o seu início e o seu fim são sempre mais consonânticos.

Por conseguinte, numa consoante intervocálica podemos distinguir duas fases. Uma primeira, implósiva, que faz parte da sílaba precedente, e uma segunda, explosiva, que pertence à sílaba seguinte.

Só a nível fonológico, quer dizer, após a análise da cadeia fónica em fonemas (cf. 1.1.5) e da classificação destes em fonemas consonânticos e vocálicos, faz sentido falar em sílabas que começam ou terminam por vogal ou que começam ou terminam por uma ou várias consoantes. A uma consoante intervocálica que, a nível fonético, tem uma parte que pertence à sílaba precedente e outra que pertence à sílaba seguinte, costuma corresponder, portanto, a nível fonológico, uma consoante que pertence a apenas uma das duas sílabas (geralmente à sílaba seguinte).

As sílabas que terminam em vogal chamam-se livres ou abertas, as que terminam em consoante, chamam-se travadas. Sequências de duas ou três vogais no interior de uma sílaba formam 'ditongos' e 'tritongos' (para estes, cf. 1.2.1.8.2).

#### 1.1.5 Fonema

No interior de uma palavra fónica e no interior de um grupo tónico há poucos limites claramente perceptíveis (oclusões, golpes de glote, etc.). A impressão que se tem é a de um contínuo com transições graduais. Esta afirmação vale ainda mais para as sílabas, visto os poucos limites claros no interior das unidades de nível mais alto coincidirem com os limites entre sílabas. A nível fonológico, cada sílaba consta, porém, de um, dois, três, quatro ou cinco fonemas (raramente mais).

A análise de unidades de mais alto nível em fonemas não é possível sem recorrer aos significados, visto os fonemas serem definidos como sendo as unidades fónicas mínimas com capacidade de distinguir significados. Esta capacidade demonstra-se através de provas de comutação e de permutação. As provas de

comutação podem levar à identificação de 'pares mínimos' (cf. 1.2.1.3 e 1.2.2.3), que tornam particularmente evidente que dois sons devem ser considerados como realizações de fonemas diferentes. As provas de permutação podem impor uma análise mono ou bifonemática de uma sequência de sons (em cs. há [dʒ] em *midju* s. 'milho', etc., mas não há \*[ʒd], devendo, por isso, a sequência [dʒ] ser analisada como realização de um único fonema /j/; pelo contrário, há [rk] em *bárku* s. 'barco', etc., mas há também [kr] em *sukri* s. 'açúcar', etc., impondo-se, portanto, uma análise bifonemática /rk/ da sequência [rk]).

Uma 'língua funcional', isto é, a variedade de uma língua histórica como o português, o alemão, etc. que uma determinada camada da sociedade utiliza, numa determinada localidade e num determinado tipo de interação verbal, dispõe de um número determinado de fonemas. Nas línguas europeias, este número costuma situar-se entre 20 e 40 (atualmente 24 no espanhol europeu padrão, 33 no francês padrão, etc.).

Muitos autores exigem a existência de pelo menos um par mínimo, isto é, um par de palavras cuja pronúncia só difere num único ponto (ex. cs. *partí* ['pɛrti] v. 'quebrar' vs. *párti* ['parti] s. 'parte'), para reconhecer valor distintivo a uma determinada diferença fônica (no exemplo anterior à diferença entre [ɛ] e [a]) e, portanto, para aceitar a existência de determinados fonemas (aqui a existência de /ɛ/ e de /a/). Não partilhamos desta opinião. O critério decisivo deve ser o sentir dos falantes. Se estes consideram que um determinado contraste fônico contribui para distinguir significados noutros casos, por exemplo em pares como *partí* ['pɛrti] v. 'quebrar' vs. *pártu* ['partu] s. 'parto', então os sons correspondentes devem ser considerados como sendo representantes de fonemas diferentes da sua língua, mesmo não existindo nenhum par 'mínimo' do tipo ['pɛrti] / ['parti].

Há ainda um outro mal-entendido amplamente difundido. Consiste em pensar que qualquer introdução, eliminação ou modificação de um traço distintivo num fonema de uma palavra a

transforma noutra palavra ou então numa palavra que não existe na língua ou variedade em questão. Na realidade, não há razões para que a realização de uma palavra varie só dentro dos estreitos limites de uma série invariável de fonemas que a compõem. Ocorre frequentemente, especialmente nas línguas sem tradição escrita, que um mesmo falante realize uma determinada palavra nas mesmas circunstâncias de modo tão diferente - dizendo, por exemplo, umas vezes *rakonhesedu* 'grato, reconhecido', mas outras *rekonhesedu*, *rakonhesidu*, *rekonhesidu*, *rakonhisedu*, *rekonhisedu*, *rakonhisidu* ou *rekonhisidu* - que é preciso admitir variantes fonologicamente distintas para esta. Ao que parece, a palavra em questão dispõe de um contorno fónico global que a mantém reconhecível apesar de tais variações.

Em resumo: Postulamos fonemas com base na sua função potencial de distinguir significados, o que não implica que exerçam sempre esta função em todos os contextos. Não obstante, parece não haver dúvidas de que os pares mínimos são particularmente úteis para ilustrar essa função distintiva, e, portanto, para ilustrar a existência de oposições fonológicas entre fonemas - justamente porque constituem casos onde dois significantes diferem apenas num único ponto. Por isso, nas seções 1.2.1.3 e 1.2.2.3, recorreremos aos pares mínimos para ilustrar o máximo de oposições entre fonemas. Onde tal não for possível, utilizaremos pares 'quase mínimos' (na medida em que diferem em mais de um ponto da cadeia fónica).

O critério para a distinção entre fonemas vocálicos e consonânticos é fonético: as vogais mais fechadas do sistema fonológico de uma língua são ainda assim mais abertas do que todas as suas consoantes, isto é, o ângulo que formam os maxilares superior e inferior é maior quando pronunciamos uma vogal do que quando pronunciamos uma consoante, e o falante não cria obstáculos que dificultem a passagem do ar como faz quando pronuncia uma consoante. Do carácter aberto e geralmente sonoro das vogais resulta um alto grau de percetibilidade que as predestina a assumir a função de picos silábicos. As consoantes, por seu lado, com o seu menor grau de percetibilidade, encontram-se preferencialmente nas margens das sílabas.

Os fonemas consonânticos são 'sonoros' ou 'surdos' consoante a corrente de ar faça ou não vibrar as cordas vocais à



sua passagem pela laringe. Na maior parte dos sistemas fonológicos há séries inteiras de fonemas que se distinguem apenas pela presença ou ausência dessa sonoridade (cf. 1.2.2.1). Os fonemas vocálicos, por seu lado, costumam ser sonoros. Apenas em sílabas extremamente átonas se encontram realizações surdas de vogais (cf. 1.2.1.5.2).

#### 1.1.6 Texto exemplificativo com transcrição

Encerramos esta seção 1.1 sobre as unidades fônicas ilustrando as nossas explicações através da análise de um texto crioulo. No conto no. 3 da coletânea *Na bóka noti* (2ª edição de 2004, p. 38, linhas 20-21), uma mulher fica escandalizada quando o curandeiro lhe diz que o seu marido não está doente, mas é simplesmente preguiçoso.

- *Si nhu ka kre nxina-m ramédi, ka nhu nxina ... Má fla-m ma nha maridu ka sta duenti e fase trósa-l mi y txoma-m nha maridu di dodu! ...*

- 'Se não quer recomendar-me nenhum remédio, não recomende ... Mas dizer-me que o meu marido não está doente é fazer troça de mim e chamar o meu marido de doido. ...'<sup>b</sup>

Esta intervenção é constituída por duas frases, separadas na escrita por três reticências. À primeira palavra fónica segue-se uma vírgula. A terceira palavra fónica começa depois das reticências. Os limites entre a terceira, quarta e quinta palavras fônicas situam-se em ... *duenti / e fase ...* e em ... *trósa-l mi / y txoma-m ...*. A última pausa poderia ser omitida. Neste caso, a intervenção da mulher seria constituída apenas por quatro palavras fônicas.

Seguem-se duas transcrições desta intervenção. A primeira dá o texto na transcrição fonética relativamente larga que utilizaremos ao longo desta gramática. As frases estão separadas por barras duplas, as palavras fônicas por barras simples.

---

<sup>b</sup> Na 2ª edição de 2004 lê-se *kré*, na 1ª de 1987 *kre*. Tanto o nosso colaborador caboverdiano André dos Reis Santos como Emanuel de Pina, da Universidade de Cabo Verde, pronunciam o verbo com [e] fechado. Por isso substituímos *kré* por *kre*.

As sílabas tónicas vão precedidas de apóstrofo, apesar da impossibilidade de indicar o seu início com precisão numa transcrição fonética (cf. 1.1.4). É evidente que diferentes falantes poderiam preferir realizar como tónicas determinadas sílabas que, na nossa transcrição, não surgem acentuadas, ou realizar como não acentuadas determinadas sílabas que apresentamos como tónicas. Os símbolos são os da Association Phonétique Internationale (API). Representam sons, mais precisamente tipos de sons reais.

Transcrição fonética:

['siŋukɐkrɛ̃ʃi'nɛrɐ'mɛdi|

'kɛŋũ'ʃiɛ||

'ma'flɛmɛŋɛmɛ'ridukɛstɛ'dwenti|

e'fɛsi'trɔsɛl'mi|

ico'mɛŋɛmɛ'ridudi'dodu]

Na transcrição quase fonológica que se segue, o uso das barras e do apóstrofo continua a ser o mesmo que na transcrição fonética precedente. Os símbolos continuam a ser os de Association Phonétique Internationale (API), mas desta vez representam fonemas e não alofones. Com uma exceção: os 'arquifonemas', dos quais falaremos sob 1.2.1.6 e 1.2.2.5, não se transcrevem como tais (como às vezes se faz, usando maiúsculas). O símbolo que aparece em seu lugar representa o alofone, quer dizer a realização normal do arquifonema no contexto fonológico em questão. Os limites entre as sílabas fonologicamente delimitadas indicam-se por meio de pontos. O número dos grupos tónicos ('pés') é o mesmo que o das sílabas tónicas. Pelas razões expostas em 1.1.3 não se indicam os limites entre os grupos tónicos. O uso do til para a indicação do traço de nasalidade em vogais e consoantes ficará justificado em 1.2.0.

Transcrição fonológica:

/'si·ŋu·ke·krẽ·ʃi·'nẽ·rẽ·'mɛ·di|

'ke·ŋũ·'ʃi·ne||

'ma·'flẽ·me·ne·me·'ri·du·ke·ste·'duẽ·ti|

e·'fẽ·si·'trɔ·sɛl·'mi|

i·co·'mẽ·ne·me·'ri·du·di·'do·du/

## 1.2 Fonemas

### 1.2.0 Observação preliminar a respeito da nasalidade

O problema mais árduo na descrição fonológica do crioulo de Santiago é, sem dúvida alguma, avaliar o papel desempenhado pela nasalidade no sistema fonológico deste crioulo. Propomos justificar nesta secção as decisões que levaram ao estabelecimento dos inventários vocálico e consonântico nas secções 1.2.1 e 1.2.2 desta gramática. Leitores interessados apenas em conhecerem os resultados das nossas reflexões podem, por isso, saltar a leitura da presente secção.

Ninguém pode negar, e ninguém nunca negou, que o crioulo de Santiago tem, a nível fonético, vogais nasalizadas, consoantes nasais e consoantes nasalizadas. A este nível, as consoantes nasalizadas como [mp], [mb], [ɱf], etc. são constituídas por uma consoante oral precedida de uma consoante nasal homorgânica; daí a designação de 'pré-nasalizadas'.<sup>c</sup> Trata-se de sa-

---

<sup>c</sup> "In such a sequence the nasal portion is terminated and the stop initiated simply by raising the velum. [...] It is often been argued that similar gestural sequences in some languages should be treated as unitary segments, particularly if they occur in syllable-initial position." (Ladefoged/ Maddieson 1996: 119). Os complexos fonéticos em questão respondem, portanto, a um 'movimento articulatório unitário' (Trubetzkoy: 'einheitliche Artikulationsbewegung') durante o qual um obstáculo articulatório complexo se dissipa gradualmente. Efetivamente, se considerarmos apenas a cavidade oral, as consoantes nasalizadas começam com um duplo constrangimento: o primeiro, comum a todas estas consoantes, causado pelo abaixar do velum, e o segundo instaurado no ponto de articulação que corresponde à consoante pré-nasalizada que se trata de produzir. Posteriormente, desfaz-se primeiro o con-

ber se o crioulo de Santiago, para além dos seus três ou quatro fonemas consonânticos nasais ( $|m|$ ,  $|n|$ ,  $|ɲ|$  e, em certos falantes,  $|ŋ|$ ), tem também fonemas vocálicos nasalizados do tipo  $|ĩ|$ ,  $|ẽ|$ ,  $|ẽ̃|$ ,  $|ě̃|$ ,  $|ã|$ , etc. e/ou fonemas consonânticos pré-nasalizados do tipo  $|p̃|$ ,  $|b̃|$ ,  $|f̃|$ , etc. Da resposta a esta pergunta dependerá também o estatuto fonológico a atribuir ao pronome átono da primeira pessoa do singular, que o Alfabeto Unificado Para a Escrita do Caboverdiano (ALUPEC) representa por *N* antes de verbos e partículas verbais e por *-m* em posição enclítica ao verbo (cf. 10.1.4.3 e 10.1.4.4).

Expusemos pela primeira vez a nossa solução para este problema em 1999. E defendemo-la de novo em 2007, respondendo à contraproposta publicada em 2006 por Hildo Honório do Couto e Ulisdete Rodrigues de Souza.

A intuição dos próprios falantes do crioulo foi e continua a ser, para nós, o critério decisivo, seguido de perto pelo critério da simplicidade da descrição. Noutras palavras: preferimos a interpretação que faça jus, da forma mais simples, à intuição dos próprios falantes. E situamo-nos dentro de uma teoria fonológica de cunho europeu, não generativa.

Os factos fonéticos de cuja análise fonológica tratamos são os seguintes:

As três consoantes nasais  $[m]$ ,  $[n]$  e  $[ɲ]$  (ex. *már* ['mar] s. 'mar'; *náda* ['nade] v. 'nadar'; *nheme* ['ɲemi] v. 'mastigar') ocorrem em posição inicial de palavras fónicas e de sílabas. Nos mesmos contextos fónicos, as variedades mais arcaicas do crioulo santiaguense distinguem ainda um  $[ŋ]$  (ex. *ɲánha* ['ɲaɲe] s. 'o que fica de uma maçaroca depois de lhe terem sido retirados os grãos'). As restantes variedades do crioulo santiaguense usam o complexo  $[ŋg]$ , comum a todas as variedades, ou  $[ɲ]$ , em vez desse  $[ŋ]$  (ex. *ngánha* ['ɲgaɲe]). Não há dúvida de que a estes três ou quatro sons correspondem, quando ocorrem

---

strangimento posterior, levantando o velum, pelo que começa a escoar-se mais ar pela cavidade oral, mantendo-se durante algum tempo o outro. O conjunto produz a impressão de uma consoante com fase imploriva nasal e fase explosiva oral (cf. Trubetzkoy 1958: I, B e 1971: II, 3 e também Creissels 1994: 44-48 e 105-107).

antes de vogal, outros tantos fonemas consonânticos nasais.

As vogais fonéticas claramente nasalizadas ocorrem em posição final absoluta (ex. *fin* ['fĩ(ŋ)] s. 'fim', *xeren* [ʃe'rẽ(ŋ)] s. 'sêmola de milho', *manhan* [mɛ'ɲẽ(ŋ)] s. 'manhã', *ndjudjun* [ɲʃu'jũ(ŋ)] adj. 'em jejum', *pon* ['põ(ŋ)] s. 'pão'). Na fala da maioria dos falantes, mas não na de todos, as vogais nasalizadas em posição final absoluta vão seguidas de um [ŋ] (oclusão nasal velar).

Vogais fonéticas claramente nasalizadas ocorrem ainda no interior das palavras fónicas antes de consoantes orais que não são oclusivas nem laterais (ex. *tingi* ['tĩʒi] v. 'tingir', *ânsia* ['ãsjɛ] s. 'ânsia'; *kánsa* ['kãse] v. 'cansar(-se)'; *ránja* ['rãʒɛ] v. 'arranjar'; *ónra* [õrɛ] s. 'honra'). No mesmo contexto podem ocorrer vogais orais (ex. *kánsa* v. 'cansar' / *kása* v. 'casar(-se)', etc.).

Os complexos consonânticos do crioulo de Santiago constituídos por uma consoante oral precedida de uma consoante nasal homorgânica (cf. *mpára* ['mparɛ] v. 'apanhar', etc.) estão excluídos da posição final. Ocorrem só no início e no interior das palavras fónicas. Exemplos com o complexo em posição inicial são *nton* ['ntõ(ŋ)] adv. 'então', *nliona* ['nlionɛ] v. 'irritar-se'. Quando ocorrem no interior da palavra fónica, como em *kánta* ['kantɛ] v. 'cantar', *konloiu* [kon'loju] s. 'conluio', a vogal que precede o complexo não mostra apenas nasalização e o segundo elemento do complexo só pode ser uma consoante oclusiva ou lateral. Temos que admitir que até agora ainda não encontramos nenhum exemplo com [ɲʌ], nem em posição inicial, nem em posição interior.

No início e no interior dos grupos fónicos, pode seguir-se um [r] a complexos consonânticos deste tipo (ex. *nprista* v. 'emprestar, tomar emprestado'; *nfrakise* v. 'enfraquecer'; *sénpri* adv. 'sempre'; *ingri* adj. 'íngreme'), mas os complexos em questão não podem ser precedidos por nenhuma consoante.

---

A nossa interpretação fonológica deste conjunto de factos fonéticos parte da observação seguinte:

No interior das palavras fónicas só ocorrem antes de consoantes foneticamente orais que iniciam sílabas fonéticas:

- vogais foneticamente orais ou
- vogais fortemente nasalizadas a nível fonético ou
- sequências de vogais foneticamente orais (ou minimamente nasalizadas) mais consoante nasal.

Acresce que as duas últimas possibilidades se encontram em distribuição complementar: A sequência fonética 'vogal (quase) oral + consoante nasal' dá-se antes de consoante foneticamente oclusiva ou lateral. Assim por ex. em *linpu* ['limpu] adj. 'limpo', *lenbe* ['lembi] v. 'lamber', *kánta* ['kantɐ] v. 'cantar', *léndá* ['lendɐ] s. 'lenda', *sántxu* ['saŋcu] s. 'macaco (grande)', *djondjo* ['jonju] v. 'atar', *funku* ['fuŋku] s. 'cubata constante só do teto cónico', *tánga* ['taŋgɐ] s. 'tanga', *konloia* [kon'lojɐ] v. 'concluir'. A vogal foneticamente nasalizada, por seu lado, só ocorre antes de consoante fricativa ou vibrante. Assim por ex. em *diskunfia* [dis'küfjɐ] v. 'desconfiar', *konvérsa* [kõ'versɐ] s. 'conversa', *parénsa* [pɐ'rɛsɐ] s. 'aparência', *ónzi* [õzi] adj./s. num. 'onze', *konxe* ['kõfi] v. 'conhecer', *lonji* ['lõzi] adv. 'longe', *ónra* [õrɐ] s. 'honra'.

A distribuição estritamente complementar das duas alternativas 'vogal foneticamente nasalizada + consoante foneticamente oral' e 'vogal foneticamente oral + consoante foneticamente nasal + consoante foneticamente oral' parece colocar perante duas alternativas os linguistas desejosos de chegarem a uma descrição fonologicamente o mais simples possível. Podem considerar que antes de uma consoante foneticamente oral todas as vogais nasalizadas são constituídas, ao nível fonológico, por sequências de um fonema vocálico oral seguido de um fonema consonântico nasal. Ou podem considerar que antes de uma consoante foneticamente oral todas as sequências 'vogal oral mais consoante nasal' são compostas, ao nível fonológico, por ape-

nas um fonema vocálico nasalizado.

No que diz respeito às vogais foneticamente nasalizadas, tanto o locutor nativo Manuel Veiga como o francês Nicolas Quint adotaram, nas suas primeiras publicações, a segunda solução, bifonemática, para a trocaram em publicações posteriores pela primeira, monofonemática.

Manuel Veiga escreveu em 1982: ".. sílabas nazal ki e ka otu kusa sinon rializason di un vogal mas un konsuanti nasal (n)" (Veiga 1982: 63; com (n), o autor alude à representação da nasalidade de vogais e consoantes, segundo a proposta de Mindelo e posteriormente o ALUPEC, pela letra *n*). Por seu lado, Nicolas Quint, ainda em 2000, escreveu: "D'un strict point de vue phonologique, le badiais ne connaît pas de voyelle nasale, mais seulement des suites /Vn/" (Quint 2000: 25/26). É a interpretação bifonemática das vogais foneticamente nasalizadas do crioulo de Santiago.<sup>d</sup>

Mas partindo de uma observação para nós incorrecta, segundo a qual não haveria oposição entre semiabertas e abertas nas vogais nasalizadas do crioulo de Santiago, Nicolas Quint acrescentou em 2000 o seguinte: "quoique la nasalisation des voyelles nasales badiaise n'ait pas de valeur absolument phonologique, elle a des conséquences sur les oppositions distinctives observées" (Quint 2000: ib.), frase para nós difícil de entender.

Facto é que ambos os autores admitiram em publicações posteriores a existência de fonemas vocálicos nasalizados em santiaguense. Manuel Veiga (1996: 79; 2000: 85) postula ao lado das vogais orais outras tantas vogais nasalizadas: "idem + traço nasal (n)". Nicolas Quint também revisa em 2006 a sua interpretação de 2000: "Les voyelles nasalisées du créole et du portugais sont ici considérées comme des phonèmes vocaliques /V/ et non comme des suites /VC/: ainsi, les séquences {an} de *espantar* et {án} de *pánta* sont-elles comptabilisées comme /V/" (Quint 2006: 81, nota 13). É a interpretação monofonemática das vogais foneticamente nasalizadas do crioulo de Santiago.

Será possível harmonizar todas estas afirmações?

O que sucede no interior das palavras fônicas não deve ser encarado de forma independente do que sucede no seu início e no seu fim. Mas ao passo que o que ocorre no final absoluto das palavras fônicas advoga a favor da existência de fonemas vocálicos nasalizados no crioulo de Santiago, aquilo que sucede no seu início advoga a favor da existência de fonemas consonânticos pré-nasalizados.

Efetivamente, no final absoluto de palavra, para além de determinadas consoantes e vogais orais, encontramos também vogais fortemente nasalizadas. É certo que estas palavras terminam foneticamente, para a maioria dos falantes, em [ŋ] (Ex. *Sin!* ['sĩŋ] 'Sim!'), mas é evidente que a presença deste som não é fonologicamente distintiva, pois nem todos os falantes acrescentam este [ŋ] e, mais importante ainda, nem por acrescentá-lo mudam a vogal de nasalizada em oral. Neste sentido, parece-nos equivocada a afirmação de Rosine Santos segundo a qual "... les voyelles nasales peuvent se conserver en syllabe finale ou se réaliser suivies d'un segment vélaire, conformément à ce qui est fréquent en manding" (Santos 1979: 75). Isto insinua que os falantes que deixam que a vogal termine em [ŋ] a realizam então como vogal oral - o que não é o caso. Para além disso, ninguém considera incompleta a realização da palavra quando o falante omite este [ŋ], dizendo simplesmente *Sin!* ['sĩ], etc. Para o nosso colaborador caboverdiano, o adjetivo *bon* ['bõ(ŋ)] 'bom' distingue-se do pronome pessoal tónico da segunda pessoa do singular *bo* ['bo], não por ter três fonemas em vez de dois, mas sim pelo carácter nasalizado da vogal. A sua 'imagem acústica' (Saussure) do adj. *bon* consta de dois fonemas e aquela do substantivo *pilon* [pi'lõ(ŋ)] 'pilão' de quatro fonemas, independentemente de se ouvir um [ŋ] no final ou não.

Resumindo: No crioulo de Santiago, é frequente as vogais nasalizadas finais terminarem por uma fase implosiva, em que o velum desce até encontrar a raiz da língua, resultando um [ŋ]

---

<sup>d</sup> Em 1979, Rosine Santos tinha proposto uma análise análoga para as vogais nasalizadas das línguas ancestrais dos crioulistas de Cabo Verde e do crioulo caboverdiano (cf. Santos 1979: 75 e 76).



final. Isto não altera o facto de estarmos, no plano fonológico, na presença de um único fonema vocálico nasalizado.

Acresce que, em nosso entender, não é legítimo supor a existência de um fonema consonântico numa suposta 'estrutura profunda', onde foneticamente não há necessidade de produzir tal consoante. Na nossa opinião, chega-se ao fonema a partir de certas características de sons reais. Supor a existência de fonemas sem base fonética é incompatível com a nossa concepção de fonema.

Ao passo que a situação no final das palavras mostra que o crioulo de Santiago tem fonemas vocálicos nasalizados, a situação no seu início demonstra, em nosso entender, que também dispõe de fonemas consonânticos (pré)nasalizados. Manuel Veiga não menciona tais consoantes, o que nos leva a pensar que analisa as sequências fonéticas de consoante nasal mais consoante oral, também a nível fonológico, como sequência de consoante nasal mais consoante oral', tal como faz Nicolas Quint de forma mais explícita em 2000 (cf. Quint 2000: 32-33). É a interpretação bifonemática das consoantes foneticamente pré-nasalizadas do crioulo de Santiago.

Porém, em 2006, Nicolas Quint escreve o seguinte a propósito destas consoantes foneticamente pré-nasalizadas: "De plus, il semble bien que les pré-nasales en capverdien, à l'instar de ce qui se passe en wolof ou en bambara, doivent être interprétées (au moins à l'initiale) comme des phonèmes à part entière (hypothèse monophonématique) et non comme une suite /(i)N.C/ avec une coupe syllabique passant entre l'élément nasal et l'articulation consonantique qui suit (hypothèse biphonématique)" (Quint 2006: 81). É a interpretação monofonemática das consoantes foneticamente pré-nasalizadas do crioulo de Santiago - pelo menos daquelas que se encontram em posição inicial.

Para nós, a existência monofonemática das consoantes foneticamente pré-nasalizadas não resulta automaticamente da existência de numerosas palavras que começam, tanto na pronúncia como na escrita ALUPEC, por sequências fonéticas do tipo 'consoante nasal + consoante oral' (*npára* ['mparɐ] v. 'apanhar', *nton* ['ntõ(ŋ)] adv. 'então', *nkontra* ['ŋkontrɐ] v. 'encontrar',

*nburdia* ['mburdje] v. 'embrulhar', *ndjudjun* [ɲju'ʒũ(ɲ)] adj. 'em jejum', *nguli* ['ɲguli] v. 'engolir', *nforka* ['ɲforke] v. 'enforçar', *nxina* ['ɲsine] v. 'ensinar', *nzámi* ['nzami] s. 'exame', *njuria* ['ɲʒurje] s. 'injúria', etc.). E também não resulta automaticamente do facto de, em 1979, ter sido tomada a decisão de representar todas as consoantes foneticamente pré-nasalizadas por meio da letra *n* seguida de mais um ou dois grafemas consonânticos. Tal decisão seria também compatível com uma interpretação segundo a qual a letra *n* representaria, nestes casos, um arquifonema consonântico nasal.

Em última instância, a nossa decisão de supor a existência de fonemas consonânticos pré-nasalizados no crioulo de Santiago e de ver neste *n*, não a representação de um arquifonema, mas de um traço distintivo, isto é, da nasalidade deste fonema consonântico pré-nasalizado, baseia-se na intuição dos próprios falantes. De facto, até agora, a proposta de fonemas consonânticos pré-nasalizados como |ǃ|, |ǂ|, |ǃ̃| no crioulo de Santiago nunca motivou protestos por parte dos falantes nativos desta variedade. Para além disso, o nosso colaborador André dos Reis Santos sempre susteve - a intervalos de anos e certamente sem se recordar do que tinha dito da última vez - que a palavra *nxina* /'ɲsine/ v. 'ensinar' tinha quatro 'sons'. Isto significa que a sua imagem acústica desta palavra é composta por quatro fonemas e não cinco.

O reconhecimento da existência tanto de fonemas vocálicos nasalizados como de fonemas consonânticos pré-nasalizados no crioulo de Santiago traz nova nova luz sobre o problema das transições silábicas no interior das palavras pelo qual começámos. A suposição segundo a qual em *kánta* ['kante] v. 'cantar' teríamos uma sequência 'fonema vocálico oral + fonema consonântico pré-nasalizado' (|'kaŋe|), ao passo que em *lánxa* ['lãʃe] v. 'lanchar' teríamos uma sequência 'fonema vocálico nasalizado + fonema consonântico oral' (|'lãʃe|), não é muito convincente, visto não existirem, neste crioulo, nem sequências fonéticas de 'vogal nasalizada + consoante oral oclusiva o late-

ral' (tipo \*['kãtɐ]), nem - antes de consoantes fricativas ou vibrantes - sequências fonéticas do tipo 'vogal oral + consoante nasal' (tipo \*['lanʃɐ]). Este facto já tinha induzido os nossos predecessores a propor, para o nível fonológico, idêntica análise para ambos os tipos, mesmo que ainda sem admitirem a existência de fonemas consonânticos pré-nasalizados.

Parece mais razoável supor que o falante não toma duas decisões a favor ou contra a nasalidade, primeiro para a vogal final de uma sílaba e depois para a consoante inicial da sílaba seguinte, mas que há uma decisão global para toda a transição silábica. Se isto for assim, então a nasalidade (o [n] em ['kantɐ] e o [̃] em ['lãʃɐ]) pertence, fonologicamente falando, tanto ao fonema vocálico precedente como ao fonema consonântico subsequente. Logo, já não tem sentido discutir se, numa transição silábica nasalizada, é a nasalidade do fonema consonântico que determina a nasalidade do fonema vocálico precedente (dando-se, portanto, uma neutralização da oposição oral/nasalizado na vogal) ou se é a nasalidade deste fonema vocálico que determina a do fonema consonântico subsequente (dando-se, portanto, uma neutralização desta oposição na consoante). É toda a transição silábica que será ou nasalizada ou oral.

A fonologia de cunho tradicional não parece prever tal possibilidade. Porém, tendemos a ver neste facto uma lacuna na teoria tradicional e não uma falha na nossa interpretação. De acordo com esta interpretação deveríamos em princípio pôr, na transcrição fonológica, um único til em cima da vogal e da consoante que, juntas, formam a transição silábica.<sup>e</sup> Visto isto ser tecnicamente impossível, pomos um em cada um dos dois símbolos, o vocálico e o consonântico, escrevendo *kãnta* /'kãtɐ/, *lãnxã* /'lãʃɐ/, etc. Ou seja, transcrevemos as transições globalmente nasalizadas segundo o esquema /-V/Ç-/, supondo que se trata de sequências do tipo 'fonema vocálico nasali-

---

<sup>e</sup> Em 1536, Fernão de Oliveira observa, em relação aos ditongos ão, ãe, õe e ão: "Por onde me parece termos necessidade de uma letra que esteja sobre aquelas duas vogais juntamente: a qual seja til" (Oliveira 1536, 1974: Capítulo IX).

zado + fonema consonântico nasalizado'.<sup>f</sup> Fazemo-lo de novo de acordo com o sentir dos próprios falantes, visto o nosso colaborador caboverdiano estar convencido de que as palavras *kánta* v. e *lánxa* v. consistem cada uma de quatro 'sons' e considerar que as consoantes intervocálicas de *kánta* e de *lánxa* são as mesmas que as iniciais do adv. *nton* 'então' e do v. *nxina* 'ensinar'.

Esta análise traz consideráveis consequências para a descrição fonológica do crioulo de Santiago nos parágrafos que se seguem. Ela faz deste crioulo uma língua com um número relativamente elevado de fonemas, em que a cada um dos oito fonemas vocálicos orais corresponde um fonema vocálico nasalizado e a cada um dos dezassete fonemas consonânticos orais um fonema consonântico nasalizado. Em contrapartida, esta interpretação fornece palavras fonologicamente 'curtas', com poucos grupos consonânticos, e constituídas predominantemente por sílabas do tipo /CV/. Sempre de acordo com esta interpretação, varia consideravelmente tanto a realização dos fonemas vocálicos nasalizados como a dos fonemas consonânticos nasalizados em função do contexto fônico (cf. 1.2.1.5.5 para as vogais e 1.2.2.4.5 para as consoantes).

Resumindo: em nosso entender, existem no crioulo santiaguense tanto fonemas vocálicos orais como fonemas vocálicos nasalizados, tanto fonemas consonânticos orais e nasais como fonemas consonânticos pré-nasalizados. No que se refere à nasalidade, as transições de uma sílaba para outra do tipo /-V/C-/ no interior de uma palavra só podem ser de três tipos:

1. fonema vocálico oral/fonema consonântico nasal,
2. fonema vocálico oral/fonema consonântico oral,
3. fonema vocálico nasalizado/fonema consonântico pré-nasalizado.

Excetuando as sílabas do primeiro tipo (1.), as transições silábicas só podem ser globalmente orais (2.) ou globalmente nasalizadas (3.).

---

<sup>f</sup> Esta representação ortográfica é menos revolucionária do que parece. Nas descrições da fonética e fonologia portuguesas põe-se, por ex., muitas vezes um til em ambas as vogais que formam um ditongo nasal (cf. Mira Mateus et al. 2003: Parte VI).

## 1.2.1 Fonemas vocálicos

### 1.2.1.1 Inventário

O inventário dos fonemas vocálicos do crioulo de Santiago contém oito vogais orais e oito vogais nasalizadas. Estas últimas diferem das primeiras apenas pela presença do traço da nasalidade. Ao todo, temos pois 16 unidades (o espanhol padrão tem cinco, o alemão e o francês padrão têm 15-16):

	vogais orais			vogais nasalizadas		
	a.	c.	p.	a.	c.	p.
fechadas	i		u	ĩ		ũ
semiabertas	e	ɛ	o	ẽ	ɛ̃	õ
abertas	ɛ	a	ɔ	ẽ	ã	ɔ̃

a. = anteriores (palatais), c. = centrais, p. = posteriores (velares)

(Carvalho 1962a: 46 já dá este quadro para as vogais orais; para os argumentos a favor da existência de fonemas vocálicos nasalizados, cf. 1.2.0).

Sirvam, para exemplificar estas 16 vogais, as vogais tônicas das 16 palavras seguintes: *pidi* /'pidi/ v. 'pedir', *leti* /'leti/ s. 'leite', *kabésa* /kɛ'bɛsɛ/ s. 'cabeça', *sabe* /'sɛbi/ v. 'saber', *sábi* /'sabi/ adj. 'agradável', *pupa* /'pupɛ/ v. 'gri-tar', *noti* /'noti/ s. 'noite', *pórta* /'pɔrte/ s. 'porta', *fin* /'fi/ s. 'fim', *xeren* /ʃɛ'rɛ/ s. 'sêmola de milho', *paxénxa* /pe'ʃɛʃɛ/ s. 'paciência', *manhan* /mɛ'ɲɛ/ s. 'manhã', *lánxi* /'lãʃi/ s. 'merenda', *ndjudjun* /'ɲujũ/ adj. 'em jejum', *pon* /'põ/ s. 'pão', *kónxa* /'kɔʃɛ/ s. 'concha' (nas nossas transcrições fonológicas, transcrevemos sempre, em vez dos arquifonemas - cf. 1.2.1.6 e 1.2.2.5 - os alofones que os representam).

No inventário dos fonemas atribuímos aos fonemas /e/, /ɐ/, /o/, por um lado, e aos fonemas /ɛ/, /a/, /ɔ/, por outro, o mesmo grau de abertura, resultando um sistema 'retangular' e não 'triangular'. Esta disposição justifica-se duplamente: foneticamente pela realização extremamente aberta do /ɛ/ e do /ɔ/ e a realização relativamente aberta do /e/ e do /o/, que leva os linguistas facilmente a considerar abertas vogais que para os falantes do crioulo são semiabertas; funcionalmente pelo facto de, até certo ponto, a oposição a/ɐ servir também para distinguir categorias gramaticais, como é o caso das oposições ɛ/e e ɔ/o (cf. 1.2.1.4). Ambos os argumentos valem ainda para o arranjo dos fonemas vogais nasalizados.

O rendimento da oposição a/ɐ não é muito alto. Como as restantes oposições da correlação aberto/semiaberto, só funciona nas sílabas tónicas (cf. 1.2.1.6.1), embora mesmo neste contexto se observem claras afinidades dos dois membros da oposição com contextos mais específicos:

Em posição tónica final, encontramos quase exclusivamente /ɐ/ nos ditongos terminados em [i]; nos ditongos terminados em [u] encontramos exclusivamente /a/. Cf. por um lado, *bai* v. 'ir', *kai* v. 'cair', *mai* s. 'mãe', *mamai* s. 'mamã', *pai* s. 'pai', *papai* s. 'papá', *sai* v. 'sair', todos com [ɛi] e, por outro lado, *káu* s. 'lugar', *máu* adj. 'mau', etc., todos com [au] (o acento gráfico indica o carácter aberto da vogal, cf. 2.2.1). É particularmente ilustrativa neste sentido a coexistência de variantes como *bá* ['ba] e *bai* ['bɛi] v. 'ir', o de palavras como *máiu* ['majɐ] s. '(mês de) maio' e *mai* ['mɛi] s. 'mãe'.

Em sílabas tónicas finais travadas por /s/ só ocorre /a/ (cf. *aliás* adv. 'além disso', *bagás* s. 'bagaço', *patrás* s. 'traseiro', etc.). Consequentemente, aparece ainda -á /a/ em vez do -a /ɐ/ átono dos verbos quando estes ocorrem com o pronome pessoal enclítico da terceira pessoa de plural -s: cf. *E*

*odja* [e'oʝɐ] 'Viu' vs. *E odjá-s* [e'oʝas] 'Viu-os' (veremos sob 10.1.4.4 que os pronomes pessoais enclíticos atraem o acento para a vogal final do verbo).

Nas sílabas tónicas finais travadas por /l/ o fonema /ɐ/ é muito mais frequente do que o fonema /a/ (cf. por ex. *kintal* s. 'espaço por detrás das casas tradicionais', *kural* s. 'curral', *poial* s. 'muro que rodeia o espaço à frente da entrada das casas tradicionais', *sal* s. 'sal', *pedregal* s. 'pedregal', *Tarrafal* topónimo, etc., todos com /-ɐl/. Por isso, não surpreende que o -a /ɐ/ final dos verbos não se transforme em -á /a/ quando segue o pronome pessoal da terceira pessoa do singular -l, apesar de ele também atrair o acento para a vogal final do verbo: cf. *E odja-l* [e'oʝɐl] 'Viu-o' (cf. de novo 10.1.4.4.). No entanto, têm /al/ e não /ɐl/ o interrogativo *kál* 'Qual?' e a partícula verbal *ál*, que exprime modalidade.

Finalmente, aparece /ɐ/, mas nunca /a/, nas palavras monossilábicas começadas por um grupo consonântico cujo último elemento é uma líquida: vejam-se, por ex., os verbos *fla* ['flɐ] 'dizer', *fra* ['frɐ] 'furar' e *tra* ['trɐ] 'tirar'.

Apesar de todas estas afinidades de cada uma das duas vogais centrais com determinados contextos fónicos, a distribuição destas vogais está longe de ser absolutamente complementar. Há autênticos pares mínimos como *parti* /'pɐrti/ v. 'quebrar' vs. *párti* /'parti/ s. 'parte' ou *sabe* /'sɐbi/ v. 'saber' vs. *sábi* /'sabi/ adj. 'agradável'. A afirmação segundo a qual só haveria /ɐ/ tónico nas formas básicas de verbos (cf. Quint 2000: 19) não é correta. Os exemplos contrários acima mencionados (*mamai*, *poial*, *sal*, etc.) têm [ɐ] até nos dicionários do autor de tal afirmação.

### 1.2.1.2 Traços distintivos

Este sistema vocálico retangular distingue, pois, três zonas de articulação (anterior, central, posterior), três graus de abertura (aberto, semiaberto, fechado) e dois tipos de ressonância (oral e nasalizada). Em contrapartida, ficam sem relevância fonológica a posição dos lábios (cf. 1.2.1.5.1), os movimentos das cordas vocais (cf. 1.2.1.5.2), a altura (cf. 1.2.1.5.3), a duração (cf. 1.2.1.5.4) e os diferentes tipos de realização da nasalidade vocálica (cf. 1.2.1.5.5).

### 1.2.1.3 Pares mínimos

Procuramos agora ilustrar, na medida do possível, a relevância fonológica dos traços distintivos mencionados através de pares mínimos (para a definição e utilidade destes, cf. 1.1.5).

Oral/nasalizado:

i/ĩ *ri* v. 'rir' / *rin* s. 'rim'

e/ẽ *le* v. 'ler' / *len* s. 'lado'

ɛ/ẽ cf., em vez de um par mínimo, *tétu* s. 'tecto' / *fasténtu* adj. 'importuno'

ɐ/ẽ *la* adv. 'lá' / *lan* s. 'lã'

a/ã *káta* v. 'apanhar do chão' / *kánta* v. 'cantar' (nos pares mínimos oral/nasalizado onde a vogal em questão não se encontra em posição final absoluta, trata-se mais concretamente de oposições entre transições silábicas globalmente orais e globalmente nasalizadas, cf. 1.2.0)

u/ũ *kru* adj. 'cru' / *Krun!* interj. 'Pumba!'

o/õ *po* v. 'pôr' / *pon* s. 'pão'

ɔ/õ *sóbra* s. 'sobra, resto' / *sónbra* s. 'sombra'



Anterior/central:

- e/ɛ     *le* v. 'ler' / *la* adv. 'lá'  
ë/ě     *sen* s./adj. num. 'cem' / *san* adj. 'são'  
ɛ/a     *séku* adj. 'seco' / *sáku* s. 'saco'  
ě/ã     *bénda* s. 'venda' / *bánda* s. 'lado, metade'

Central/posterior:

- ɐ/o     *ma* conj. subord. 'que' / *mo* s. 'mão'  
ě/õ     *Pan!* interj. 'Pumba!' / *pon* s. 'pão'  
a/ɔ     *báka* s. 'vaca' / *bóka* s. 'boca'  
ã/õ     *kánda* v. 'cantar' / *kónda* s. 'conta'

Anterior/posterior:

- i/u     *liga* v. 'prestar atenção' / *luga* v. 'alugar'  
ĩ/ũ     cf., em vez de um par mínimo, *Sin!* adv. 'Sim!' / *bun*  
          em *ti ka bun más* 'até não poder mais'  
e/o     *mes* s. 'mês' / *mos* s. 'rapaz'  
ë/õ     *ben* adv. 'bem' / *bon* adj. 'bom'  
ɛ/ɔ     *réstus* s. 'resto' / *róstus* s. 'rosto'  
ě/õ     *rénda* s. 'croché, renda' / *rónnda* s. 'ronda, volta'

Fechado/semiaberto:

- i/e     *li* adv. 'aqui' / *le* v. 'ler'  
ĩ/ě     *Sin!* adv. 'Sim!' / *sen* s./adj. num. 'cem'  
u/o     *buli* v. 'preocupar' / *boli* s. 'cabaça que, depois  
          de lhe ter sido retirado o interior, serve para trans-  
          portar ou conservar líquidos'  
ũ/õ     *Pun!* interj. 'Pum!' / *pon* s. 'pão'

Semiaberto/aberto:

- e/ɛ     *seta* v. 'aceitar' / *séta* s. 'seta'  
ě/ě     *sprimenta* v. 'experimentar' / *spriménta* s. 'tenta-  
          tiva'

e/a *parti* v. 'quebrar' / *párti* s. 'parte'  
 ě/ã cf., em vez de um par mínimo, *mante* v. 'manter' /  
*amánti* s. 'amante'  
 o/ɔ *koba* v. 'cavar' / *kóba* s. 'buraco no chão'  
 õ/õ *fronta* v. 'sofrer uma desgraça' / *frónta* s. 'des-  
 graça'

#### 1.2.1.4 Emprego das oposições semiaberto/aberto para diferenciar categorias gramaticais

Surpreende observar que, no crioulo de Santiago, o contraste verbo/substantivo~adjetivo é frequentemente acompanhado de um contraste semiaberto/aberto na vogal tónica. Visto este emprego das oposições semiaberto/aberto (a abertura marcando-se por acento gráfico, na escrita, cf. 2.2.1-2) constituir um dos traços estruturais mais espetaculares deste crioulo, enumeramos aqui todos os pares mínimos deste tipo que encontramos até à data.

Vogais anteriores:

Orais (e/ɛ):

*ferese* v. 'oferecer' - *ferési* adj. 'prestes'  
*feria* v. 'interrompir (por ex. o trabalho)' - *féria* s.  
 'férias'  
*freska* v. 'refrescar(-se)' - *fréska* s. 'pequena janela na  
 casa de banho'  
*kalseta* v. 'calcetar' - *kalséta* s. 'pedra de calçada'  
*kareka* v. 'ficar careca' - *karéka* s./adj. 'careca'  
*kolega* v. 'acompanhar com alguém' - *koléga* s. 'colega,  
 companheiro'  
*molestia* v. 'adoecer' - *moléstia* s. 'moléstia'  
*nebua* v. 'estar nevoeiro' - *nébua* s. 'nevoeiro'  
*pena* v. 'depenar' - *péna* s. 'pluma'  
*ramesa* v. 'arremessar' - *ramésa* s. 'remessa'  
*rega* v. 'regar' - *réga* s. 'rega'  
*regra* v. 'pôr em ordem' - *régra* s. 'regra'  
*rizerva* v. 'reservar' - *rizérva* s. 'reserva'

*sela* v. 'selar' - *séla* s. 'sela'  
*serka* v. 'cercar' - *sérka* s. 'cerca'  
*soberba* v. 'ser (demasiado) soberbo' - *sobérba* s. 'soberba'  
*tema* v. 'teimar' - *téma* s. 'teima'  
*trabesa* v. 'atravessar' - *trabésa* s. 'travessa, beco'

Nasalizadas (ě/ε̃):

*arenga* v. 'quezilar' - *arénga* s. 'quezília'  
*dispensa* v. 'dispensar' - *dispénsa* s. 'dispensa, despen-  
sa'  
*nkrenka* v. 'causar problemas' - *nkρέnka* s. 'situação difí-  
cil'  
*nkumenda* v. 'encomendar' - *nkuménda* s. 'presente'  
*pruvidensia* v. 'providenciar' - *pruvidénsia* s. 'providên-  
cia'  
*rakonpensa* v. 'recompensar' - *rakonpénsa* s. 'recompensa'  
*rabenta* v. 'rebentar' - *rabénta* s. 'rebento'  
*renda* v. 'tomar/dar de arrendamento' - *réndá* s. 'arrenda-  
mento'  
*sensia* v. 'ficar à espera que lhe seja oferecida uma parte  
da comida dos outros' - *sénsia* s. 'desejo'  
*sprimenta* v. 'experimentar' - *spriménta* s. 'tentativa'  
*tenpra* v. 'temperar' - *ténpra* s. 'tempero'  
*tromenta* v. 'preocupar-se' - *troménta* s. 'aflição'

Vogais posteriores:

Orais (o/ɔ):

*boia* v. 'boiar' - *bóia* s. 'bóia'  
*dirota* v. 'derrotar' - *diróta* s. 'derrota'  
*fatiota* v. 'gastar dinheiro em guloseimas' - *fatióta* s.  
'guloseima'  
*foga* v. 'afogar(-se)' - *fóga* s. 'afogamento'  
*folga* v. 'descansar' - *fólga* s. 'folga'  
(n)*forka* v. 'enforçar(-se)' - (n)*fórka* s. 'força'  
*forma* v. 'formar(-se)' - *fórma* s. 'modo, forma'  
*koba* v. 'cavar' - *kóba* s. 'buraco no chão'  
*kola* v. 'colar' - *kóla* s. 'cola'  
*kopia* v. 'copiar' - *kópia* s. 'cópia'

*korda* v. 'acordar' - *kórda* s. 'corda, magia negra'  
*korta* v. 'cortar' - *kórta* s. 'colheita'  
*midjora* v. 'melhorar' - *midjóra* s. 'melhoras'  
*morna* v. 'amornar' - *mórna* s. 'música tradicional lenta e  
 geralmente melancólica, ao som da qual se dança aos  
 pares'  
*mostra* v. 'mostrar' - *móstra* s. 'amostra, prova'  
*noda* v. 'ficar com nódoas' - *nóda* s. 'nódoa'  
*nota* v. 'notar' - *nóta* s. 'nota'  
*nsolda* v. 'soldar' - *nsólida* s. 'soldadura'  
*parodia* v. 'encontrar-se com amigos para conversar, comer,  
 beber, etc.' - *paródia* s. 'encontro com amigos para  
 ...'  
*piora* v. 'piorar' - *pióra* v. 'piora'  
*ravolta* v. 'revoltar-se' - *ravólta* s. 'revolta'  
*rosa* v. 'roçar' - *rósa* s. 'roça'  
*sobra* v. 'sobrar' - *sóbra* s. 'sobra, resto'  
*soma* v. 'somar' - *sóma* s. 'soma'  
*tapona* v. 'dar uma palmada na cabeça de alguém' - *tapóna*  
 s. 'palmada na cabeça'  
*tose* /'tosi/ v. 'tossir' - *tósi* s. 'tosse'  
*trosa* v. 'troçar' - *trósa* s. 'troça'  
*txakota* v. 'gozar' - *txakóta* s. 'escárnio'  
*txoka* v. 'chocar' - *txóka* s. 'choco, incubação'  
*volta* v. 'regressar' - *vólta* s. 'regresso'

Nasalizadas (õ/õ̃):

*fronta* v. 'sofrer uma desgraça' - *frónta* s. 'desgraça'  
*konta* v. 'contar' - *kónta* s. 'conta'  
*lixonxa* v. 'lisonjear' - *lixónxa* s. 'lisonja'  
*monda* v. 'mondar' - *mónda* s. 'monda'  
*onra* v. 'honrar' - *ónra* s. 'honra'  
*ponta* v. 'apontar' - *pónta* s. 'ponta'  
*ramonda* v. 'remondar' - *ramónda* s. 'remonda'  
*ronda* v. 'rondar' - *rónda* s. 'ronda'  
*sonbra* v. 'ficar à sombra, ensombrar' - *sónbra* s. 'sombra'

Vogais centrais:

Orais (ɛ/a):

*astia* v. 'hastear (a bandeira)' - *ástia* s. 'bastão, vara'

*karapati* v. 'segurar(-se)' - *karapáti* s. 'carrapato'

*parti* v. 'quebrar' - *párti* s. 'parte'

*raiba* v. 'ficar com raiva' - *ráiba* s. 'raiva'

*sabe* /'sɛbi/ v. 'saber' - *sábi* adj. 'agradável'

nasalizadas (ɛ̃/ã):

*ganansia* v. 'ser ganancioso, cobiçar' - *ganánsia* s. 'ganância, cobiça'

Nem sempre se reduz o contraste fônico entre o verbo e o substantivo/adjetivo ao contraste semiaberto/aberto na vogal tônica. Nos casos seguintes não temos pares mínimos, mas o contraste entre as vogais tônicas continua a ser o esperado:

Vogais anteriores:

Orais (e/ɛ):

*dispreza* v. 'desprezar' - *disprézu* s. 'desprezo'

*era* v. 'cometer um erro' - *éru* s. 'erro'

*keta* v. 'estar quieto' - *kétu* adj. 'quieto'

*konbersa* v. 'conversar' - *konbérsu* s. 'conversa'

*meda* v. 'ter medo' - *médu* s. 'medo'

*nobega* v. 'usar, manter uma relação de amizade' - *nobégu* s. 'trabalho doméstico, amizade'

*perde* v. 'perder' - *pérda* s. 'perda'

*prega* v. 'pregar' - *prégu* s. 'prego'

*ramedia* v. 'remediar-se' - *ramédi* s. 'remédio'

*regresa* v. 'regressar' - *regrésu* s. 'regresso'

*rema* v. 'remar' - *rému* s. 'remo'

*resta* v. 'restar' - *réstu* s. 'resto'

*rod(i)a* v. 'rodear' - *róda* s. 'roda'

*sega* v. 'cegar' - *ségu* adj. 'cego'

*seka* v. 'secar' - *séku* adj. 'seco'

*serta* v. 'acertar' - *sértu* adj. 'certo'

*sesta* v. '(no basquetebol) meter a bola no cesto' - *séstu* s. 'cesto'

*speta* v. 'espetar' - *spétu* s. 'espeto'

*trofega* v. 'tratar com alguém, tratar dos afazeres domésticos' - *trofégu* s. 'trato, afazeres de casa'

Nasalizadas (ë/Ě):

*bende* v. 'vender' - *bénda* s. 'venda'

*bense* v. 'benzer(-se)' - *bénsu* s. 'bênção'

*bentia* v. 'abanar com um leque' - *béntu* s. 'vento'

*dismenbra* v. 'perder a força nos membros' - *ménbru* s. 'membro'

*duense* v. 'adoecer' - *duénsa* s. 'doença'

*fastenta* v. 'chatear' - *fasténtu* adj. 'maçador'

*fende* v. 'fender' - *fénda* s. 'fenda'

*renkia* v. 'pôr(-se) em fila' - *rénki* s. 'fila'

*sustenta* v. 'sustentar' - *susténtu* s. 'sustento'

Vogais posteriores:

Orais (o/ɔ):

*divorsia* v. 'divorciar-se' - *divórsiu* s. 'divórcio'

*golpia* v. 'golpear' - *gólpi* s. 'golpe'

*motxoka* v. 'despedaçar(-se)' - *motxóku* adj. 'quebrado'

*nagosa* v. 'negociar' - *nagósi(u)* s. 'negócio'

*raboka* v. 'rebocar' - *rabóki* s. 'reboco, reboque'

*rakodje* v. 'recolher' - *rakódja* s. 'recolha'

*skodje* v. 'escolher' - *skódja* s. 'escolha'

*sporia* v. 'esporear' - *spóra* s. 'esporas'

*tilifona* s. 'telefonar' - *tilifóni* s. 'telefone'

*toka* v. 'tocar' - *tóki* s. 'música executada por instrumentos de corda'

*transporta* v. 'transportar' - *transpórti* s. 'transporte'

Nasalizadas (õ/Ǔ): não encontramos exemplos.

Vogais centrais:

Orais (e/a):

*bazia* v. 'basear-se' - *bázi* s. 'base'

*kontajia* v. 'contagiar, ficar contagiado' - *kontáji(u)* s. 'contágio'

*skasia* v. 'escassear' - *skásu* adj. 'escasso'

Nasalizadas (ǣ/ã): não encontramos exemplos.

Contudo, na área das vogais centrais há também muitos pares em que tanto o verbo como o substantivo têm a vogal aberta. Lembramos mais uma vez que o rendimento da oposição *e/a* não é muito elevado (cf. 1.2.1.1). Apresentamos os casos que chegaram ao nosso conhecimento sem distinguir entre pares mínimos e outros, nem entre vogais orais e nasalizadas:

*água* v. 'borrifar, aguar' - *águ(a)* s. 'água'  
*árma* v. 'armar(-se)' - *árma* s. 'arma'  
*asáita* v. 'assaltar' - *asáitu* s. 'assalto'  
*atráza* v. 'atrasar(-se)' - *atrázu* s. 'atraso'  
*bába* v. 'babar(-se)' - *bába* s. 'baba'  
*bádja* v. 'dançar, bailar' - *bádju* s. 'dança, baile'  
*brása* v. 'abraçar' - *brásu* s. 'braço'  
*dánsa* v. 'dançar' - *dánsa* s. 'dança'  
*disfársa* v. 'disfarçar-se' - *disfársu* s. 'disfarce'  
*djánta* v. 'jantar' - *djánta* s. 'jantar'  
*fiánsa* v. 'confiar' - *fiánsa* s. '(con)fiança'  
*gála* v. 'galar' - *gálu* s. 'galo'  
*gánha* v. 'ganhar' - *gánhu* s. 'ganho'  
*gráxa* v. 'engraxar' - *gráxa* s. 'graxa'  
*guárda* v. 'guardar' - *guárda* s. 'guarda'  
*kánga* v. 'cangar' - *kánga* s. 'canga'  
*káska* v. 'descascar' - *káska* s. 'casca'  
*lánxa* v. 'lanchar, merendar' - *lánxi, lánxu* s. 'lanche, merenda'  
*lára* v. 'ralar' - *lára* s. 'ralador'  
*mágua* v. 'magoar(-se)' - *mágua* s. 'mágoa'  
*máma* v. 'mamar' - *máma* s. 'mama'  
*mángra* v. 'ser infectado pelo míldio' - *mángra* s. 'míldio'  
*mántxa* v. 'manchar(-se)' - *mántxa* s. 'mancha'  
*miása* v. 'ameaçar' - *miása* s. 'ameaça'  
*náda* v. 'nadar' - *nádu* s. 'natação'  
*plánta* v. 'plantar' - *plánta* s. 'planta'  
*ráspa* v. 'raspar' - *ráspa* s. 'resto, rasto'  
*siránda* v. 'peneirar, crivar' - *siránda* s. 'peneira, cri-

vo'

*skáma* v. 'escamar' - *skáma* s. 'escama'  
*stáfa* v. 'estafar(-se)' - *stáfa* s. 'estafa'  
*tába* v. 'entabuar' - *táb(u)a* s. 'tábua'  
*tánpa* v. 'cobrir com a tampa' - *tánpa/tánpu* s. 'tampa'  
*taránta* v. 'atarantar-se, atrapalhar-se' - *taránta* s.  
'atarantação, atrapalhação'  
*tránka* v. 'trancar' - *tránka/tránku* s. 'tanca'  
*tránsa* (ao lado de *transia*) v. 'entrançar' - *tránsa* s.  
'trança'  
*txápa* v. 'remendar' - *txápa* s. 'remendo'

Sabemos de um único caso em que ambos os membros do par têm a vogal semiaberta:

*manxe* v. 'amanhecer' - *manxe* s. 'amanhecer'

Acontece o contrário no domínio das vogais anteriores e posteriores. Aqui existem, ao lado dos pares em que o verbo tem a vogal semiaberta e o substantivo a vogal aberta, outros pares em que ambos os membros têm a vogal semiaberta:

Vogais anteriores:

*beja* v. 'beijar' - *beju* s. 'beijo'  
*duedja* v. 'ajoelhar-se' - *duedju* s. 'joelho'  
*firmenta* v. 'fermentar' - *firmentu* s. 'fermento'  
*kenta* v. 'aquecer' - *kenti* adj. 'quente'  
*kontenta* v. 'ficar contente' - *kontenti* adj. 'contente'  
*nosenta* v. 'tornar-se tolo' - *nosenti* adj. 'tolo'  
*omenta* v. 'aumentar' - *omentu* s. 'aumento'  
*prizenta* v. 'apresentar' - *prizenti* s. 'presente'  
*raseta* v. 'receitar' - *raseta* s. 'receita'

Vogais posteriores:

*bonba* v. 'bombear' - *bonba* s. 'bomba'  
*forsa* v. 'forçar' - *forsa* s. 'força'  
*fora* v. 'revestir' - *foru* s. 'cobertura, forro'



*koima* v. 'apanhar um animal doméstico que anda perdido em terreno alheio e devolvê-lo ao dono depois do pagamento de uma coima' - *koima* s. 'indenização por danos causados por animais domésticos em terreno alheio, coima'

*posa* v. 'formar poças' - *posa* s. 'poço'

*skoba* v. 'escovar' - *skoba* s. 'escova'

O par *géra* v. 'brigar' - *géra* s. 'guerra, briga' constitui, neste aspeto, uma exceção.

Não é de excluir a possibilidade de determinados grupos de falantes já terem ajustado ao padrão geral (verbo com vogal tónica semiaberta / substantivo e adjetivo com vogal tónica aberta) alguns dos pares que até hoje, na maioria dos falantes, não seguem este padrão. Nicolas Quint já dá *gera* v. 'brigar' - *géra* s. 'guerra', *forsa* v. 'forçar' - *fórsa* s. 'força' e (sem verbo) *kóima* s. 'indenização por danos causados por animais domésticos em terreno alheio', em 1999, e acrescenta ainda *magua* v. 'magoar(-se)' - *mágua* s. 'mágoa', em 2001.

#### 1.2.1.5 Traços não distintivos

Traços fónicos que uma determinada língua não aproveita para distinguir significados podem, porém, caracterizar nela a realização habitual de determinados fonemas - em geral ou, pelo menos, em determinados contextos fónicos. Desta forma, tais traços não deixam de contribuir de modo substancial para a aparência fónica dessa língua. Por esta razão, falaremos aqui muito resumidamente da posição dos lábios (1.2.1.5.1), da participação das cordas vocais (1.2.1.5.2), da altura (1.2.1.5.3) e um pouco mais extensivamente da duração (1.2.1.5.4) e da nasalidade (1.2.1.5.5) na realização das vogais do crioulo de Santiago.

##### 1.2.1.5.1 Lábios

As vogais posteriores pronunciam-se normalmente com os lábios arredondados.

#### 1.2.1.5.2 Cordas vocais

Regra geral, os fonemas vocálicos do crioulo de Santiago são 'sonoros', isto é, pronunciam-se com vibração das cordas vocais. Só no final absoluto de uma palavra fónica e após consoante 'surda' ocorrem frequentemente realizações 'surdas', isto é, sem vibração das cordas vocais, das vogais átonas [i], [u] e, mais raramente, da vogal átona [ɐ]. Na transcrição em 1.2.1.5.6 marcamos excepcionalmente estas realizações surdas pondo um pequeno círculo debaixo da letra correspondente ([i̯], [u̯]).

#### 1.2.1.5.3 Altura

Dependente da idade e do sexo, a altura absoluta da voz humana não pode constituir traço distintivo nas línguas do mundo. Não sendo o crioulo de Santiago uma língua tonal, a simples altura relativa dos núcleos vocálicos (alto, baixo, descendente, ascendente, etc.) não tem a capacidade de distinguir lexemas. O acento fónico deste crioulo é fundamentalmente 'dinâmico', isto é, marcado pela intensidade e não pela altura da voz (cf. 1.1.3). A altura relativa da voz na pronúncia das vogais (especialmente das vogais tónicas) resulta pois, quase exclusivamente, da seleção de um determinado contorno entoacional para uma frase ou uma palavra fónica. A transcrição em 1.2.1.5.6 prescinde da indicação dos contornos entoacionais.

#### 1.2.1.5.4 Duração

No crioulo de Santiago, a duração não constitui traço distintivo, nem nas vogais, nem nas consoantes (não há vogais fonologicamente longas, nem consoantes fonologicamente dobradas). Os falantes gostam, porém, de empregar o alongamento das vogais tónicas para dar ênfase: *Mudjeeer!!!* 'Mulher!!!', *Mááás!!!* 'Mais!!!', etc. Ao nível fonético, podemos distinguir entre vogais curtas e vogais algo mais longas. São fonetica-

mente curtas todas as vogais em sílabas átonas, ao passo que as vogais das sílabas tónicas são curtas ou algo mais longas dependendo do contexto fónico.

As vogais das sílabas tónicas são curtas quando se encontram em posição final absoluta ou em sílaba travada (exemplos: **da** v. 'dar', **le** v. 'ler', **mo** s. 'mão', **pé** s. 'pé', **pó** s. 'árvore', **ri** v. 'rir', **xá** s. 'chá', **san** adj. 'são', **sen** s./adj. num. '100', **sin** adv. 'sim', **son** s. 'som', **ál** part. verbal de valor modal, **bes** s. 'vez', **dos** s./adj. num. 'dois', **mal** adv. 'mal', **már** s. 'mar', **mel** s. 'melaço (de cana-de-açúcar)', **mes** s. 'mês', **sal** s. 'sal', **tres** s./adj. num. 'três', **bapor** s. 'vapor', **buska** v. 'buscar', **fórti** adj. 'forte', **korpu** s. 'corpo', **lansól** s. 'lençol', **mudjer** s. 'mulher'). Devem ser consideradas sílabas travadas, nesse aspeto, as que terminam em ditongos decrescentes (exemplos: **bai** v. 'ir', **káu** s. 'lugar', **rei** s. 'rei', etc.). Nelas é pois curta não só a semivogal, mas também a primeira vogal do ditongo.

Podem ser foneticamente algo mais longas as vogais tónicas que se encontram em sílaba livre não final (exemplos: **lápa** s. 'lapa', **papia** v. 'falar', **máta** v. 'matar', **séti** s./adj. num. 'sete', **xatia** v. 'irritar-se', **mátxu** s./adj. 'macho', **kotxi** v. 'desfarelar o milho no pilão', **sáku** s. 'saco', **fortifika** v. 'recuperar as forças', **gostába** anterior do v. **gosta** 'gostar', **lobu** s. 'lobo', **pédra** s. 'pedra', **masáda** s. 'maçada', **maridu** s. 'marido', **duedju** s. 'joelho', **bádju** s. 'baile', **fidju** s. 'filho', **ségu** adj. 'cego', **báfa** v. 'abafar-se', **kása** s. 'casa', **pasia** v. 'passear', **fáxi** adv. 'rapidamente', **koxa** s. 'anca', **xuxu** adj. 'sujo', **frakéza** s. 'fraqueza', **faze** v. 'fazer', **beju** s. 'beijo', **káru** s. 'carro', **éra** anterior do v. **ê** 'ser', **kóre** v. 'correr', **sála** s. 'sala', **vélhu** adj. 'velho', **káma** s. 'cama', **stima** v. 'amar, gostar', **ómi** s. 'homem', **ánu** s. 'ano', **rapasinhú** s. 'menino, rapaz(inho)', **pánha** v. 'pegar, apanhar', etc.).

A ortografia poderia induzir a considerar travadas as sílabas tónicas de **bindi** s. 'vaso de barro para fazer o cuscus', **kenti** adj. 'quente', **bénda** s. 'venda', **kánta** v. 'cantar', **kónta** s. 'conta', **konta** v. 'contar', **mundu** s. 'mundo', **lénsu** s. 'lenço', **duénsa** s. 'doença', **ránja** v. 'arranjar', **kánsa** v. 'cansar', **manxe** v. 'amanhecer', **konxe** v. 'conhecer', etc.

Trata-se, porém, segundo a nossa interpretação, de sílabas fonologicamente livres (cf. 1.2.0). O facto de as vogais tónicas destas sílabas poderem ser algo mais longas apoia esta interpretação.

Para ilustração destas observações acerca da existência de vogais curtas e vogais algo mais longas indicamos, excepcionalmente, na nossa transcrição sob 1.2.1.5.6, o alongamento das últimas pelo sinal [·].

A duração destas vogais algo mais longas varia ainda sensivelmente em função da natureza da vogal e da consoante subsequente. É mais perceptível ante consoantes sonoras do que ante consoantes surdas. E o [i] tónico de *kusinha* s. 'cozinha' é, por exemplo, sensivelmente mais curto do que o [ɔ] em *ómi* s. 'homem'. Na transcrição ilustrativa que apresentamos em 1.2.1.5.6 prescindimos destas diferenças menores.

Deixando de lado o caso do alongamento enfático, podemos dizer que a diferença entre vogais curtas e longas não é tão grande, no crioulo de Santiago, como nas línguas onde é fonologicamente relevante (alemão, árabe, finlandês, etc.). E visto não ser nem fonologicamente relevante, nem foneticamente muito grande, decidimos não a indicar nas transcrições no nosso dicionário e nesta gramática, exceção feita à transcrição ilustrativa do parágrafo 1.2.1.5.6.

#### 1.2.1.5.5 Nasalidade

Conforme a nossa interpretação, a nasalidade constitui um traço distintivo no sistema vocálico e consonântico do crioulo de Santiago. Mas como já demos a entender em 1.2.0, a realização da nasalidade vocálica varia consideravelmente em função dos contextos fónicos. É muito forte no final absoluto de uma palavra fónica, pois o véu palatino baixa muito. Nas pessoas que falam um crioulo pouco influenciado pelo português, as vogais nasalizadas terminam mesmo, nesta posição, com uma elevação da parte posterior da língua até ao véu palatino. A partícula de afirmação, *Sin!*, por exemplo, não soa então simplesmente ['sĩ], mas ['sĩŋ]. Formas verbais que, em vez de terminarem numa consoante átona oral, terminam numa vogal tónica for-

temente nasalizada indicam desta forma a presença do pronome pessoal enclítico da primeira pessoa do singular, representado na escrita por *-m* (cf. para as diferentes pronúncias deste pronome 10.1.3.2): *Dja bu fronta-m!* [ʔɛbufrɔntɛ̃(ŋ)] 'Já me ofendeu!'.  
A mesma realização da nasalidade vocálica se observa quando se segue uma vogal no interior de uma palavra fónica. Cf., por exemplo, *sen amor* [sɛ̃(ŋ)ɐ'mɔr] 'sem amor'.

No interior das palavras lexicais não ocorrem vogais nasalizadas antes dos fonemas consonânticos nasais /m/, /n/ e /ɲ/. Caso ocorram antes de outros fonemas consonânticos, estamos em presença de uma transição silábica globalmente nasalizada do tipo /-Ṽ/Ç-/ (cf. 1.2.0). A realização da nasalidade de tais transições difere em função da natureza da consoante.

Se se tratar de uma consoante oclusiva ou lateral, a nasalidade da transição silábica manifesta-se foneticamente na presença de uma consoante nasal entre a vogal e a consoante. Cf. por ex. *kanpia* [kɛmpjɛ] v. 'vadiar', *kánta* [kantɛ] v. 'cantar', *ramántxa* [rɛ'maɲɔɛ] v. 'acometer com palavras agressivas', *konko* [kɔŋku] v. 'bater', *kánba* [kambɛ] v. 'entrar, desaparecer', *rónða* [rɔɲɔɛ] s. 'ronda', *djondjo* [ʔɔɲʝu] v. 'atar', *disdongu* [diz'dɔŋgu] v. 'fingir-se de surdo', *konloia* [kɔɲlojɛ] v. 'concluir'. A própria vogal não mostra apenas nasalidade, nestes casos. Tratando-se de outra consoante, a nasalidade da transição silábica manifesta-se através da nasalização da vogal. Cf. por ex. *kunfia* [kũfjɛ] v. 'confiar', *pensa* [pɛ̃sɛ] v. 'pensar', *kónxa* [kɔ̃ʝɛ] s. 'concha', *dizenvolve* [dizɛ̃'volvi] v. 'desenvolver(-se)', *ónzi* [ɔ̃zi] s./adj. num. 'onze', *lonji* [lɔ̃ʝi] adv. 'longe', *ónra* [ɔ̃rɛ] s. 'honra'.

O que vale para o interior das palavras lexicais aplica-se também ao interior das palavras fónicas quando ocorre uma palavra que termina por um fonema vocálico seguida de outra que começa por um fonema consonântico. Cf., por um lado, *sen kása*

['seŋ'kasɐ] 'sem casa' e, por outro lado, *sen xánsi* ['sɛ'ʃãsi] 'sem chance'.

#### 1.2.1.5.6 Texto exemplificativo com transcrição

Para exemplificar a pronúncia do crioulo de Santiago, damos em seguida o início do conto nº 3 de *Na bóka noti, volumi I*, ed. por Tomé Varela da Silva, 2a edição, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro 2004, p. 38.

*Éra un bes un ómi ku si mudjer. Ténpu éra di nisisidádi, trabádju éra so pisádu y ómi éra rei di pirgisós, sobrutudu purki e'ta gostába di stima si korpu.*

*Nton, p'el sálba si korpu di masáda, e'kai duenti na káma, ta móre. Mudjer ki kreba si maridu rei di txeu, da pa pó y pa pédra na buska y fase ramédi. Maridu da kónta sédu ma mudjer sa ta da-l más ramédi ki kumida.*

*Nton, e'fla mudjer, ma parse-l ma si duénsa e frakéza.*

*Mudjer, nton, po tudu ramédi di ládu. E'pega na máta tudu si limária p'el da maridu so liméntus fórti pa maridu pode fortifika fáxi, pa duénsa dexa-l.*

['ɛ.rɐũmbes|ũɔ.mikusimu'ʃer||'tɛ.mpwɛrɐdinisisi'da.di||  
trɐ'ba.ʃwɛrɐ'sopi'sa.du||'jɔ.mjɛrɐ'reidipirgi'sɔs|sobru'tu.du|  
purkjetɐgos'ta.bɛdis'ti.mɛsi'korpu||

'ntõ||pɛl'salbɛsi'korpudimɛ'sa.dɐ|e'kɛi'dwe.ntine  
'ka.mɐ|tɛ'mɔ.ri||mu'ʃerki'kre.bɛsimɛ'ri.du'reidi'ceɥ||dɐpɐ  
'pɔjpɐpɛ.drɛnɐ'buskɛi'fɛ.sirɛ'mɛ.di||mɛ'ri.dudɐ'kɔ.ntɛ'sɛ.du|  
mɛmu'ʃersɛtɐ'dɛl'masrɛ'mɛ.dikiku'mi.dɐ||

'ntõŋ|e'flɛmu'ʃer|mɛpɛr'sɛl|mɛsi'dwɛ.sɛɛfrɛ'kɛ.zɐ||

mu'ʃern'tõ|pɔ'tu.durɛ'mɛ.didi'la.du||e'pɛ.gɛnɛ'ma.tɛ'tu.du  
sili'ma.rjɐ|pɛl'dɛmɛ'ri.du'soli'mɛntus'fɔrti|pɛmɛ'ri.du'pɔ.di

forti'fi.ke'fa.ʃi|pe'dwe.sede'fel]

#### 1.2.1.6 Neutralizações

Fala-se em neutralização de oposições quando o traço que distingue dois ou mais fonemas perde, em determinado contexto fónico, a sua capacidade de distinguir significados. O espaço para a realização do(s) aquifonema(s) resultante(s) corresponde então, em princípio, à soma dos espaços de realização dos fonemas cuja oposição ficou neutralizada, e pode ser, eventualmente, aproveitado para a realização de variantes individuais ou contextuais ('alofónicas').

As neutralizações que se observam no sistema vocálico do crioulo de Santiago afetam, por um lado, o grau de abertura das vogais (abertas/semiabertas/fechadas) e, por outro lado, as suas características de ressonância (orais/nasalizadas).

##### 1.2.1.6.1 Neutralizações do grau de abertura

Neutralizações relacionadas com o grau de abertura dão-se sobretudo no domínio das vogais átonas. Porém, antes de nos ocuparmos delas, convém mencionar que ocorrem também algumas neutralizações no domínio das vogais tónicas.

Assim, é neutralizada a oposição entre vogais nasalizadas semiabertas e abertas na posição final absoluta, onde quase só ocorrem vogais nasalizadas tónicas. Os arquifonemas que resultam dessa neutralização realizam-se como semiabertas. Cf. por ex. *ningen* [niŋ'gẽ(ŋ)] pron. indef. 'ninguém', *masan* [mɛ'sã(ŋ)] s. 'maçã' e *ladron* [lɛ'drõ(ŋ)] s. 'ladrão'.

Certas grafias com acento gráfico agudo em publicações do Instituto Caboverdiano do Livro podem, a esse respeito, induzir em erro. Ocorre isto, por exemplo, quando o numeral *sen* s./adj. num. '100' aparece escrito com acento agudo. A opção pelo uso deste acento gráfico justifica-se, provavelmente, pela vontade de distinguir o numeral '100', que é uma palavra tónica, da preposição *sen* 'sem', que é uma palavra átona. Con-

tudo, a função primária do acento não é a de marcar o caráter tônico da sílaba ou da vogal. Se assim fosse, teria de utilizar-se também na palavra *len* s. 'banda, lado'. A função primária do acento gráfico agudo é a de marcar o caráter aberto da vogal. Ora bem, ambas as palavras, o numeral *sen* e a preposição *sem*, têm a vogal semiaberta.

É nossa impressão que, em certos falantes, ocorre uma neutralização análoga entre vogais orais abertas e semiabertas, só que desta vez limitada às vogais anteriores e posteriores. Os falantes em questão parecem realizar palavras como *fé* s. 'fé', *pé* s. 'pé', *mé* adv. 'mesmo', *le* v. 'ler', *kodê* s. 'filho mais novo', *kafé* s. 'café', *pó* s. 'árvore', *mo* s. 'mão', *barapó* s. 'varapau', *pamô* pron. interr. 'porquê?' com uma vogal tónica que fica a meio caminho entre semiaberta ([e] ou [o]) e aberta ([ɛ] ou [ɔ]) (cf. Quint 2000: 21). Não se vê muito bem como o ALUPEC poderia refletir a pronúncia destes falantes, visto que os acentos gráficos, além de servirem para indicar o grau de abertura da vogal, servem também para marcar como tónica a sílaba quando esta não é a penúltima nem uma última que termine em /-l/ ou em /-r/.

As grafias do Instituto Caboverdiano do Livro com acentos gráficos numa vogal final refletem a pronúncia das pessoas que distinguem também em posição final entre [e] e [ɛ], [o] e [ɔ]. Mantêmo-las, escrevendo portanto *fé* ['fɛ], *pó* ['pɔ]], *pamô* [pɛ'mo], etc.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Não podemos confirmar a neutralização generalizada da oposição entre as vogais orais tónicas semiabertas e abertas nas sílabas travadas por [•], [r], [l], [s], [j] e [ɥ] que sugere Nicolas Quint (cf. Quint 2000: 22/23). De facto, os nossos informantes dizem *séu* ['sɛɥ] s. 'céu', *mudjer* [mu'ʃɛr] s. 'mulher', *bendedor* [bende'dɔr] s. 'vendedor', *mel* ['mɛl] s. 'mel', e não ['seɥ], [mu'ʃɛr], [bende'dɔr] e ['mɛl] como os seus. Mas concedemos, em 1.2.1.1, a existência de uma grande afinidade das vogais tónicas [ɐ] e [a], respetivamente, com alguns destes contextos. Grande porque, ao contrário dos informantes de Nicolas Quint, os nossos pronunciam também *más* ['mas] quant., *E kapá-s* [ekɐ'pas] 'Capou-os'. Mas afinidade com tais contextos e não neutralização neles porque, de novo contrariamente aos informantes de Quint, os nossos pronunciam *kál* ['kal] pron. interr. 'Qual?' e *ál* part. verbal modal (cf. Quint 2000: 23, nota 14).



O domínio das neutralizações generalizadas, em relação aos graus de abertura, é, como já dissemos, o das sílabas átonas. Dos três graus que é preciso distinguir para dar conta das vogais que ocorrem em sílaba tónica, apenas dois subsistem nas átonas. Nelas só há vogais semiabertas ou fechadas, nunca vogais abertas. A tão característica impressão fónica que o crioulo de Santiago produz aos estrangeiros deriva, em boa parte, dessa marcação adicional do relevo acentual pela restrição das vogais abertas às sílabas tónicas.

Uma consequência particularmente visível de tal princípio é o facto de qualquer vogal aberta se tornar semiaberta quando a sílaba correspondente se torna átona na sequência de processos de flexão ou derivação. Eis alguns exemplos:

<i>kabésa</i> [kɐ'βɛsɐ] 'cabeça'	<i>kabesóna</i> [kɐβe'sɔnɐ] 'cabeça grande'
<i>ténpu</i> ['tɛmpu] 'tempo'	<i>tenpuráda</i> [tempu'radɐ] 'temporal'
<i>lába</i> ['labɐ] 'lavar'	<i>labádu</i> [lɐ'badu] 'lavado'
<i>kánta</i> ['kantɐ] 'cantar'	<i>kantába</i> [kɛn'tabɐ] 'tinha cantado'
<i>xikóti</i> [ʃi'kɔti] 'chicote'	<i>xikotáda</i> [ʃiko'tadɐ] 'chicotada'
<i>pónta</i> ['pɔntɐ] 'ponta'	<i>pontinha</i> [pon'tinjɐ] 'pontinha'
etc.	etc.

Os advérbios terminados em *-mente* constituem uma exceção aparente a este princípio. Se o adjetivo de base tem a vogal tónica aberta, esta mantém-se aberta também no advérbio correspondente, como aliás acontece também em português. Temos assim *dimaziádamenti* [dimɛzjadɐ'menti] 'demais', *dirétamenti* [dirɛtɐ'menti] 'diretamente', *imidiátamenti* [imidjatɐ'menti] 'imediatamente', etc. Contudo, esta exceção é mais aparente do que real. Ao que parece, estes advérbios são tratados em ambas as línguas como compostos (cf. *rátxa-kanéla* ['racɐkɐ'ɛlɐ] s. nome de uma erva, *bága-bága* ['bagɐ'bagɐ] s. 'formiga branca', *sétiséntus* ['sɛti'sɛntus] s./adj. '700', etc.). Ao que parece, os advérbios conservam um acento - pelo menos secundário - na vo-

gal que no adjetivo de base era a vogal tónica.

Também quando a vogal tónica de uma palavra se torna átona por razões prosódicas no interior de uma frase, a vogal se mantém aberta. Cf. *Ténpu éra di nisisidádi, trabádju éra so písádu ...* ['tɛmpwɛrɛdɪnɪsɪsɪ'dadi|trɐ'bajwɛrɐ'sopi'sadu...].

Nas vogais átonas finais, as neutralizações entre vogais que se distinguem apenas pelo grau de abertura vão ainda mais longe. De facto, quase não ocorrem vogais nasalizadas nesta posição. E paralelamente às poucas palavras em que ocorrem costuma haver já variantes que correspondem melhor aos padrões fónicos do crioulo de Santiago. Comparem-se, por exemplo, *abénson* [ɐ'bɛ̃sõ(ŋ)] s. 'bênção' e *vírjen* ['virʒẽ(ŋ)] s./adj. 'virgem, virginal' com as suas variantes no crioulo fundo *ben-son* [bɛ̃'sõ(ŋ)] (a vogal final conserva a nasalidade, mas tornou-se tónica) e *virji* ['virʒi] (a vogal final se mantém átona, mas tornou-se oral). E está claro que as raras vogais átonas nasalizadas finais não são nunca vogais abertas.

Para as vogais orais átonas não subsiste, em posição final absoluta, nenhuma oposição de abertura. Fica um só arquifonema para cada uma das três ordens: anterior, central e posterior. Estes arquifonemas realizam-se no crioulo fundo como [-i], [-ɐ] e [-u], respetivamente. Cf. a pronúncia dos verbos *skrebe* ['skrebi] 'escrever', *kánta* ['kantɐ] 'cantar' e *konko* ['konku] 'bater'. O timbre exato destes [-i] e [-u] é, porém, difícil de perceber, visto serem frequentemente pronunciadas como vogais surdas nesta posição, sobretudo depois de consoante surda (cf. 1.2.1.5.2 e já Carvalho 1962b: 4).

Em todo o caso, parece que certos falantes mais influenciados pelo português preferem, nos verbos, realizar como [e] e [o] os arquifonemas que resultam da mencionada neutralização sempre e quando estas vogais soam [e] e [o] quando acentuadas. Dizem, portanto, *E parti* [-i] 'Partiu' e *E busu* [-u] *kartera* 'Tirou a carteira', mas *E kume* [-e] 'Comeu' e *E konko* [-o] 'Abanou' por analogia com *E kumeba* [eku'mebɐ] 'Tinha comido' e *E konkoba* [ekoŋ'kobɐ] 'Tinha abanado'. Provêm desta forma ver-

bos como *kume*, *konko*, etc. de uma maior constância fónica através de toda a sua conjugação. Obedecendo a idêntica motivação, a ortografia oficial, o ALUPEC, segue-os neste ponto (cf. 4.2.1.5). Os falantes em questão tendem também a pronunciar *tanbe* ['tɛmbɛ] a palavra crioula que corresponde ao advérbio português *também*, pronúncia que fica a meio caminho entre a do étimo português e a de *tánbi* ['tambi] 'também' do crioulo fundo.

Sublinhemos mais uma vez que as pronúncias concorrentes que acabamos de mencionar constituem simplesmente alternativas na realização de arquifonemas. O contraste entre [-i] e [-e] ou [-u] e [-o] átonos em posição final absoluta não serve nunca para distinguir significados, nem mesmo nos falantes em cuja fala determinados verbos terminam sempre em [-e] (ou [-o]), ao passo que outros terminam sempre em [-i] (ou [-u]). E mesmo na sua fala, a grande maioria das palavras que terminam em vogal anterior ou posterior átona terminam sistematicamente em [-i] ou [-u] e nunca em [-e] ou [-o]. Facto que o ALUPEC reflete fielmente.

#### 1.2.1.6.2 Neutralizações da oposição oral / nasalizado

Como vimos em 1.2.0, não faz muito sentido falar, a respeito das transições silábicas do tipo /-Ṽ/K̃-/, de uma neutralização da oposição oral/nasalizado na vogal (ou na consoante). O falante não opta, nestes casos, por uma consoante (ou uma vogal) nasalizada, decisão que então arrastaria a nasalidade da vogal precedente (ou da consoante subsequente). Opta por uma transição silábica globalmente nasalizada. E esta opõe-se diretamente à transição oral correspondente.

Por conseguinte, há pares mínimos cujos membros diferem apenas em relação à presença ou ausência do traço da nasalidade numa transição silábica:

*bráku* s. 'buraco' / *bránku* adj. 'branco'

*fika* v. 'ficar' / *finka* v. 'fincar'

*keta* v. 'estar quieto' / *kenta* v. 'esquentar'

*kába* v. 'acabar' / *kánba* v. 'entrar, desaparecer'  
*káta* v. 'apanhar no chão' / *kánta* v. 'cantar'  
*koku* s. '(noz de)coco' / *konko* v. 'abanar'  
*mudu* adj. 'mudo' / *mundu* s. 'mundo'  
*pesa* v. 'pesar' / *pensa* v. 'pensar'  
*róda* s. 'roda' / *rónda* s. 'ronda'

Como também já vimos em 1.2.0, o crioulo de Santiago tem ainda, além das transições silábicas globalmente orais ou globalmente nasalizadas', transições do tipo /-V/N-/. Nesta fórmula, a maiúscula N representa uma das três consoantes /m/, /n/ ou /ɲ/. Nestas transições há de facto neutralização da oposição oral/nasalizado na vogal. O arquifonema que resulta de tal neutralização realiza-se invariavelmente como vogal oral: cf. palavras como *linha* ['liɲe] s. 'fio, linha', *treme* ['tremi] v. 'tremar', *péna* ['pɛɲe] s. 'pena', *pánha* ['paɲe] v. 'apanhar', *dóna* ['dɔɲe] s. 'dona, avô', *toma* ['tomɛ] v. 'tomar' e *runhu* ['ruɲu] adj. 'mau, agressivo', etc.

Desta neutralização não resultam, porém, oito arquifonemas, mas apenas sete, porque, aparentemente, antes de um destes fonemas consonânticos nasais só pode ocorrer [a], mas não [ɛ].

Nas fórmulas que se seguem, representamos este arquifonema resultante da neutralização de duas oposições (oral/nasalizado, ɛ/a) pela maiúscula A. Os arquifonemas de realização oral ante consoante nasal opõem-se entre si:

Fechado/semiaberto:

i/e *linha* s. 'fio, linha' / *lenha* s. 'lenha'  
 u/o *suma* adv. (var. de *sima*) 'como' / *soma* v. '(as)somar'

Semiaberto/aberto:

e/ɛ *pena* v. 'depenar' / *péna* s. 'pena'  
 o/ɔ *soma* v. '(as)somar' / *sóma* s. 'soma'

Anterior/posterior:

i/u *sima* / *suma* adv. 'como' (duas variantes fonologicamente distintas do mesmo advérbio)

e/o *tema* s. 'tema' / *toma* v. 'tomar'

ɛ/ɔ *Léna* s. nome de mulher / *lóna* s. 'tecido grosso'

Anterior/central:

e/A *kema* v. 'queimar' / *káma* s. 'cama'

ɛ/A *rému* 'remo' / *rámu* s. 'ramo'

Posterior/central:

o/A *tronu* s. 'trono' / *E trá-nu (di mizéria)* 'Sacou-nos (da miséria).'

ɔ/A *kóma* s. 'crina' / *káma* s. 'cama'

No interior de uma palavra fónica pode acontecer que uma palavra que termine numa vogal nasalizada preceda outra começada por uma das três consoantes nasais. Neste caso, mantém-se a nasalidade da vogal, pronunciando-se, por exemplo, *sen médu* ['sɛ̃mɛdu] 'sem medo'. Não há, portanto, neutralização da oposição oral/nasalizado nas vogais que precedem uma consoante nasal em início de palavra.

#### 1.2.1.7 Realização dos (arqui)fonemas

Quanto à realização dos (arqui)fonemas, as explicações que precedem podem ser resumidas da seguinte forma.

##### 1.2.1.7.1 Nas sílabas livres

Sílaba tónica não-final:

Nesta posição, ocorrem todos os 16 fonemas vocálicos, exceto antes de uma das três consoantes nasais /m/, /n/ e /ɲ/. O inventário das suas realizações antes de consoantes fricativas e vibrantes fornece um inventário máximo dos tipos de realização vocálica do crioulo de Santiago. Este inventário corres-

ponde ao inventário dos fonemas vocálicos apresentado sob 1.2.1.1:

	vogais orais			vogais nasalizadas		
	ant.	centr.	post.	ant.	centr.	post.
fechadas	i		u	ĩ		ũ
semiabertas	e	ɐ	o	ẽ	ẽ̃	õ
abertas	ɛ	a	ɔ	ɛ̃	ã	ɔ̃

Para a metade esquerda deste inventário podem pois comparar-se as realizações dos fonemas vocálicos orais nas sílabas tónicas de *iziji* v. 'exigir', *komesa* v. 'começar', *komésu* s. 'começo', *fase* v. 'fazer', *báfa* v. 'tapar-se, petiscar', *xuxu* s./adj. 'diabo, sujo', *kosa* v. 'coçar(-se)', *óra* s. 'hora'; para a metade direita podem comparar-se as realizações nasalizadas dos fonemas vocálicos nasalizados nas sílabas tónicas de *finji* v. 'fingir', *pensa* v. 'pensar', *lisénsa* s. 'licença', *manxe* v. 'amanhecer', *kánsa* v. 'cansar(-se)', *kunsa* verbo auxiliar, *lonji* adv. 'longe', *ónra* s. 'honra'.

Antes de consoante oclusiva ou lateral, os fonemas vocálicos orais realizam-se como antes de fricativa e vibrante (cf. metade esquerda do inventário máximo). Vejam-se, por exemplo, as sílabas tónicas de *tipu* s. 'tipo', *persebi* s. 'perceba', *spétu* s. 'espeto', *invadi* v. 'invadir', *káku* s. 'cabeça', *luga* v. 'tomar/dar de arrendamento', *mopi* v. 'amolgar', *móla* s. 'mola'. Na mesma posição, os fonemas vocálicos nasalizadas realizam-se como sequências do correspondente tipo de realização oral (cf. metade esquerda do inventário máximo) seguido de uma consoante nasal homorgânica com a consoante subsequente. Vejam-se, por exemplo, as sílabas tónicas de *pinga* ['piŋgɐ] v. 'pingar', *bende* ['bendi] v. 'vender', *bénda* ['bɛndɐ] s. 'venda', *mante* ['manti] v. 'manter', *kánta* ['kantɐ] v. 'cantar', *funku* ['fuŋku] s. 'cubata constante só do teto cónico', *ponta* ['pontɐ] v. 'apontar', *pónta* ['pɔntɐ] s. 'ponta'.

Antes dos três fonemas consonânticos /m/, /n/ e /ŋ/, fica neutralizada a oposição oral/nasalizado. Os arquifonemas resultantes realizam-se como orais (cf. metade esquerda do inventário máximo). Assim acontece nas sílabas tônicas de *sima* adv. 'como', *tene* v. 'ter', *péna* s. 'pena', *nfanhi* v. 'fazer uma careta de desprezo', *pánha* v. 'apanhar', *sumu* s. 'sumo', *komu* conj. subord. 'como', *sóma* s. 'soma'.

Sílaba tônica final:

Nesta posição, a oposição semiaberto/aberto está neutralizada nas vogais orais anteriores e posteriores, pelo menos na fala de boa parte dos falantes. Nas vogais nasalizadas há uma neutralização generalizada da mesma oposição em todos os falantes. Os arquifonemas resultantes realizam-se entre semiaberto e aberto nas orais e como semiabertas nas nasalizadas. Segue um exemplo para cada um dos onze tipos de realização resultantes: *mi* pron. pess. 'eu', *pé* s. 'pé', *fla* v. 'dizer', *xá* s. 'chá', *ku* s. 'traseiro', *pó* s. 'árvore, madeira, pau', *fin* s. 'fim', *sen* s./adj. num. '100', *gran* s. 'grão', *nun* adj. 'nenhum', *pon* s. 'pão'.

Sílaba átona não-final:

Nesta posição, a situação é a mesma que nas sílabas tônicas não-finais, salvo que a oposição semiaberto/aberto se encontra de novo neutralizada. Os arquifonemas resultantes realizam-se como vogais semiabertas. Por conseguinte, só aparecem, antes de consoantes fricativas e vibrantes, os tipos de realização das duas linhas superiores do inventário máximo.

Podem servir de exemplo para as orais as primeiras vogais de *pisádu* adj. 'pesado', *refujiádu* adj. 'refugiado', *raféga* s. 'brisa, rajada', *puxador* s. 'puxador', *korenta* v. 'mudar para melhor' e para as nasalizadas as primeiras vogais de *prinséza* [pri'sɛzɐ] s. 'princesa', *benson* [bẽ'sõ(ŋ)] s. 'bênção', *kansádu* [kã'sadu] adj. 'cansado', *kunfiánsa* [kũ'fjãɐ] s. 'confiança', *onrádu* [õradu] adj. 'honrado'.

Antes de consoantes oclusivas e laterais, as vogais átonas orais realizam-se como antes de consoantes fricativas e vibrantes (as duas linhas superiores da metade esquerda do inventário máximo). Assim ocorre, por exemplo, nas primeiras sí-

labas de *pikinóti* adj. 'pequeno', *metádi* s. 'metade', *katxupa* s. prato nacional caboverdiano, *kutélu* s. 'colina', *kolabora* v. 'colaborar'. As vogais nasalizadas realizam-se nesta posição de novo como sequências de orais mais consoante nasal homorgânica com a consoante subsequente. Assim acontece nas primeiras sílabas de *kintal* [kin'tɛl] s. 'espaço por detrás das casas tradicionais', *bengála* [beŋ'galɐ] s. 'bengala', *bandoba* [ban'dobɐ] s. 'estômago, pança', *kunpridu* [kum'pridu] adj. 'comprido' e *konloia* [kon'lojɐ] v. 'concluir'.

Antes das três consoantes nasais /m/, /n/ e /ɲ/, além da oposição semiaberta/aberta fica ainda neutralizada a oposição oral/nasalizado. Os arquifonemas realizam-se como orais (as duas linhas superiores do inventário máximo). Comparem-se as vogais das primeiras sílabas de *simenti* s. 'semente', *kemádu* adj. 'queimado', *banána* s. 'banana', *sumána* s. 'semana', *somenti* adv. 'só'.

Sílaba átona final:

Nesta posição são neutralizadas todas as oposições no grau de abertura e, além disso, a oposição oral/nasalizado. Dos três arquifonemas resultantes, realizam-se como vogais fechadas o anterior e o posterior, e como vogal semiaberta a vogal central. É o caso das vogais nas sílabas finais de *kudi* ['kudi] v. 'responder', *fase* ['fɛsi] v. 'fazer', *kánta* ['kantɐ] v. 'cantar', *rixu* ['riʃu] adj. 'rijo', *konko* ['koŋku] v. 'abandar'.

#### 1.2.1.7.2 Nas sílabas travadas

Chamam-se travadas as sílabas que terminam em consoante. No crioulo de Santiago só podem aparecer, nesta posição, /r/, /l/ ou /s/. Nas sílabas travadas é neutralizada a oposição oral/nasalizado. Os arquifonemas resultantes realizam-se como orais.

Sílaba tónica:

Antes de /r/ e /l/ a fechar sílaba, não há mais neutrali-



zações. Eis um exemplo para a realização oral dos oito arqui-fonemas: *filtru* ['filtru] s. 'filtro', *perta* ['pertɐ] v. 'aper-tar', *pértu* ['pértu] adv. 'perto', *sal* ['sɛl] s. 'sal', *már* ['mar] s. 'mar', *purga* ['purgɐ] s. 'fruto da purgueira', *korta* ['kortɐ] v. 'cortar', *kórta* ['kɔrtɐ] s. 'colheita'.

Antes de /s/, há, além da neutralização da oposição oral/nasalizado, neutralização da oposição semiaberto/aberto nas vogais centrais. O arqui-fonema resultante realiza-se como vo-gal aberta. Ocorrem, portanto, os sete tipos seguintes de rea-lização: *lista* ['listɐ] s. 'lista', *presta* ['prestɐ] v. 'pres-tar', *fésta* ['fɛstɐ] s. 'festa', *gásta* ['gastɐ] v. 'gastar(-se)', *kusta* ['kustɐ] v. 'custar', *mostra* ['mostrɐ] v. 'mostrar', *kósta* ['kɔstɐ] s. 'costa(s)'.

Sílaba átona:

Nesta posição, dá-se uma neutralização generalizada da oposição semiaberto/aberto (como em todas as sílabas átonas) e uma neutralização generalizada da oposição oral/nasalizado (como em todas as sílabas travadas). Os cinco arqui-fonemas re-sultantes realizam-se como orais. Sirvam de exemplos as pri-meiras sílabas, átonas e travadas, de *bistidu* [bis'tidu] s. 'vestido', *gestiba* [ges'tibɐ] s. nome de uma planta, *maskádja* [mɛs'kajɐ] v. 'aproveitar-se de alguém', *kustumu* [kus'tumu] s. 'costume', *kostéla* [kos'tɛlɐ] s. 'costela'.

#### 1.2.1.8 Combinatória

Quando numa palavra fónica há duas vogais contíguas, for-mam quer um hiato quer um ditongo. Temos um hiato quando as duas vogais pertencem a duas sílabas, cada uma constituindo, portanto, um pico de perçetibilidade. Pelo contrário, temos um ditongo quando as duas vogais pertencem à mesma sílaba, cor-respondendo à sequência de ambas apenas um pico de perçetibi-

lidade (cf. 1.1.4).

Quando numa palavra fónica há três vogais contíguas pode tratar-se de um hiato (por ex. de um ditongo que pertence a uma sílaba e de uma vogal que pertence à sílaba seguinte) ou de um tritongo, isto é, uma sequência de três vogais à qual corresponde apenas um pico de percetibilidade na segunda vogal.

Devido ao encontro de duas palavras, uma primeira que termina em vogal e uma segunda que começa por vogal, podem surgir, no crioulo de Santiago, sequências vocálicas variadas. Descontando estes casos, constatamos que no interior das palavras do crioulo de Santiago propriamente ditas só há hiatos que constam de duas vogais simples e ditongos, mas nenhuns tritongos.

#### 1.2.1.8.1 Hiatos

No crioulo de Santiago só há hiatos nos quais uma das duas vogais forma o núcleo da sílaba acentuada da palavra em questão. O único hiato que ocorre com alguma frequência é o tipo [e̞] (cf. *bea* s. 'veia', *fea* s./adj. 'feia', *mea* s. 'meias', *nlea* v. 'aplicar penso em (ferida)', *rea* s. 'areia', (lua) *xea* s. '(lua) cheia', *aldêa* s. 'aldeia', *bulêa* s. 'boleia', *idêa* s. 'ideia', *morêa* s. 'moreia'). Em *dia* s. 'dia' e *kria* v. 'criar(-se)' ocorre o hiato [i̞], e nos dois pronomes pessoais *ael* 'ele, ela', *aes* 'eles, elas' o hiato [e̞]. O substantivo *saúdi* 'saúde' e o verbo *raúni* 'reunir' têm [e̞u], o substantivo *raínha* tem [e̞i]. Para o uso e não uso do acento gráfico nos hiatos remetemos o leitor para 2.2.2.

#### 1.2.1.8.2 Ditongos

Nada se opõe a uma análise bifonemática dos ditongos do crioulo de Santiago. Quer dizer que todos os seus ditongos podem ser interpretados como sequências de dois fonemas vocáli-

cos dentro de uma só sílaba dos quais cada um ocorre também, noutras palavras, sem vir acompanhado pelo outro.

Dos dois fonemas vocálicos que juntos formam um ditongo, a vogal onde se atinge o pico de percetibilidade chama-se central, e a outra marginal. Se as duas vogais diferem no grau de abertura, a central costuma ser a mais aberta.

Caso a vogal central ocupe o primeiro lugar na cadeia fónica, os estudiosos das línguas românicas falam em ditongo 'decrecente'. Nos ditongos decrecentes, a segunda vogal é inteiramente 'implosiva', quer dizer que a sua percetibilidade vai diminuindo ao longo da sua realização. Assim, por exemplo, em *rei* ['reɨ] s. 'rei'.

Caso a vogal central do ditongo ocupe o segundo lugar na cadeia fónica, os estudiosos das línguas românicas falam em ditongo 'crescente'. Nestes ditongos, é a primeira vogal que é a marginal. E esta é inteiramente 'explosiva', quer dizer que a sua percetibilidade vai aumentando ao longo da sua realização. Assim acontece, por exemplo, em *disviâ* [diz'vɨɐ] v. 'desviar'.

Adotamos o uso amplamente difundido de chamar as vogais inteiramente implosivas dos ditongos 'semivogais' e as inteiramente explosivas 'semiconsoantes'. Nas vogais centrais, há uma fase explosiva que precede o pico de percetibilidade e uma fase implosiva que o segue.

O crioulo de Santiago tem muitos ditongos orais e poucos ditongos nasalizados. Nos ditongos orais a relação numérica entre ditongos crescentes e ditongos decrecentes está mais ou menos equilibrada. Os poucos ditongos nasalizados são todos ditongos crescentes. Só as vogais mais fechadas do crioulo de Santiago, /i/ e /u/, podem funcionar como vogais marginais nos seus ditongos. Quando funcionam como semiconsoantes, transcrevemo-las - em transcrição fonética - como [j] e [w], quando funcionam como semivogais, como [ɨ] e [ɯ].

Quase todos os ditongos teoricamente possíveis, tendo em conta o que acabamos de constatar, ocorrem efetivamente no crioulo de Santiago. E os poucos que não se encontram no seu léxico 'normal' aparecem em interjeições expressivas ou onomatopaicas.

Ditongos orais decrescentes com [ɨ] implosivo:

[eɨ] *lei* s., *mei* s., *rei* s., etc.

[ɛɨ] *réiba* s. (variante de *ráiba*)

[aɨ] *fáita* s. e v. (variante de *fálta*), *káika* v. (variante de *kálka*), *káisa* s. (variante de *kálsa*), *ráiba* s., *sáibu* s., etc.

[ɐɨ] *bai* v., *mai* s., *kai* v., *rai* s. (variante de *rei*) s., *sai* v., *balai* s., *distrai* v., *papai* s., *raiba* v., *sais* s./adj. num., etc.

[ɔɨ] *molói* adj., *bóina* s., *bóisa* s. (variante de *bólisa*), *bóita* s. (variante de *bólta*), *dizóitu* s./adj. num., etc.

[oɨ] *boi* s., *foi* v., *poi* v., *noibu* s., *oiténta* s./adj. num., etc.

[uɨ] *diskuida* v., *muitu* adv., *ku(i)dádu* s., etc.

Ditongos orais decrescentes com [ɯ] implosivo:

[iɯ] *fiu* s., *briu* s., etc.

[eɯ] *djeu* s., *freu* s., *meu* (em *di meu* poss.), *txeu* adj., *judeu* s./adj., *liseu* s., *muzeu* s., *pineu* s., *piteu* s., *txapeu* s., etc.

[ɛɯ] *Déus* s., *séu* s., etc.

[ɐɯ] só em sílaba átona: *kautéla* s., etc.

[aɯ] *gráu* s., *káu* s., *náu* adv., *máu* adj., *áula* s., *fláuta* s., *Káuberdi* s., etc.

[oɯ] não documentado

[ɔɯ] não documentado, cf. porém o onomatopaico *Póu!*

Ditongos orais crescentes com [j] explosivo:

[je] *fiel* adj. 'fiel', etc.

[jɛ] *f(i)él* s. 'fel', etc.

[jɐ] *alegriâ* s., *barbariâ* s., *falsiâ* s., *kadiâ* s., *pasia* v., *simia* v., *stória* s., *idial* adj., *E kiria-l*, etc.

[ja] *Diábu* s., *kiriádu* s./adj., *Santiágu* s., *viáji* s., etc.

[ju] *palásiu* s., *sériu* adj., *sitiu* s., etc.

[jo] *kriolu* s., *piodju* s., *piora* v., *tioxi* adv., *nasional* adj., etc.

[jɔ] *Diós* s., *mandióka* s., *pióra* s., *vióla* s., etc.

Ditongos orais crescentes com [w] explosivo:

[wi] *juis* s., etc.

[we] *duedju* s., *kueru* s., *E due-l*, etc.

[wɛ] *guéla* s., *kuéka* s., *muéda* s., etc.

[wɐ] *kontinua* v., *lingua* s., *pazigua* v., *ku el* (cf. 10.1.4.2), etc.

[wa] *bua* v., *rua* s., *guárda* s., *kuártu* s., *kuátu* s./adj. num., etc.

[wo] *suor* s. (variante de *soris* s.)

[wɔ] não documentado

Nos registos mais influenciados pelo português, ocorre um número relativamente alto de ditongos nasalizados. No crioulo mais fundo são muito menos frequentes e sempre crescentes:

[jẽ] *fian-fian* v., *pian-pian* v., *kunfiánsa* s., etc.

[jõ] *avion* s., *okazion* s., *pion* s., etc.

[wẽ] *duense* v.

[wẽ̃] *duénsa* s.

Nasalizam-se ambas as vogais de um ditongo nasalizado, mas visto esta nasalidade ser muito menos perceptível na vogal marginal, não a marcamos nas nossas transcrições fonéticas.

Como se vê pelos exemplos fornecidos sob 1.2.1.8.2, também nos ditongos só ocorrem vogais abertas em sílaba tónica.

## 1.2.2 Fonemas consonânticos

### 1.2.2.1 Inventário

A variedade do crioulo de Santiago descrita nesta gramática dispõe de 17 fonemas consonânticos orais, aos quais correspondem outros tantos fonemas consonânticos (pré-) nasalizados, chamados também de 'seminasais' ('Halbnasale', cf. Trubetzkoy 1971: 164/165). Justificaremos a hipótese da existência destas consoantes nasalizadas em 1.2.2.1.2 (porém, compare-se já 1.2.0).

Acrescem a estes os três fonemas consonânticos nasais /m/, /n/ e /ɲ/ e um /j/ ('i consonântico') mal integrado no sistema cuja realização usual como fricativa palatal sem sibilo transcrevemos (por ex. em *móia* ['mɔjɐ] s. 'promoção comercial') usando o mesmo [j] que utilizamos para a transcrição da variante semiconsoante do fonema vocálico /i/ (por ex. em *pueziã* [pwe'zjɐ] s. 'poesia'). Não há, no crioulo de Santiago, uma contrapartida velar /w/ para este /j/ consonântico, pois não se encontra, nem no início, nem em posição intervocálica das palavras do santiaguense, nenhum [w]. Para além disso, em posição inicial de palavra este som só se encontra em algumas interjeições onomatopaicas do tipo *Uin!* ['wi(ŋ)] 'Pum!', *Uis!* ['wis] 'Zás!' e em alguns estrangeirismos ainda mal integrados, como *uiski* ['wiski] s. 'whisky'.

O número total de fonemas consonânticos da variedade do crioulo de Santiago que estamos a descrever ascende assim a 38 (cf. espanhol europeu 19, alemão 19-20 e francês 18). Devido à sua posição isolada no sistema, prescindimos do /j/ no inventário dos fonemas consonânticos que em seguida se apresenta.

	orais					nasalizadas			
	lb.	dt.	pl.	vl.		lb.	dt.	pl.	vl.
oclusivas	p	t	c	k	sd.	ᵑ̃	ᵗ̃	ᶜ̃	ᵏ̃
	b	d	ʝ	g	vz.	ᵑ̃	ᵗ̃	ᶜ̃	ᵏ̃
fricativas	f	s	ʃ		sd.	f̃	s̃	ʃ̃	
	v	z	ʒ		vz.	ṽ	z̃	ʒ̃	
líquidas		r			int.		ṛ		
		l	ʎ		con.		l̃	(ʎ̃)	
nasais	m	n	ɲ						

(lb. = labial, dt. = dental, pl. = palatal, vl. = velar, ocl. = oclusivo, fric. = fricativo, l. = líquido, sd. = surdo, vz. = vozeado, int. = interrompido, con. = contínuo)

Os exemplos que se seguem apresentam cada um destes fonemas consonânticos em posição inicial.

Fonemas consonânticos orais: *pai* /'pɛi/ s. 'pai', *totis* /'totis/ s. 'nuca, toutiço', *txáda* /'cadɛ/ s. 'planície', *kása* /'kase/ s. 'casa', *bárba* /'barbe/ s. 'barba', *dia* /'die/ s. 'dia', *djunta* /'ʝũtɛ/ v. 'reunir(-se)', *gálu* /'galu/ s. 'galo', *fase* /'fɛsi/ v. 'fazer', *sála* /'sale/ s. 'sala', *xá* /'ʃa/ s. 'chá', *viáji* /'viaʒi/ s. 'viagem', *zóna* /'zɔne/ s. 'zona', *juis* /'ʒuis/ s. 'juiz, juízo', *ráiba* /'raibe/ s. 'raiva', *lárge* /'largɛ/ v. 'largar'. Nos dados que recolhemos até ao momento, o fonema /ʎ/ apenas ocorre em posição medial, i.e. no interior de palavra (cf. por ex. *ilha* /'iʎɛ/ s. 'ilha').

Fonemas consonânticos nasalizados: *npára* /'ᵑare/ v. 'apanhar, amparar', *nton* /'ᵗõ/ adv. 'então', *ntxádu* /'ᶜadu/ adj.

(variante de *intxádu*) 'inchado', *nkontra* /'kõtrɛ/ v. 'encontrar(-se)', *nburdia* /'burdiɛ/ v. 'embrulhar(-se)', *ndoxa* /'dõʃɛ/ v. 'ficar doce', *ndjudjun* /'ɟɟũ/ adj. 'em jejum', *nguli* /'guli/ v. 'engolir', *nforka* /'fõrkɛ/ v. 'enforçar(-se)', *nsoda* /'sõdɛ/ v. 'distrair(-se)', *nxina* /'ɟine/ v. 'ensinar', *nvira* /'virɛ/ v. 'ter-se raiva de alguém', *nzámi* /'zami/ s. 'exame', *Njenhu* /'jɛɲu/ s. Ortsname, *nliona* /'lionɛ/ v. 'irritar-se'. Para /<sup>h</sup>/ não encontramos até agora nenhum exemplo; para /<sup>h</sup>/ apenas encontramos exemplos de ocorrência no interior da palavra (cf. *ónra* /'õrɛ/ s. 'honra').

Fonemas consonânticos nasais: *mai* /'mɛi/ s. 'mãe', *náda* /'nadɛ/ v. 'nadar', *nho* /'ɲo/ pron. pess. 'o senhor'.

/j/: *iandon* /jɛn'dõ(ɲ)/ adj. 'silencioso', *iáti* /'jati/ s. 'iate'.

#### 1.2.2.1.1 O fonema /ɲ/

Tanto Manuel Veiga (cf. 1996: 78/79 e 86) como Nicolas Quint (cf. 2000: 27/28) admitem, mesmo que com restrições, a existência, no crioulo de Santiago, de um fonema consonântico velar /ɲ/. Elevam, assim, o número dos fonemas consonânticos nasais a quatro (/m/, /n/, /ɲ/ e /ŋ/). Para tal, não invocam os [ɲ] que ocorrem em transições silábicas nasais antes de consoantes oclusivas (cf. 1.2.0), nem os que se ouvem, na maioria dos falantes, após as vogais nasais antes de uma pausa ou de uma palavra começada por vogal (cf. 1.2.1.1). De facto, todos estes [ɲ] podem ser considerados reflexos da nasalidade de fonemas nasais adjacentes (cf. de novo 1.2.0). Os autores alegam palavras que começam por [ɲ] seguido de vogal. Uma vez que, nesta posição, este som se opõe às outras três consoantes nasais, a existência de tais palavras prova efetivamente a existência do fonema /ɲ/.



O dicionário mais abrangente do crioulo de Santiago entre os publicados por Nicolas Quint regista oito palavras deste tipo: *ŋánha* s. 'trognon d'épis de maïs', *ŋanhi* v. 'ronger' (cf. wolof *ŋaaŋ* 'mordre'), *ŋanhóma* s. 'plante urticante', *ŋápu* interj. 'miam, gnarp', *ŋás-ŋás* interj. imitant le bruit que font les mâchoires 'miam-miam', *ŋrámu-ŋrámu* s. 'fait de bougonner, de maugréer, de parler tout seul sans faire attention aux autres', *ŋulí* v. 'regarder du coin de l'oeil, fusiller du regard, regarder de travers' (cf. mandinka *ŋùlu* 'regarder de travers'), *ŋus-ŋus* interj. imitant le bruit de la canne à sucre qui passe dans le moulin à canne (cf. Quint 1999: 181).

É significativo que nenhuma destas palavras disponha de uma etimologia portuguesa reconhecida. Nem aquelas para as quais Quint não encontrou qualquer correspondência nas línguas do Oeste africano. Também estas parecem ser de origem africana ou onomatopaica (para a ocorrência e o status de [ŋ] nas línguas africanas remetemos o leitor para Creissels (1994: 123-126)).

Portanto, não pode haver dúvida de que um fonema consonântico /ŋ/ existe realmente em algumas das variedades do santiaguense tomadas em conta por Manuel Veiga e Nicolas Quint. Porém, não parece menos seguro que as variedades em questão se encontrem circunscritas, desde há muito, a zonas relativamente isoladas da ilha.

De facto, nenhuma das descrições do crioulo de Santiago do século XIX menciona um som [ŋ] (cf. Coelho 1880, Costa/Duarte 1886 e Brito 1887). Também os transcritores da coletânea *Na bóka noti I* (Silva 2004) passaram bem sem símbolo ortográfico para um fonema /ŋ/. Os nossos informantes (incluindo a família do nosso colaborador André dos Reis Santos, residente a meio caminho entre Praia e Assomada, em João Teves) ou não conheciam as palavras em questão, ou pronunciavam-nas de outro modo. Consequentemente, o nosso *Dicionário* regista só três dessas oito palavras, que aí aparecem começando por /g̃/ (*ngánha*, *nganhóma*), por /g/ (*ganhóma*, variante de *nganhóma*) ou por /ɲ/ (*nhápu*).

Ficamos com a impressão de que a maioria dos habitantes de Santiago que conhecem as palavras as pronunciam hoje de outro modo. E por isso prescindimos, no nosso inventário dos fonemas

consonânticos do santiaguense, desse /ŋ/, mantendo-nos fiéis ao propósito de descrever um crioulo médio, que não causa estranheza nem na cidade nem no campo.

#### 1.2.2.1.2 Os fonemas consonânticos nasalizados

O problema da existência ou inexistência de fonemas consonânticos nasalizados coloca-se para todas as línguas que, no início das palavras, apresentam, a nível fonético, sequências consonânticas homorgânicas do tipo 'consoante nasal que não constitui sílaba + consoante' (cf. Creissels 1994: 46). É precisamente o que se verifica abundantemente no crioulo de Santiago, como o confirmam as transcrições fonéticas das palavras seguintes, já utilizadas acima: *npára* ['mparɐ] v., *nton* ['nto(ŋ)] adv., *ntxádu* ['ɲcadu] adj. (variante de *intxádu*), *nkontra* ['ɲkontɾɐ] v., *nburdia* ['mburdjɐ] v., *ndoxa* ['ndoʃɐ] v., *ndjudjun* [ɲju'ju(ŋ)] adj., *nguli* ['ɲguli] v., *nforka* ['ɲforkɐ] v., *nsoda* ['nsodɐ] v., *nxina* ['ɲʃinɐ] v., *nvira* ['ɲvirɐ] v., *nzámi* ['nzami] s., *Njenhu* ['ɲjɛɲu] s., *nliona* ['nljonɐ] v. Devemos considerar os complexos consonânticos iniciais destas palavras como fonemas únicos ou como sequências de dois fonemas?

A existência, no crioulo de Santiago, de fonemas consonânticos nasalizados ainda não é admitida por todos os especialistas. John Holm não menciona o caboverdiano entre os crioulos atlânticos que, segundo as suas informações, poderiam dispor de oclusivas nasalizadas (cf. Holm 1988/1989: I, 4.6.2). A sua existência no crioulo estreitamente aparentado da Guiné-Bissau é objeto de discussão - cf. o resumo desta discussão em Couto (1994: 69-71). A afirmação da sua existência precisa, portanto, de uma pormenorizada justificação. A nossa encontra-se em 1.2.0, onde invocámos como argumentos a intuição dos próprios falantes e a simplicidade da descrição fonológica resultante. De facto, admitir a existência de fonemas consonânticos nasalizados no crioulo de Santiago permite uma análise unitária dos tipos de transições silábicas que, neste crioulo,

se encontram em distribuição complementar. A história da escrita do crioulo de Santiago fornecer-nos-á mais indícios em favor da nossa interpretação (cf. 2.2.1).

#### 1.2.2.1.3 O estatuto de /v/, /z/, /ʒ/, /ʎ/ (/ṽ/, /z̃/, /ʒ̃/ / ʎ̃/)

O estatuto de quatro fonemas consonânticos orais do santiaguense (e dos seus correspondentes nasais) é precário. Ao que sabemos, o crioulo de Santiago não dispunha, originalmente, dos fonemas /v/, /z/, /ʎ/ e, talvez, nem do /ʒ/. Provavelmente, não dispunha sequer dos sons [v], [ʎ], [ʒ] como variantes de outros fonemas em determinados contextos fônicos. Os crioulizadores de Santiago veriam nos [v], [ʒ], [ʎ] e, em posição intervocálica, também nos [z] do português realizações um tanto aberrantes de fonemas do tipo /b/, /ʃ/, /ʝ/ e /s/ que existiam nas suas línguas ancestrais. Por conseguinte, reproduzi-los-iam como [b], [ʃ], [ʝ] e [s].

Os novos fonemas crioulos /v/, /z/, /ʒ/ e / ʎ/ surgiriam posteriormente graças a empréstimos, principalmente do português, nos quais os sons em questão deixaram de ser substituídos por [b], [s], [ʃ] e [ʝ]. Os quatro novos fonemas (i.e. /v/, /z/, /ʒ/ e /ʎ/) integraram-se bem no sistema consonântico do crioulo santiaguense, visto constituírem apenas combinações de traços distintivos pré-existentes.

#### 1.2.2.1.3.1 O /v/ está já plenamente naturalizado, graças a empréstimos do português. Veiga (1982: 35) remete para palavras crioulas como *ravuluson* s. 'revolução', *provérbi* s. 'provérbio', *variánti* s. 'variante', *vérbu* s. 'verbo', *vira* s. 'vira (dança popular portuguesa)'. O verbo crioulo *vira* 'virar(-se), etc.' < pg. *virar* forma hoje um par mínimo com o sucessor mais antigo do mesmo étimo português, cs. *bira*, que ficou restringido ao papel de auxiliar na perífrase *bira ta fase* 'começar a fazer' ou de cópula em empregos do tipo *E bira*

*prontu* 'Convalesceu', *E bira un kabálu* 'Transformou-se num cavalo'. Ao lado do *cs. vive* 'viver', temos o adjetivo *bibu* 'vivo, com vida'. Para a maioria dos falantes há, pois, palavras que pronunciam regularmente com [b] (*bá* v. 'ir', *ben* v. 'vir', *bitxu* s. 'bicho, animal', *bolsu* s. 'bolso', *bota* v. 'atirar', *bunitu* adj. 'bonito', *riba* prep. 'sobre, acima', *sabídu* 'esperto, astuto', etc.) e outras que pronunciam regularmente com [v] (*verdádi* s. 'verdade', *vólta* s. 'volta', *vontádi* s. 'vontade', *árvi* s. 'árvore', *averis* s. 'haveres', etc.). Mas também deve ainda haver falantes e registos sem oposição entre [b] e [v]. Na coletânea de contos *Na bóka noti I* encontram-se *viáji* s. 'viagem', *verdádi*, *vinti* num. '20', *razolve* v. 'resolver', *próva* s. 'prova', *sálva* s. cerimónia que faz parte da *tabanka*, *favor* s. 'favor', mas de forma esporádica também *biáji*, *berdádi*, *binti*, *razolbe*, *próba*, *sálba* e *fabor*.

1.2.2.1.3.2 A situação a respeito de /z/ apresenta-se mais complicada. Como variante combinatória de /s/ antes de consoante vozeada, [z] pode ter existido desde as origens do crioulo santiaguense. Mas, entretanto, [z] ocorre também - salvo nos registos crioulos mais conservadores - no início da palavra (por ex. em *cs. zóna* s. 'zona') ou em posição intervocálica (por ex. em *cs. dozi* num. '12'), isto é, em contextos fónicos anteriormente reservados a [s]. Para que tal suceda, é suficiente que a palavra correspondente do português tenha /z/. Houve, portanto, uma fonologização do [z]. A coexistência entre *fase* v. 'fazer', *kása* s. 'casa', *kasamentu* s. 'casamento', *kusa* s. 'coisa', *rapasínu* s. 'menino, rapaz(inho)', *tarse* (sic) v. 'trazer' com [s], no 'kriolu fundu', e de *faze*, *káza*, *kazamentu*, *koza* (bastante raro), *rapazínu* e *traze* com [z], no 'kriolu lévi', mostra o sentido da evolução sob a influência continuada do português. Há um grande número de palavras que, em *Na bóka noti I*, aparecem já regularmente grafadas com z (por ex. *báza* v. 'cair, vazar, bater', *dozi* num. '12', *gazádja* v. 'receber, agasalhar', *izámi* s. 'exame', *kázu* s. (a)caso', *kuázi* quant. 'quase', *razolve* v. 'resolver', *frakéza* s. 'fraqueza', *zangádu* adj. 'zangado', *zóna* s. 'zona'). No que se refere ao fonema nasalizado /ž/ (cf. por ex. a variante *nzámi* 'exame' do s. *izámi*), podemos hipotetizar que

surgiu paralelamente ao fonema oral /z/.

1.2.2.1.3.3 Quanto a /ʒ/ e /ʒ̃/, a situação assemelha-se à de /z/ e /z̃/, só que, neste caso, não há motivos para contarmos com a existência de uma variante combinatória [ʒ], de /ʃ/, no crioulo primitivo. De facto, as fricativas palatais do santiaguense não ocorrem antes de consoante vozeada. O significado de muitas palavras crioulas que contêm /ʒ/ ou /ʒ̃/ sugere que se trata de empréstimos recentes do português (cf. *jélu* s. 'gelo', *jésu* s. 'gesso', *jóia* s. 'jóia(s)', *njinheru* s. 'engenheiro', *lojikamenti* adv. 'logicamente', etc.). Outras parecem muito mais antigas, apesar de se pronunciarem com [ʒ] ou [ʒ̃] (*Njenhu*, *Son Jorji* topónimos, *ránja* v. 'arranjar', *lonji* adv. 'longe', *finji* v. 'fingir', *igreja* s. 'igreja', etc.). Mas é de novo significativa a coexistência de *fixon* e *fijon* s. 'feijão', *oxi* e *oji* adv. 'hoje', *grexa* (58/7) e *igreja* s. 'igreja' em *Na bóka noti I*.

1.2.2.1.3.4 Os registos crioulos que já dispõem de um fonema /ʎ/ devem ser ainda menos numerosos que os que já dispõem dos fonemas /v/, /z/ e /ʒ/. Na coletânea de contos *Na bóka noti I* são raras as palavras que se escrevem regularmente com *lh*, como *maravilha*, *milhár* e *bilheti*. Outras, que aparecem ocasionalmente grafadas com *lh*, apresentam características que, claramente, mostram estarmos perante empréstimos recentes do português (*filha* s. em vez de *fidju fémia* 'filha', *olhus* ao lado de *odju* s. 'olho(s)', *vélhu* ao lado de *bédju* adj. 'velho' etc.). Daí que haja pouco espaço para dúvidas relativamente ao carácter recente de palavras como *mulher*, *olhár*, *pilha*, *ilha*, etc. (cf. também Veiga 1982: 39). Aliás, ao lado de *ilha* temos as designações tradicionais *Djarfogu*, *Djarmáiu* para a *ilha do Fogo* e a *ilha de Maio*. Como já dissemos, ainda não encontramos documentação para a correspondência nasalizada \*/ʎ̃/ do fonema /ʎ/.

Para todos os fonemas tratados neste parágrafo 1.2.2.1.3 vale em menor ou maior medida o que disse Rosine Santos em

1979, no congresso de Mindelo: "... il faut prévoir des phonèmes périphériques apparaissant dans des mots d'introduction plus récente ou d'un niveau de langue plus 'savant'" (Santos 1979: 59, cf. também ibidem p. 68).

#### 1.2.2.2 Traço Distintivos

Segundo o inventário dado em 1.2.2.1, o crioulo de Santiago distingue, no âmbito dos fonemas consonânticos, entre fonemas orais, nasais e nasalizados, entre quatro pontos de articulação (labial, dental, palatal e velar), entre três modos de articulação (oclusivo, fricativo e líquido), entre consoantes surdas e sonoras (nas oclusivas e nas fricativas), e entre interrompidas e contínuas (nas líquidas).

#### 1.2.2.3 Pares mínimos

Na medida em que nos for possível, ilustraremos agora a relevância fonológica dos traços que acabamos de enumerar alegando pares mínimos (para a definição e utilidade destes, cf. 1.1.5). Enumeraremos, no domínio das consoantes orais e nasais, todas as oposições diretas, indicando também aquelas para as quais não encontramos nenhum par mínimo. Quanto às consoantes nasalizadas, limitar-nos-emos a exemplificar, para cada uma delas, a oposição com a consoante oral e - se a houver - a consoante nasal correspondente, desta vez na medida do possível em posição inicial e intervocálica (a respeito das consoantes nasalizadas em posição intervocálica remetemos mais uma vez para o que se disse em 1.2.0 sobre as transições silábicas globalmente nasalizadas.)

labial/dental:

p/t *lápa* s. 'lapa, gruta' / *láta* s. 'lata'

b/d *roba* v. 'roubar' / *roda* v. 'rodar'

f/s *fálta* s. 'falta' / *sálta* v. 'saltar'

v/z cf. em vez de um par mínimo *próva* s. 'prova' / *róza* s. 'rosa'

m/n *mos* s. 'jovem, rapaz' / *nos* pron. pess. 'nós', *káma*

s. 'cama' / *kána* s. 'cana-de-açúcar'

labial/palatal:

p/c *pon* s. 'pão' / *txon* s. 'chão'

b/ɸ *bába* s. 'baba' / *bádja* v. 'dançar, bailar'

f/ʃ *báfa* s. 'petiscos' / *báxa* v. 'baixar'

v/ʒ cf. em vez de um par mínimo *vóita* (var. de *vólta* s.)  
'volta' / *jóia* s. 'jóia(s)'

m/ɲ *kema* v. 'queimar' / *kenha* pronome interrogativo  
'quem?'

labial/velar:

p/k *pása* v. 'passar' / *kása* v. 'casar'

b/g *bánha* s. 'gordura, banha' / *gánha* v. 'ganhar'

dental/palatal:

t/c *mátu* s. 'mato' / *mátxu* adj. 'macho'

d/ʃ *bádu* (*pa Práia*) 'vai-se (à Praia)' / *bádju* s. 'dança, baile'

s/ʃ *misa* s. 'missa' / *mixa* v. 'urinar'

z/ʒ cf. em vez de um par mínimo *zangádu* adj. 'zangado' /  
*jánta* (var. de *djánta* v.) 'jantar'

l/ʎ *ila* (*midju*) v. 'torrar (milho)' / *ilha* s. 'ilha'

n/ɲ *nos* pron. pess. 'nós' / *nhos* pron. pess. 'os senhores, as senhoras'

dental/velar:

t/k *tása* s. 'taça' / *kása* s. 'casa'

d/g *denti* s. 'dentes' / *genti* s. 'gente'

palatal/velar:

c/k *kátxu* (*banána*) s. 'cacho (de banana)' / *káku* (*kabé-sa*) s. 'cabeça'

j/g *pádja* s. 'palha' / *pága* v. 'pagar'

surdo/vozeado:

p/b *lápa* s. 'lapa' / *lába* v. 'lavar'

t/d *bóti* s. 'bote' / *bódi* s. 'bode'

c/ʃ *fitxa* v. 'fechar' / *fidja* s. 'filha' (cr. l., em vez de *fidju fémia* no cr. f.)

k/g *séku* adj. 'seco' / *ségu* adj. 'cego'

f/v cf. em vez de um par mínimo *fólga* s. 'folga' / *vólta* s. 'volta'

s/z cf. em vez de um par mínimo *sángi* s. 'sangue' / *zânga* v. 'zangar-se'

ʃ/ʒ cf. em vez de um par mínimo *xeru* (var. de *txeru* s.) 'cheiro' / *jéru* s. 'genro'

oclusivo/fricativo:

p/f *pátu* s. 'pato' / *fátu* s. 'fato'

t/s *káta* v. 'apanhar do chão, debicar, escolher' / *kása* s. 'casa'

c/ʃ *txutxa* s. 'namorada' / *xuxa* v. 'sujar(-se)'

b/v *bira* v. 'transformar-se em' / *vira* v. 'virar-se'

d/z *báda* anterior do verbo *bá* 'ir' / *báza* v. 'cair, vazar, espancar'

ʃ/ʒ cf. em vez de um par mínimo *djar* s. 'ilha' / *jardin* s. 'jardim'

intERRUPTO/CONTÍNUO:

r/l *mára* v. 'amarrar' / *mála* s. 'arca'

oral/nasal:

b/m *lába* v. 'lavar' / *láma* s. 'lama'

d/n *dáda* passivo do anterior do verbo *da* 'dar' / *náda* v. 'nadar'

ʃ/ɲ *bádju* s. 'dança, baile' / *bánhu* s. 'banho'

oral/nasalizado:

p/ḡ *pára* v. 'deter(-se), parar' / *npára* v. 'apanhar, parar', e, em vez de um par mínimo, *konpo* v. 'preparar comida), arranjar-se para sair, etc.' / *kópu* s. 'copo'



- t/ṭ *ton* quantificador 'tão' / *nton* adv. 'então', *keta* v. 'estar quieto' / *kenta* v. 'aquecer, esquentar', *káta* v. 'apanhar do chão, debicar etc.' / *kánta* v. 'cantar'
- c/ċ em vez de um par mínimo *txáda* s. 'sítio plano, planície' / *ntxádu* (var. de *intxádu* adj.) 'inchado' e, em vez de um par mínimo, *rátxa* v. 'rasgar(-se)' / *ramá-ntxa* v. 'acometer com palavras agressivas'
- k/k̄ *kánta* v. 'cantar' / *nkánta* v. 'encantar' e *koku* s. '(noz de) coco' / *konko* v. 'bater, abanar, sacudir(-se)'
- b/b̄ *bála* s. 'bala' / *nbála* v. 'embalar', *kába* v. 'acabar' / *kánba* v. 'entrar, desaparecer, etc.'
- d/d̄ em vez de um par mínimo *ndreta* v. 'endireitar-se' / *dretu* adj./adv. 'diretamente' e *róda* s. 'roda' / *rónđa* s. 'ronda', *mudu* adj. 'mudo' / *mundu* s. 'mundo'
- ʃ/ʃ̄ cf. em vez de pares mínimos *djuga* v. 'jogar' / *ndju-djun* adj. 'em jejum' e *djé-djé* s. nome de uma erva / *djendje* (var. de *genge* v.) 'inclinar(-se)'
- g/ḡ *gána* s. 'gana' / *ngána* v. 'enganar' e, em vez de um par mínimo, *bága-bága* s. 'formiga branca' / *bangalé* s. 'enorme quantidade'
- f/f̄ *fia* v. 'dar crédito, vender a crédito, fiar' / *nfia* v. 'enfiar' e, em vez de um par mínimo, *kufóngu* s. 'espécie de broa de milho' / *kunfia* v. 'confiar'
- s/s̄ cf. em vez de um par mínimo *sodádi* s. 'saudade' / *nsodádu* adj. 'distraído' e *pesa* v. 'pesar' / *pensa* v. 'pensar'
- ʃ/ʃ̄ *xuta* v. 'dar um pontapé, chutar' / *nxuta* v. 'secar, ficar enxuto' e, em vez de um par mínimo, *koxa* s. 'anca' / *kónxa* s. 'concha'
- v/v̄ *vira* v. 'virar-se' / *nvira* v. 'ter-se raiva de alguém' e, em vez de um par mínimo, *konvinienti* adj. 'conveniente' / *kovi* (var. de *kobi* s.) 'couve'
- z/z̄ cf., em vez de pares mínimos, *zini* v. 'ressoar, ecoar' / *nzámi* (var. de *izámi* s.) 'exame' e *duzia* num. '12' / *ónzi* num. '11'

3/3 cf., em vez de pares mínimos, *jura* v. 'jurar' / *nju-ria* s. 'injúria' e *lojikamenti* adv. 'logicamente' / *lonji* adv. 'longe'

r/ř *óra* s. 'hora' / *ónra* s. 'honra'

l/ł cf., em vez de pares mínimos, *lion* s. 'leão' / *nlio-na* v. 'irritar-se' e *kololu* adj. 'estrábico, zanolho' / *konloiu* s. 'conluio'

nasal/nasalizado:

m/ḿ *mála* s. 'arca' / *nbála* v. 'embalar', *káma* s. 'cama' / *kánba* v. 'entrar, desaparecer'

n/ṅ cf., em vez de um par mínimo, *nodádu* adj. 'enodado' / *ndogádu* adj. 'farto, enjoado' e *Léna* s. nome de mulher / *lénda* s. 'lenda'

ɲ/ɳ cf., em vez de um par mínimo, *nhára* pron. pess. f. da segunda pessoa do sg. para tratamento cortês / *ndjárga* 'ilharga' e *ránha* v. 'arranhar' / *ránja* v. 'arranjar'

#### 1.2.2.4 Realizações

##### 1.2.2.4.1 Ponto de articulação

As labiais realizam-se como bilabiais quando se trata de oclusivas e labiodentais (maior estreiteza entre a fila superior dos dentes e o lábio inferior) quando são fricativas. Entre as 'dentais', a realização das fricativas e da líquida interrupta costuma ser, de facto, alveolar na maioria dos contextos fónicos (maior estreiteza entre os alvéolos dentários superiores e o dorso anterior da língua). O ponto de articulação das fricativas 'palatais' encontra-se sensivelmente mais à frente que o das restantes palatais, isto é, entre os alvéolos dentários superiores e a parte dura do palato.

Uma representação do inventário dos fonemas consonânticos mais conforme a realização normal destes fonemas poderia, pois, ter o aspeto seguinte:

lab.	dent.	pal.	vel.
p	t	c	k
b	d	ʝ	g
f	s	ʃ	
v	z	ʒ	
	r		
	l	ʎ	
m	n	ɲ	

(mesma disposição para as nasalizadas)

#### 1.2.2.4.2 /c/ e /j/

Os dois fonema palatais /c/ e /j/ e as suas correspondências nasalizadas não são oclusivas em sentido estrito, mas africadas. Quer dizer que o desfecho da oclusão se faz nelas de forma gradual, de modo que se percebe uma fricção (neste caso sibilante) entre o desfecho da oclusão e a vogal subsequente. Em termos de realização fonética, estes fonemas são, pois, mais complexos que as restantes oclusivas. Apesar disto, usamos para a sua transcrição fonética os símbolos simples [c] e [j] e não [tʃ] e [dʒ], também por ser o seu ponto de articulação efetivamente palatal, ao passo que o dos fonemas meramente fricativos /ʃ/ e /ʒ/ se aproxima mais dos alvéolos.

A realização normal da africada /c/, por exemplo em *mátxu* adj. 'masculino', não se distingue apenas da do fonema correspondente do castelhano, na palavra etimologicamente idêntica esp. *macho*. Em ambas as línguas, a parte fricativa não é acompanhada de um arredondamento dos lábios. A realização do fonema /j/ do crioulo de Santiago varia muito mais que a do seu parceiro surdo /c/. Ocorrem até realizações cem por cento fricativas do /j/ sem vibração das mucosas (e, portanto, sem sibilante).

#### 1.2.2.4.3 /s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/

Para realizar qualquer um destes quatro fonemas, cria-se, no sentido longitudinal da língua, um sulco por onde passa o ar, pondo a vibrar as mucosas da língua. Desta forma, nasce um som sibilante. /c/ e /ʃ/ ficam sempre bem distintos. Das duas variantes *txábi* e *xábi* do substantivo crioulo que significa 'chave', a primeira pertence claramente ao 'kriolu fundu' e a segunda a variedades mais acroletais do crioulo ('kriolu lébi'). Não parece que o mesmo valha para /j/ e /ʒ/. Veja-se, por exemplo, a coocorrência de *djuga* e *juga* em *E'djuga, e'juga, e'juga, e'juga, e'juga, dipos, pai gránda bá ta purgunta si e gánha* (103/28-29) 'Jogava, jogava, jogava, jogava, jogava, e Pai Grande perguntava sempre se ganhava'.

#### 1.2.2.4.4 /r/

O fonema líquido interrupto /r/ do crioulo de Santiago é uma vibrante ápico-alveolar. Em termos fonológicos, a vibração da ponta da língua contra os alvéolos superiores é o único traço que o distingue do fonema líquido contínuo /l/. O número de toques da ponta da língua contra os alvéolos não é fonologicamente distintivo. Ocorrem realizações com um, dois, três e, especialmente em pronúncias enfáticas, até mais toques.

Excetuando o caso da ênfase, a distribuição das realizações é aproximadamente a seguinte. No início das palavras fônicas ouvem-se vários toques ([r]). Por exemplo, em *riba-l mésa* 'acima da mesa'. No fim da palavra fônica ouve-se apenas um toque ([r]). Assim, por exemplo, em *O nha mudjer!* 'Oh minha mulher!'. No interior da palavra costuma haver apenas um toque em posição intervocálica em determinados falantes e vários em outros. Em registos crioulos muito próximos do português, a pronúncia pode ajustar-se ao português, pronunciando-se *káru* 'caro' com [r] (um toque) e *káru* 'carro' com [r] (vários toques). Nos casos relativamente frequentes em que o fonema segue outra consoante ouvem-se, ao contrário do que ocorre em

português, geralmente vários toques (por ex. em *bráku* ['braku] 'buraco'); na coda silábica, antes de outra consoante (por ex. em *bárku* ['barku] 'barco') costuma haver só um toque. Nas transcrições fonéticas desta gramática usamos [r] para todas estas variantes.

#### 1.2.2.4.5 Nasalidade

A nível fonético, os fonemas consonânticos nasalizados constam de uma sequência de um elemento nasal seguido de uma consoante oral. Na maioria dos casos, o primeiro elemento é uma consoante nasal que antecipa o ponto de articulação da segunda.

É o caso de todos os fonemas consonânticos nasalizados que ocorrem em posição inicial absoluta ou no interior de uma palavra fónica após uma palavra que termina em consoante. Reptimos aqui alguns dos exemplos já dados em 1.2.2.1, omitindo a indicação dos seus significados: *npára* ['mparɐ] v., *nton* ['ntõ(ŋ)] adv., *nkontra* ['ŋkontrɐ] v., *nburdia* ['mburdjɐ] v., *ndoxa* ['ndoʃɐ] v., *ndjudjun* ['ŋɟɟũ(ŋ)] adj., *nguli* ['ŋguli] v., *nforka* ['mɔrkɐ] v., *nsoda* ['nsodɐ] v., *nxina* ['ŋʃinɐ] v., *nvira* ['mɔvirɐ] v., *nzámi* ['nzami] s., *Njenhu* ['ŋjɛɲu] s., *nliona* ['nljonɐ] v. etc. e, de forma análoga, *Es nkontra-l* [ez'ŋkontrɐl], etc.

No interior de uma palavra, só podem ocorrer fonemas consonânticos nasalizados após fonemas vocálicos. Está-se então em presença de uma transição silábica globalmente nasalizada (/ -V|Č -/). A realização da nasalidade de uma transição silábica globalmente nasalizada varia em função do modo de articulação do fonema consonântico segundo regras que especificámos em 1.2.0.

Numa transição silábica com consoante oclusiva ou lateral, esta nasalidade manifesta-se no plano fonético através da aparição de uma consoante nasal. Cf. *kánpia* ['kampjɐ] v. 'vadiar',

*kánta* ['kantɐ] v. 'cantar', *sántxu* ['saj̃cu] s. 'macaco (grande)', *kánba* ['kambɐ] v. 'entrar, desaparecer', *rónða* ['rɔ̃ndɐ] s. 'ronda', *djondjo* ['ʝõɲʝu] v. 'enlaçar, ligar', *konko* ['kõŋku] v. 'bater, abanar', *disdongu* [diz'dõŋgu] v. 'fingir-se de surdo, não responder', *konloia* [kon'lojɐ] v. 'conluiar', etc.

Numa transição silábica com uma consoante que não é nem oclusiva nem lateral, esta nasalidade manifesta-se no plano fonético na nasalidade da vogal precedente. Cf. *kunfia* ['kũfjɐ] v. 'confiar', *konvérsa* [kõ'vɛrsɐ] s. 'conversa', *pensa* ['pɛsɐ] v. 'pensar', *ónzi* [õzi] num. '11', *konxe* ['kõʃi] v. 'conhecer', *lonji* ['lõʒi] adv. 'longe', *ónra* [õrɐ] s. 'honra', etc.

Quanto acabamos de dizer a respeito das transições silábicas no interior das palavras vale também para os casos em que uma palavra começada por consoante nasalizada segue, dentro da mesma palavra fónica, outra que termina por vogal. Cf. por um lado *Nu nkontra-l* [nũkon'trɐl], e por outro lado *E fase nzámi* [e'fɛsĩ'zami], etc.

A questão da realização da nasalidade dos fonemas consonânticos nasalizados em posição final não se coloca, pois eles não ocorrem nesta posição.

#### 1.2.2.5 Neutralizações

Para o conceito de 'neutralização' remetemos o leitor para o parágrafo 1.2.1.6.

É no início da palavra fónica onde se verifica, no crioulo de Santiago, o máximo de oposições consonânticas. Nesta posição opõem-se entre elas todas as consoantes deste crioulo (exceto, tal vez, os fonemas /ʃ/, /ʒ/ e /r̃/, o primeiro ainda não documentado de todo e os restantes ainda não documentados nesta posição). Quando segue(m) outra(s) consoante(s), fica neutralizada a oposição entre [s] e [z], nas variedades que a conhecem (cf. 1.2.2.1.3). O representante do arquifonema soa

[s] diante de consoante surda e [z] antes de consoante vozeada (cf. *spánta* ['spantɐ] v. 'assustar(-se)' vs. *sbánja* ['zbãʒɐ] v. 'esbanjar', etc.). Observa-se a mesma neutralização em posição final de sílaba. O representante do arquifonema soa [s] antes de uma pausa ou antes de uma consoante surda, e [z] nos restantes casos. Cf. por um lado, *Dja N tene pás!* [...'pas], *E tenba dos katxor* [...'doska'cor] e, por outro lado, *désdi ónti* ['dɛz'djɔnti], *Es ben noti* [ez'bɛ'noti] e até *E fra-l tudu dos odju* [...'tudu'do'zoʒu] (cf. Veiga 1982: 54).

No interior das palavras fónicas não há oposições entre consoantes orais e consoantes nasalizadas, mas apenas, como explicámos em 1.2.0 e 1.2.2.4.5, entre transições silábicas globalmente orais (-V/C-), transições silábicas globalmente nasalizadas (-V/Ĉ-) e transições silábicas do tipo 'vogal oral + consoante nasal' (-V/N-).

#### 1.2.2.6 Combinatória

##### 1.2.2.6.1 Generalidades

O elevado número de fonemas consonânticos de que dispõe o crioulo de Santiago condiz com o número relativamente baixo de grupos consonânticos que nele ocorrem. Neste crioulo, não há consoantes dobradas, são pouco frequentes as sequências de duas ou três consoantes e não há sequências de quatro ou mais consoantes. Predominam as sílabas livres (cf. para este conceito 1.1.4) e sequências silábicas do tipo CVCV... .

Em posição final de sílaba só ocorrem as consoantes [r], [l] e [s]. Pode haver exceções a esta regra em estrangeirismos de introdução recente (cf. por exemplo *dróps* s. 'rebuçado' < ingl. *drops*). Para [-õŋ] em *raskon* adj. 'chique', *E fla-m* 'Disse-me', etc., cf. 1.2.0 e 1.2.1.5.5.

Nas sequências consonânticas, a parte explosiva só pode constar de (sequências de) consoantes orais ou nasais, que também podem iniciar uma palavra, mas nunca de uma consoante nasalizada. Consequentemente, encontramos na parte explosiva

de uma sequência consonântica sobretudo consoantes simples (excepto /k/ e as nasalizadas). Sequências consonânticas que podem constituir a parte explosiva de uma sequência consonântica constam sempre de uma oclusiva oral seguida de /r/ ou /l/, isto é, de uma daquelas sequências que os gramáticos latinos chamaram de 'muta cum liquida'. No início de uma palavra, a única consoante que pode ocorrer antes de 'muta cum liquida' é /s/.

Concretamente, encontramos as seguintes (sequências de) consoantes no fim, no início e no interior de palavras:

#### 1.2.2.6.2 Final da palavra

Na posição final de uma palavra (ou de uma sílaba) não ocorrem sequências consonânticas. Os fonemas consonânticos simples que podem aparecer nesta posição são /r/, /l/ e /s/:

/-r/ ex.: *már* s. 'mar', *lugár* s. 'lugar', *bapor* s. 'vapor, navio', etc.

/-l/ ex.: *ál* part. verbal, *kál* pron. interr., *kel* pron. dem., *el* pron. pess., *mel* s. 'mel', *lansol* s. 'lençol', etc.

/-s/ ex.: *es* pron. pess e dem., *nos* pron. pess. e poss., *dos* num., *mes* s. 'mês', *kuskus* s. 'cuscuz', etc., e todos os plurais em /-s/ (cf. 6.2.2).

#### 1.2.2.6.3 Início da palavra

Nesta posição ocorrem consoantes simples e sequências de duas ou três consoantes:

Uma consoante: Documentam-se todas as consoantes excepto /k/ e /k̃/ (exemplos em 1.2.2)

Duas consoantes: Encontrámos exemplos para os seguintes grupos:



/Cr-/ C sendo uma consoante oclusiva oral ou nasalizada não africada, um /f/ ou um /f̃/. Exemplos: *prende* v. 'aprender', *tra* v. 'tirar', *kre* v. 'querer', *brásu* s. 'braço', *dretu* adj./adv. 'bom, diretamente', *gránde* adj. 'grande', *frega* (var. de *ferga* v.) 'esfregar', *nprista* v. 'emprestar, tomar emprestado', *ntrega* v. 'entregar', *nkrusa* v. 'cruzar', *nbrabise* v. 'tornar-se agressivo', *ndreta* v. 'endireitar-se', *ngrósa* v. 'crescer', *nfrakise* v. 'enfraquecer', etc.

/Cl-/ C sendo uma consoante oclusiva oral labial ou velar, um /f/ ou um /f̃/. Exemplos: *plánta* s. 'planta', *kláru* adj. 'claro, nítido', *blóku* s. 'bloco de betão', (*glin-glin-glin* onom.), *fla* v. 'dizer', *nflema* v. 'inflamar-se', etc.

/sC-/ C sendo uma consoante oclusiva oral não africada, um /f/ ou um /m/. Exemplos: *spértu* adj. 'esperto', *stángu* s. 'estômago', *skese* v. 'esquecer', *sfaimádu* adj. 'esfomeado', *sbánja* v. 'esbanjar', (falta-nos um exemplo para *sd-*), *sgota* v. 'esgotar(-se)', *smáia* v. 'desmaiar', etc. Nos últimos exemplos, a pronúncia é [zb-], [zd-], [zg-] e [zm-] (cf. 1.2.2.5).

Três consoantes: Encontrámos exemplos para os seguintes grupos:

/sCr-/ C sendo uma consoante oclusiva surda oral não africada ou um /f/. Exemplos: *spremi* v. 'espremer (-se)', *stréla* s. 'estrela', *skrebe* v. 'escrever', *sfrega* (var. de *ferga* v.) 'esfregar', etc.

/spl-/ Exemplos: *splika* v. 'explicar', *splóra* v. 'abusar, explorar', etc.

#### 1.2.2.6.4 Interior da palavra

Uma consoante: em posição intervocálica encontrámos documentadas todas as consoantes exceto /ǰ/.

Duas consoantes: Encontrámos exemplos para os seguintes grupos: Todas as sequências de duas consoantes que podem apa-

recer no início de uma palavra (cf. 1.2.2.6.3). Além disso:

/-rC-/ C sendo uma consoante qualquer que não seja nem nasalizada, nem uma das palatais africadas /c/, /j/, laterais /ʎ/, /ʃ/ ou nasais /ɲ/. Exemplos: *korpu* s. 'corpo', *kortamentu di bariga* s. 'dores de barriga acompanhadas de diarreia', *porku* s. 'porco', *bárba* s. 'barba', *berdi* adj. 'verde', *purgunta* s. 'pergunta', *purfiâ* v. 'teimar, insistir', *parse* v. 'aparecer', *márxa* s. 'marcha', *kurva* (var. de *kurba* s.) 'curva, dobra do joelho', *katorzi* num. '14', *San Jorji* topónimo, *Bárlaventu* topónimo, *fórma* s. 'modo, maneira', *inférnu* s. 'inferno', etc.

/-lC-/ C sendo uma consoante qualquer que não seja nem nasalizada, nem uma das seguintes: /j/, /z/, /ʒ/, /r/, /ʎ/, /n/, ou /ɲ/. Exemplos: *kulpádu* adj. 'culpado', *volta* v. 'voltar', *koltxon* s. 'colchão', *kálku* s. 'plano, cálculo', *albês* adv. 'às vezes, talvez', *soldádu* s. 'soldado', *algen* pron. indef., *alfási* s. 'alfaca', *bólsa* s. 'saco, bolsa', *kólxa* (var. de *kóltxa* s.) 'colchão', *sálva* (var. de *sálba* v.) cerimónia que faz parte da *tabánka*, *almusu* s. 'almoço', etc.

/-vr-/ Exemplo: *livru* (var. de *libru* s.) 'livro', etc.

Três consoantes: Em princípio todas as sequências de três consoantes que podem ocorrer no início das palavras (cf. 1.2.2.6.3). Exemplo: *mostra* v. 'mostrar'. Além disso, em princípio, todas as sequências de duas consoantes que podem ocorrer no início das palavras (cf. 1.2.2.6.3) - salvo as que comecem por uma nasalizada precedidas de um /r/ ou /l/ a fechar sílaba.

#### 1.2.2.7 Mudanças na área das consoantes

Impõem-se chamar a atenção para duas mudanças linguísticas atualmente em curso na área do consonantismo do crioulo santiaguense que estão a modificar ligeiramente a combinatória das vogais e consoantes descrita nas secções 1.2.1.8 e 1.2.2.6

deste capítulo. Temos de deixar para trabalhos futuros a delimitação geográfica e social das variedades que (já) levaram a cabo a respetiva mudança, e as questões de saber se estas variedades são as mesmas nos dois casos, saber quais são exatamente os contextos fónicos em que as mudanças ocorrem e se estas continuam atualmente a estender-se a novos contextos e novas variedades.

#### 1.2.2.7.1 Queda do /b/ intervocálico

Em determinadas variedades do santiaguense, o /b/ cai quando se encontra entre determinadas vogais. Até agora, encontramos exemplos desta queda para as sequências /ibu/ > /iu/, /e**b**e/ > /e**e**/, /a**b**e/ > /e/, /**e**ba/ > /a/, /**e**bu/ > /**e**u/, /a**b**e/ > /a(**e**)/, /abu/ > /au/, /uba/ > /a/. Como se vê, nalguns casos cai também uma das vogais que, devido a esta queda, entram em contato.

A queda do /b/ afeta o léxico, a morfologia e a fonética sintática: no léxico produz variantes do tipo *kábu* ~ *káu* s. 'lugar', na morfologia variantes do tipo *kantába* ~ *kantá'a* ~ *kantá'* ('anterior' - cf. para esta categoria verbal 4.3.5 - do verbo *kánta* 'cantar'). Desde a publicação da gramática de António de Paula Brito em 1887 a esta parte, esta mudança levou à redução da sequência de desinências *-duba* (*-du* indicando 'passividade' e *-ba* 'anterioridade') em *fazeduba*, *kantáduba*, etc. a *-da* (*fazedada*, *kantáda*, etc., cf. Quint 2000: 235 e aqui 4.2.1.3). Mas surpreendem sobretudo os efeitos que a mudança em questão produz ao nível sintático. De facto, ouve-se

ao lado de:	também:
E faze-bu fésta.	E faze-u fésta.
E ta po-bu trabádja.	E ta po-u trabádja.
N kre pa bu faze-m es kusa.	N kre pa'u faze-m es kusa.
Si bu kre.	Si'u kre.
E ta ben móre.	E t'en móre.
E ta bá ta móre.	E t'á ta móre.
etc.	etc.

A queda do /b/ intervocálico leva a um considerável aumento do número de ditongos e hiatos admitidos no crioulo de Santiago. Estes novos hiatos e ditongos não foram tidos em conta em 1.2.1.8.

#### 1.2.2.7.2 Vocalização do /l/ pré-consonântico

Em determinadas variedades do crioulo de Santiago o /l/ transformou-se em [ɨ] implosivo, quando seguido de determinadas consoantes. Entre as consoantes diante das quais tal aconteceu registámos /p/, /t/, /k/ e /s/, mas é possível que haja outras. De facto, parece que a vocalização ocorreu sobretudo ou até apenas depois de vogais centrais ou posteriores como [ɐ], [a], [ɔ], [o] e [u], que formam um claro contraste com o [ɨ] anterior resultante da vocalização do /l/. Encontrámos, por exemplo, *páipa*, *fáita*, *káika*, *káisa* em vez de *pálpa* v. '(a)palpar', *fálta* v. 'faltar', *kálka* v. 'pressionar', *kálsa* s. 'calças', e também *kaisádu* em vez de *kalsádu* adj. 'calçado', *bóisa*, *vóita* em vez de *bólisa* s. 'saco, bolsa', *vólta* s. 'regresso, volta', *kuipa*, *insuita* em vez de *kulpa* s. 'culpa', *insulta* v. 'insultar', etc.

A mudança em questão aumenta, nas variedades que adotam a inovação, a frequência dos ditongos decrescentes [ɐɨ], [aɨ], [ɔɨ], [oɨ] e [uɨ] (cf. 1.2.1.8.2) e reduz a frequência de sílabas travadas (cf. 1.1.4).

#### 1.2.2.8 A fala de Nhu Lobu

É interessante constatar que a vocalização do /l/ em posição pré-consonântica faz parte das particularidades fónicas que caracterizam, na coletânea de contos *Na bóka noti I*, editada por Tomé Varela da Silva, o modo de falar de Nhu Lobu, protagonista, junto com Xibinhu. Observámos esta característica linguística na fala de Nhu Lobu em 19 dos 23 contos (números

64 a 85, inclusive o conto 80a) que formam a última parte da colectânea, intitulada *Lobu ku Xibinhu*. 16 destes 19 contos são achegas do próprio editor.

A caracterização linguística da fala desta personagem gulosa e brutal, mas felizmente também muito estúpida, vai, porém, mais longe. Nhu Lobu tem vários problemas de pronúncia. Por um lado, palataliza todos os [s] e [z] tornando-os [ʃ] e [ʒ]. Diz *xabe*, *máx*, *méxa*, *xta*, *mexte*, *kuáji*, etc., em vez de *sabe* v. 'saber', *más* quantificador, *mésa* s. 'mesa', *sta* v. 'estar', *meste* v. 'precisar, ter de (fazer uma coisa)', *kuázi* adv. 'quase', etc. Por outro lado, substitui sistematicamente [r] e [l] por [j]. Diz *iagaiádu*, *nhu iei*, *iótxa*, *ianhóna*, *ia*, *i*, *kaieion*, *buiu*, *máia*, *baíga*, *xéia*, *pion*, *kei*, *goidu*, *foixa*, *méida*, etc., em vez de *ragaládu* adj. 'arregalado', *nhu rei* 'o senhor rei', *rótxa* s. 'rocha', *lanhóna* (aumentativo de *lánhu* s. 'naco, pedaço'), *la* adv., *li* adv., *kaleron* s. 'caldeirão', *buru* s. 'burro', *mára* v. 'amarrar', *bariga* s. 'barriga', *séla* s. 'sela', *pilon* s. 'pilão', *kel* pron. dem., *gordu* adj. 'gordo', *forsa* s. 'força', *mérda* s. 'merda', etc. E nas sequências do tipo 'muta cum liquida', simplesmente omite [r] e [l], dizendo *pópi*, *ke*, *gándi*, *pimeiu*, *fa*, etc., em vez de *próp(r)i* adj./adv. 'próprio, realmente', *kre* v. 'querer', *grándi* adj. 'grande', *primeru* num. 'primeiro', *fla* v. 'dizer', etc. Às vezes ocorrem ainda outras palatalizações de tipo assimilatório (cf., por exemplo *tximodi*, *txántxu*, *txankinhu*, etc., em vez de *tirmódi* adv. 'de qualquer modo', *sántxu* s. 'macaco (grande)', *santxinhu* s. diminutivo de *sántxu*, etc.).

### 1.3 Fenómenos fónicos suprasegmentais

#### 1.3.1 Estrutura fónica da sílaba

Em 1.2.2.6 já observámos que no crioulo de Santiago predominam as sílabas livres (cf. para este conceito 1.1.4) e sequências silábicas do tipo CV/CV/CV/..., C representando um fonema consonântico e V um fonema vocálico. No entanto, são numerosas as sílabas que não seguem este padrão. Falamos da-

quelas que começam por dois ou até três fonemas consonânticos (ex. **fla** v. 'dizer', **tra** v. 'tirar', **skrebe** v. 'escrever', etc., cf. 1.2.2.6.3), as que terminam em fonema consonântico (ex. **ál** part., es pron. pess., **kál** pron. interr., **lansól** s. 'lençol', **ár** s. 'ar', **lugár** s. 'lugar', **kuskus** s. 'cuscuz', etc., cf. 1.2.2.6.2) e as que reúnem ambas as condições (**trás** prep. 'atrás', *E* **fla-l** 'Disse-lhe', *E* **flá-s** 'Disse-lhes', etc.).

### 1.3.2 Estrutura fónica da palavra

#### 1.3.2.1 Estrutura mais usual

No crioulo de Santiago há não só um padrão silábico que predomina, mas também determinadas preferências relativamente à estrutura fónica das palavras. De facto, o predomínio de sílabas do tipo CV faz com que a maioria das palavras deste crioulo comecem por consoante e terminem por vogal.

Palavras e partículas gramaticais átonas costumam ser monossilábicas. Pelo contrário, costumam ser dissilábicas e acentuadas na primeira sílaba as palavras primitivas de conteúdo lexical. A vogal final destas palavras é então sempre uma das fechadas [-i] ou [-u] ou a semiaberta [-ɐ], nunca uma vogal aberta. Cada um destes três sons representa um dos três arquifonemas vocálicos resultantes da neutralização de todos os graus de abertura em posição final absoluta (cf. o final de 1.2.1.6.1). Exemplos: *kálsi* s. 'cálice' e *skrebe* v. 'escrever' com [-i], *mátxu* s./adj. 'macho' e *konko* v. 'bater, sacudir' com [-u], *fésta* s. 'festa' com [-ɐ].

Quando nestas palavras dissilábicas e graves a vogal da sílaba tónica não é uma das duas fechadas /i/ ou /u/, costuma ser uma semiaberta nos verbos (por ex., *sega* /e/ v. 'cegar', *sabe* /ɐ/ v. 'saber', *koba* /o/ v. 'cavar'), e uma aberta nos substantivos e adjetivos (por ex., *ségu* /ɛ/ adj. 'cego', *sábi* /a/ adj. 'agradável', *kóba* s. /ɔ/ 'buraco no chão', cf. 1.2.1.4).

Apesar da frequência das palavras dissilábicas e graves no léxico do santiaguense, convém sublinhar que, nesta língua, as

palavras léxicas não têm nem número fixo de sílabas, nem lugar fixo para o acento fônico. De facto, ocorrem palavras com três e mais sílabas (por ex. *frakéza* s. 'fraqueza', *posibilidádi* s. 'possibilidade', etc.) e ocorrem também palavras 'agudas' (com o acento fônico na última sílaba) e 'esdrúxulas' (com o acento na antepenúltima sílaba) (por ex., *barapó* s. 'varapau' e *prá-tiku* adj. 'prático').

### 1.3.2.2 Tonicidade

#### 1.3.2.2.1 Natureza do acento fônico

Como já se disse em 1.1.3, no crioulo de Santiago é sobretudo a intensidade que distingue as sílabas tónicas das átonas.

Quando a sílaba tónica não é a última sílaba da palavra, costuma ser ainda sensivelmente mais longa que todas as sílabas átonas da palavra. E se, para além disso, se tratar de uma sílaba livre, isto é, uma sílaba terminada em vogal, então o prolongamento da sílaba resulta diretamente de um correspondente prolongamento da vogal (cf. 1.2.1.5.4).

#### 1.3.2.2.2 Palavras tónicas e átonas

É relativamente fácil dividir as palavras do santiaguense em tónicas (que contêm uma sílaba tónica) e átonas (sem sílaba tónica). Isto, apesar de muitas palavras átonas poderem, em determinadas circunstâncias, tornar-se momentaneamente tónicas e vice-versa. Pode dar-se o primeiro caso, por exemplo, quando o falante quer corrigir um equívoco. Exemplo: *Bu fla ma dja bu faze-l?* - *Náu, N fla ma N ta faze-l!* 'Você disse que já o fez? - Não, disse que o vou fazer!'. O segundo caso dá-se frequentemente em função do contexto sintático ou ao falar depressa. Cf. por exemplo *Éra nha pai* 'Era o meu pai', mas *Ténpu éra di grándi nisisidádi* 'Corriam tempos muito difíceis', e não *\*Ténpu éra di grándi nisisidádi*. Note-se que o grau de abertura das vogais afetadas não muda, nestes casos, o [ɐ] da partícula

ta ficando semiaberto e o [ɛ] da forma verbal *éra*, em contradição com as regras de neutralização descritas em 1.2.1.6.1, ficando aberto.

Sem visar a exaustividade, agrupamos aqui as palavras do crioulo de Santiago em tónicas e átonas. Regra geral, são átonas a grande maioria das palavras monossilábicas de significado gramatical. É o caso das partículas verbais *sa* e *ta*, da maioria das preposições monossilábicas (cf. *na*, *di*, *ti*, *pa*, *ku*), da conjunção de coordenação *y*, da partícula de negação *ka* e dos 'subordinadores' (ingl. 'complementizers') *ki*, *ma* e *si*. Para o artigo indefinido *un(s)*, átono, existe uma variante enfática *uma(s)*, sempre tónica e de valor aumentativo (cf. 8.1.1.3). Os pronomes pessoais e possessivos dispõem de formas tónicas e átonas que, regra geral, diferem também entre si ao nível da sua estrutura morfológica. Encontramos, assim, ao lado dos pronomes pessoais tónicos sg. 1 *mi*, 2 *bo*, 2 cortês m. *nho*, 2 cortês f. *nha*, 3 *el*, pl. 1 *nos*, 2 *nhos*, 3 *es* (ou sg. 1 *ami*, 2 *abo*, etc.), as formas átonas sg. 1 *N* (forma proclítica) e *-m* (forma enclítica), 2 *bu* e *-(b)u*, 2 cortês m. *nhu*, 2 cortês f. *nha*, 3 *e(l)* e *-l*, pl. 1 *nu* e *-nu*, 2 *nhos* e 3 *es* e *-s* (cf. 10.1.3). Para os pronomes pessoais *nhu*, *nha* e *nhos* não há variante para uso enclítico. Ao lado dos adjetivos possessivos átonos sg. 1 *nha*, 2 *bu*, 3 *si*, pl. 1 *nos*, 2 *nhos*, 3 *ses* há os substantivos possessivos tónicos sg. 1 *di meu*, 2 *di bo*, 2 cortês m. *di nho*, 2 cortês f. *di nha*, 3 *di sel*, pl. 1 *di nos*, 2 *di nhos*, 3. *di ses* (cf. 10.2.3).

Além das palavras tónicas já mencionadas, pertencem a esta classe, em primeiro lugar, todas as que têm significado lexical (substantivos, adjetivos, verbos e os autênticos advérbios) - exceto a forma *e* do verbo copulativo. Entre as preposições, são tónicas duas monossilábicas (*sen* e *trás*) e todas as polissilábicas (*désdi*, *kóntra*, *ántis*, *duránti*, *dipôs*, *diánti*, *báxu*, *riba*, *sobri*, *dentu*, *fóra*, *entri*), assim como todas as locuções preposicionais polissilábicas, que, aliás, costumam conter um elemento de significado originariamente lexical (cf. 14.3). Também são tónicas todas as conjunções polissilábicas (cf., por exemplo, *enbóra*, *inkuántu*, *kelóki*, *óki*, *pamodi*, *sima*), todos os pronomes interrogativos e os advérbios *más* 'mais', *so* 'só' e *nen* 'nem'.



Há palavras monossilábicas que se apresentam como átonas ou tónicas consoante a função sintática que o falante lhes atribua. É o que já pudemos observar a respeito dos pronomes pessoais *el*, *nhos*, *es*. Os demonstrativos *es*, *kel* (plural *kes*) são átonos quando empregados em função adjetiva ou quando seguidos de *li* 'aqui' ou *la* 'lá'. Pelo contrário, realizam-se como tónicos sempre que exerçam a função substantiva sem irem acompanhados de *li* ou *la*: *Fládu m'e ka kel*. *M'e kel la ki nhu sta riba d'el* (412/27) 'Disseram que não é este [o pilão que faz falta]. Que é esse no qual o senhor está sentado'; *Nhu rei dja fikába-el kel un fidju fémia, kel más nóbu di kes séti* (270/27) 'Ao rei, já [só] lhe ficava uma filha, a mais nova das sete'; *El máina kabalgadura, el prusima, el pirgunta un di kes: ...* (313/24) 'Fez abrandar o cavalo e perguntou a um deles: ...'. *La* é átono quando funciona como preposição (cf. *Mudjer stába la kusinha* 'A mulher estava na cozinha'), mas é tónico (tal como o seu correspondente *li*) quando determina a distância de um objeto (cf. *Nu ta kunpra kel [kasa] la* 'Compraremos aquela casa').

#### 1.3.2.2.3 Lugar da sílaba tónica dentro da palavra

Não obstante a sílaba tónica ser frequentemente a penúltima, na maioria das palavras tónicas polissilábicas do santia-guense (são as palavras a que se chamam 'graves'), o lugar da sílaba tónica não é previsível. Há também palavras polissilábicas cuja sílaba tónica é a última (chamam-se 'palavras agudas') ou a antepenúltima (são as 'palavras esdrúxulas'). Nos verbos, a tonicidade desloca-se, quando segue uma desinência ou um pronome enclítico, da penúltima para a última sílaba da base lexical: diz-se *E kume* 'Comeu', mas *E kumeba* 'Tinha comido' e *E kume-1* 'Comeu-o' (cf. 4.2.1.5 e 10.1.4.4). No entanto, devido à grande preponderância de palavras graves, é quase impossível alegar pares mínimos assentes exclusivamente na posição do acento fónico. Mesmo nos pares do tipo *kánta/kántá'*, *xuxa/xuxá'* (*kántá'*, *xuxá'*, etc. são variantes das formas do anterior *kántába*, *xuxába*, cf. 1.2.2.7.1 e 4.2.1.6) cada elemento do par distingue-se do outro não só pelo lugar do

acento fónico, mas também pelo grau de abertura da vogal final ([-e]/[-a]).

As palavras polissilábicas agudas costumam terminar em [-r], [-l] ou [-s], em vogal nasalizada (cf. por ex. *kuskus* s. 'cuscuz', *lugár* s. 'lugar', *margós* adj. 'amargo', *poial* s. 'muro que rodeia o espaço à frente da entrada das casas tradicionais', *ruspetador* adj. 'respeitador' e *manhan* adv. 'amanhã', *pilon* s. 'pilão', *xeren* s. 'sêmola de milho'), ou, mais raramente, em vogal oral (cf. por ex. *banbá* adv. 'talvez', *barapó* s. 'varapau', *kafé* s. 'café, cafeteria'). As palavras esdrúxulas costumam ser palavras de introdução recente na língua (por ex. *prátiku* adj. 'prático'). As três últimas sílabas da palavra são as únicas que podem receber acento fónico em santiaguense.

Nas palavras constituídas por dois lexemas (i.e. palavras compostas), ambas as partes conservam o seu acento fónico (cf. por ex. *fáxi-fáxi* adv. 'rapidamente', *fian-fian* v. 'labutar', *kebra-ndjudjun* s. 'pequeno almoço', *Káuberdi* s. 'Cabo Verde'). Nas palavras em que mais de uma sílaba precede a sílaba tónica, percebe-se nitidamente uma diferença entre a sílaba inicial, que leva um acento fónico secundário, e as sílabas realmente átonas na vizinhança imediata da sílaba tónica (cf. por ex. *brînkadjon* s./adj. 'brincalhão', *lâbrador* s. 'lavrador', *nòbidádi* s. 'novidade, notícia', *pâpelinhu* s. 'papelinho', *râpariga* s. 'rapariga, amante'). A ortografia oficial do crioulo caboverdiano não marca este acento secundário.

Para a marcação gráfica das sílabas tónicas, remetemos o leitor para 2.2.2.

### 1.3.3 Grupo tónico

Em 1.1.3 definimos o grupo tónico como sequência fónica constituída por uma sílaba acentuada e todas as sílabas não acentuadas ou 'átonas' que eventualmente se apoiam nela, seja precedendo-a seja seguindo-a. E acabamos de ver que não faltam palavras átonas no crioulo de Santiago. Juntando estas duas afirmações, resulta que o grupo fónico pode compreender mais de uma palavra neste crioulo.

### 1.3.3.1 Próclise e ênclise

Palavras átonas que se apoiam numa palavra tónica subsequente estão em posição proclítica. No crioulo de Santiago, encontram-se regularmente em próclise precedendo um substantivo (eventualmente um adjetivo mais um substantivo) as preposições monossilábicas e átonas *na*, *di*, *ti*, *pa* e *ku*, os adjetivos demonstrativos e possessivos, assim como o artigo indefinido *un* (em caso de acumulação nesta ordem, cf. por ex. *ku es si amigu* 'com este seu amigo', *ku kel un amigu* 'com esse amigo', literalmente 'com esse um amigo'). Aparecem em próclise diante do verbo as seguintes formas átonas dos pronomes pessoais: sg. 1 *N*, 2 fam. *bu*, cortês m. *nhu*, cortês f. *nha*, 3 *el* ou *e*, pl. 1 *nu*, 2 *nhos* e 3 *es*. Surgem igualmente em próclise a partícula de negação *ka* e as partículas verbais *sa*, *ta* (em caso de acumulação nesta ordem, cf. por ex. *E ka sa ta trabádjá* 'Não está a trabalhar'). Os subordinadores *ki*, *ma* e *si* precedem (a parte proclítica d) o primeiro grupo tónico das subordinadas que introduzem.

Palavras átonas que se apoiam numa palavra tónica precedente encontram-se em posição enclítica. No crioulo de Santiago, não costuma haver palavras em posição enclítica depois de substantivos ou adjetivos. Contudo, depois de um verbo desprovido de desinência, escolhe-se para a designação pronominal do seu objeto a forma enclítica do pronome pessoal, se a houver, passando o acento tónico do verbo para a sua última sílaba (cf. de novo *E kume* 'Ele comeu', mas *E come-l* 'Comeu-o'). As formas disponíveis são sg. 1 *-m*, 2 *-(b)u*, 3 *-l*, pl. 1 *-nu*, 3 *-s*. Para o tratamento cortês de segunda pessoa do singular e para a segunda pessoa do plural (onde não se distingue entre tratamento cortês e familiar) não há formas enclíticas, sendo necessário recorrer às formas tónicas *-nho*, *-nha* e *-nhos*, que formam então um grupo tónico à parte (cf. *E txoma* 'Chamou', e *E txoma-nhos* 'Chamou vocês'). Também é preciso recorrer à forma tónica do pronome quando o pronome pessoal segue um verbo provido de desinência (*-ba*, *-du* ou *-da*) ou quando se trata de designar o segundo objeto do verbo (cf. *E manda-l* 'Mandou-o', mas *E mandába-el* 'Tinha-o mandado' e *E mandá-nu el* 'Mandou-no-lo'). De facto, estamos em presença de uma regra fonotática e

não gramatical, pois não importa tratar-se de dois complementos (indireto e direto) designando objetos diferentes ou de uma dupla designação de um mesmo objeto como no exemplo seguinte: ... *bu dexa-m mi so riba d'es mundu li*, ... (147/6) '... deixaste-me [a mim] só neste mundo de aqui, ...' onde o falante, ao dizer *-m mi* se refere duas vezes a si mesmo.

Fica por dizer que há também nas sílabas tônicas de um grupo fônico uma certa gradação da intensidade. Os pronomes pessoais de objeto, mesmo quando tônicos, costumam sê-lo um pouco menos que a sílaba tônica do verbo, etc.

### 1.3.3.2 Elisões

O papel do grupo tônico é importante no crioulo de Santiago, pois o emprego proclítico ou enclítico de palavras átonas desta língua implica muitos fenómenos 'sandhi'. Conforme um uso difundido, designamos por 'sandhi' toda a variação fonética que ocorre ao entrarem em contato duas palavras pertencentes ao mesmo grupo fônico. Isto inclui a assimilação do *-s* em posição final de palavra à sonoridade da consoante inicial de uma palavra subsequente. Só que esta assimilação ocorre também dentro da mesma palavra, antes de sílaba iniciada por consoante vozeada (cf. 1.2.2.1.2.2).

Os fenómenos 'sandhi' do santiaguense, mais especificamente relacionados com o grupo tônico, são as frequentes sinalefas, seja sob a forma da fusão de vogais finais e vogais iniciais em ditongos ou tritongos (sinérese), seja sob a forma da simples elisão de uma vogal final antes de uma vogal inicial.

A ortografia oficial não reflete as sinéreses. Foneticamente, estas costumam produzir os ditongos e tritongos expectáveis: cf. por exemplo *N fika ti onti* ['ɲfike'tjonti] 'Fiquei até ontem'; *Nu átxa kabritu* ['hwac'eke'britu] 'Achámos o cabrito', *N ta kusiá-u bu katxupa* [nt'eku'sjaɥbuke'cupɐ] 'Vou cozinhar-te a tua cachupa', etc. Do encontro de um [-u] e de um [el], costuma, porém, resultar não [wel], mas [wɛl]: *E kre ká-sa ku el* [e'kre'kasɐ'kwɛl] 'Quer casar-se com ele/ela'.

Pelo contrário, a ortografia oficial costuma refletir a elisão - ao que parece, sempre opcional - através da junção das palavras e substituição da vogal elidida por um apóstrofo. Graças às elisões existem frequentemente alomorfes, longos e curtos, de palavras monossilábicas de conteúdo gramatical. Considerando que elementos que têm a mesma vogal final se comportam por vezes de forma análoga neste aspeto, agrupamos os elementos segundo a vogal afetada pela elisão.

Elisão de -a [ɐ]:

A elisão de -a [ɐ] ocorre no advérbio *dja* adv. (cf. 10.5.5.1), na partícula de negação *ka* (cf. 17.2), no subordinador de orações *ma* (cf. 12.2), nas preposições *na* e *pa* (cf. 14.2.1 e 14.2.5), no pronome pessoal átono da segunda pessoa do singular para o tratamento cortês de mulheres *nha* (cf. 10.1.4.3), no adjetivo possessivo da primeira pessoa do singular *nha* (cf. 10.2.3.2) e na partícula verbal *ta* (cf. 4.3.3).

Ao lado de:

**Dja es** andába sérka di un kilómitru, ... (31/34)

Abo nunka N **ka odjá**-bu na fera! (NL 58/9)

Bránka Rumána rusponde-l **ma el** sa ta ánda ta buska ramédi  
... (382/9)

..., es txiga **na un** kábu undi ... (457/21)

Kántu e kába po kumida na prátu **pa es** tudu, ... (31/9)

..., bándá di dés y meia **pa ónzi** óra di palmanhan, ...  
(42/12)

Mamai, kelóki **nha odja** nha katxoris ta koba txon fadigádu,  
<...>, nha largá-s tudu! (285/32)

Mi go ki ta bá buska **nha irmon** ku ramédi pa N traze-nho,  
... (289/15)

etc.

encontrámos, com elisão:

Nha kurason **dj'abizába**-mi bédju, ka d'oxi [ma nho ê ka mi-

ninu]! (322/7)  
Partidja ka fiká-s sábi, **dj'es** raduzi go na mata-m ...  
(190/3)

..., e **k'átxa** nen un ranhadura na txon, ... (244/5)  
..., ami algen bránku sima kel nunka N **k'odjá** na nha bida.  
(NL 22/3)

Gentis fla **m'es** ta bai <fonti> si mé, purki es ka ta pode  
aguenta kel sedi. (160/31)  
Lobu ki dja diskunfiába **m'éra** Xibinhu, ... (423/6)

E bo própi ki dádji **n'es** genti li! ... (89/25)  
..., e stába águ ta disprinda, sima k'el stába **n'algun**  
trabádju forsádu. (42/24)  
E [minina] txiga, e duspi, e kai **n'águ** p'e toma bánhu, ...  
(114/18)  
ə átxa dos xuxu fémia ta kume **n'omésmu** prátu, ... (89/7)  
... sta **n'óra** d'almusu. (116/10)  
... el galopia, té k'el txiga **n'un** aldea di piskador.  
(327/21)

Oxi li N ten ki aviza nha patron **p'e** ka ta bebe kel kafé  
di tárdi, ... (128/6)  
E po mo na pórtá **p'abri**, ... (296/16)  
..., Mariâ di Pó, ka sabedu **p'undi** ki bai: ... (216/23)

Agóra, **nh'ál** diskánsa xintidu <...> Maridu di nha sta sábi  
sima pexi déntum di águ. (Oda 61/21)  
**Nh'obi** li, mi, si nha kré, N ta da-nha es [galinha ku pin-  
ton d'oru] ... (127/17)

Mamai, N ten ki bá p'undi **nh'armun** Pedru, ... (296/19)  
E nho, muréna stába kabésa nkostádu riba **nh'ónbru**. (NL 16/  
26)

Algen ma dja ka merese kusa, e ka **t'atxa**-l! (345/12)  
Nton, un kriáda ki **t'odja** Bránka Flor ta bá tudu noti pa  
bá deta ku Djuzé, ... (128/4)

Há restrições compreensíveis: no pronome pessoal *nha* não ocorre elisão antes de *u-* [u] porque tal elisão sugeriria que se trata do pronome masculino *nhu*. Evita-se a contração de *ka* éra em *k'éra* por ser esta a contração usual para *ki* éra. Contudo, ocorre o seguinte tipo de fusão das duas vogais: ..., e '**ká'ra** mutu tamánu, e ngorda, e bira rudondu (133/39).

Em *t'á* e *t'en* em vez de *ta bá* 'ir' e *ta bem* 'vir' há acumulação da elisão do *-a* [v] com a mudança fonética em curso de que tratámos em 1.2.2.7.1, isto é, com a queda do [b] intervocálico. Cf. *Nton, nu ta bai la na kel restauránti la, nu t'á toma tres serveja kada un di nos* (NL 21/21); *Pedru, abo, papá sa t'en matá-u!* (81/22).

O interrogativo *Kusê?* é resultado de uma reanálise do sintagma *Kus'ê?* com elisão do *-a* [v] de *kusa*.

A partícula *sa*, que indica 'duratividade', vai sempre seguida da partícula *ta*, que expressa 'imperfetividade' (cf. 4.3.4). A impressão de que se trata de uma elisão de um *-a* [v] ante consoante inicial, nos frequentes casos de *s'ta* em vez de *sa ta*, reforçada pelo uso do apóstrofo, é enganadora. Pelo contrário, historicamente trata-se da inserção de um [v] para desfazer um grupo consonântico, pois as variantes *s'ta* (*faze un kusa*) e *sa ta* (*faze un kusa*) derivam ambas do pg. *está* (*a fazer uma coisa*) (cf. Rougé 1988: s.v. *ta* e Lang 2000: 475-478). E parece que os próprios falantes não veem aqui uma elisão, pois escrevem frequentemente *sta* em vez de *s'ta*.

Elisão de *-i* [i]:

Encontra-se a elisão de *-i* [i] nas preposições *di* e *ti* (cf. 14.2.2 e 14.2.3), nos subordinadores de orações *ki* e *si* (cf. 12.1 e 12.3), na conjunção subordinativa *si* (cf. 15.2) e no adjetivo possessivo da terceira pessoa do singular *si* (cf. 10.2.3.2):

Prescindimos de exemplos com indicação da fonte para *di*, pois esta preposição admite a elisão do seu *-i* [i] antes de

qualquer palavra começada por vogal: na flor **d'idádi**; dentu **d'el**; xeru **d'ériba**; mel **d'abedja**; un kanéka **d'águ**; si minina **d'odju**; un baion **d'óliu**; dentu **d'un** kása; etc. Nas construções nominais onde um substantivo ou pronome introduzido pela preposição segue uma palavra da mesma classe ou uma preposição tónica aparece frequentemente um -l em vez de *di* nos casos onde o elemento regido pela preposição começa por consoante (ex. *Maridu-l nhá ê pigrisós* 'O seu marido é preguiçoso'; *E bota-l dentu-l lumi* 'Atirou-o à fogueira'; etc., cf. 14.2.2). Historicamente não parece tratar-se da transformação de um [d] fruto da elisão do [i] da preposição *di*, em [l], mas antes de um elemento herdado do wolof (cf. Lang 2009: 2.2.2.1).

Nos subordinadores *ki* e *si* e na conjunção de subordinação condicional *si*, a elisão da vogal ocorre apenas antes dos pronomes de terceira pessoa, que começam por e-:

Pedrinhu pensa: - Agóra **k'es** ta mata-m! (190/3)

Kel boi éra taun máu **k'até** dipos di mórtu, el kontinuá ta ser máu. (236/25)

A restrição dever-se-á ao desejo de evitar ambiguidades, pois a partícula de negação *ka* e a preposição *ku* também admitem a elisão da sua vogal.

...,juiz pergunta-l **s'e** ta konxe-l. (208/23)

**S'e** kontra ku piodju nos áza k'e frega na odju, odju ta bira prontu, e ta odja tudu káu! (199/26)

O adjetivo possessivo da terceira pessoa do singular *si* só admite elisão da sua vogal antes de palavra começada por *i*-:

Manel papia ku si barinha, abri odju fitxa, dja-l sabeba na pundi stába **s'irmun** Pálu.(326/20).

Elisão de -u [u]:



A elisão de *-u* ocorre na preposição *ku* (cf. 14.2.19) e no pronome pessoal átono da segunda pessoa do singular para o tratamento cortês de homens *nhu* (cf. 10.1.4.3).

Na preposição *ku* só a encontramos antes de palavra começada por *u-*. Esta restrição pode ter que ver com o facto de também o subordinador de orações *ki* e a partícula de negação *ka* admitirem a elisão da sua vogal. Abundam os exemplos de elisão da vogal de *ku* antes do artigo indefinido *un*:

Kel kusa, kusa éra un ómi **k'un** mudjer. (213/1)

Manhan, bu ten ki po-m el bira un gránda órta, xeiú di vida **k'uva** tudu madur, <...> (116/32).

Para o pronome masculino *nhu* só conseguimos documentar a elisão da sua vogal antes de palavras começadas por *o-*. Nos casos em que se verifica a elisão, cabe à situação ou ao contexto informar se se trata do pronome *nhu* ou do seu correspondente feminino *nha*:

Nhu Manel, **nh'odja**, Nhánha Tóri Fin di Mundu dexa-m k'un prizenti pa N da-nho ... (343/13).

Lembremos mais uma vez que todas as elisões de que tratamos neste parágrafo são facultativas.

Nos casos como:

..., abri odju fitxa, **dja-l** sabeba na p'undi stába s'irmun Pálu (326/20)

Manel pukenta, el pega d'un kórda, el mára na bóka d'arsapon, ku kelotu pónta el fulha Pálu, la pa fundu, **pa-l** mára na sintura, **pa-s** podeba puxa-l pa riba (326/24)

não há elisão do *e-* dos pronomes pessoais *el* e *es* da terceira pessoa do singular e do plural. De um ponto de vista estritamente sincrónico, trata-se simplesmente do uso da forma enclítica destes pronomes (cf. 10.1.1 e 10.1.4.4).

#### 1.3.4 Entoação

Neste ponto da nossa gramática, o leitor deveria encontrar um capítulo sobre entoação que o autor é, porém, incapaz de fornecer. Faltam-lhe conhecimentos teóricos para o organizar e não se dedicou nunca a estudar este aspeto do crioulo santiaguense. Aliás, teve sempre a impressão de que, impondo às suas frases uma entoação encontrada de forma intuitiva e certamente próxima de uma frase alemã mais ou menos análoga, não chocava os ouvidos dos seus interlocutores caboverdianos. Faltarão, pois, este capítulo nesta gramática como falta em tantas outras. Limitar-nos-emos a umas poucas observações.

Se no crioulo santiaguense o acento fónico é marcado principalmente pela intensidade (cf. 1.1.3), na entoação aproveitase essencialmente a altura das vogais tónicas para constituir curvas melódicas características. Há duas unidades fónicas que se caracterizam por uma entoação própria. São elas a frase (cf. 1.1.1) e a palavra fónica (cf. 1.1.2). No capítulo da entoação teria pois de haver dois subcapítulos: o que trata da entoação da frase e o que trata da entoação da palavra fónica. Considerando que a entoação da palavra fónica está forçosamente subordinada à entoação da frase, deveria tratar-se primeiro da entoação das frases e só depois da entoação das palavras fónicas. Nas frases parentéticas, nas orações relativas explicativas e por vezes também nas aposições (vejam-se os exemplos em 1.1.2), a referida subordinação costuma manifestar-se por uma menor intensidade da pronúncia e numa menor altura da sua entoação.

De resto, prevê-se que muitas opiniões amplamente difundidas acerca da entoação não resistirão a um exame pormenorizado. Entre elas, a de que toda a frase interrogativa, ou pelo menos toda a frase interrogativa total, ostenta necessariamente uma entoação especificamente interrogativa, etc.